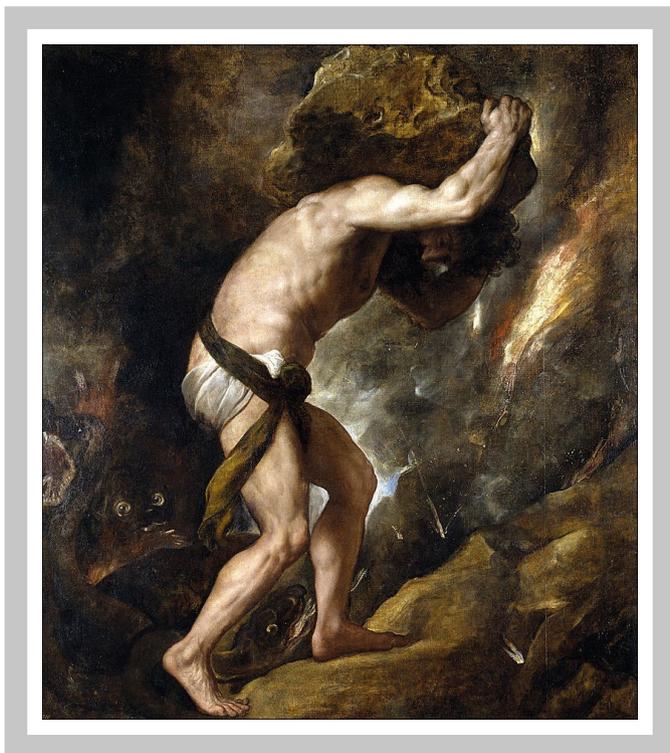


A compulsão à repetição e o mito de Sísifo: Reflexões a partir da teoria psicanalítica



Ana Flávia Cicero Conde

A compulsão à repetição
e o mito de Sísifo:
Reflexões a partir
da teoria psicanalítica



Ana Flávia Cicero Conde



Este livro conjuga psicanálise e mitologia grega realizando uma correlação entre um conceito freudiano, a compulsão à repetição, e um mito grego, o de Sísifo, com o objetivo de clarificar tal conceito, uma vez que se entende que o mito possibilita acesso às problemáticas humanas. Assim, evidencia que a compulsão à repetição corresponde a um mecanismo que se manifesta quando o psiquismo se encontra diante do excessivo, desligado e traumático, sem possuir outra forma de lidar com este tipo de conteúdo, a não ser a sua constante reapresentação.

**A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E O
MITO DE SÍSIFO:
REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA
PSICANALÍTICA**

Ana Flávia Cicero Conde

Paranavaí-PR

2019



Copyright © 2019 para a EduFatecie.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico, etc., sem a autorização, por escrito, da editora.

Todos os direitos reservados desta edição 2019 para EduFatecie.

Todas as informações da obra, ora publicada, como as marcas registradas, os logos, as imagens e quaisquer outros conteúdos utilizados, são de responsabilidade da autora.

Imagem capa: Sísifo, 1548-1549, de Tiziano Vecellio di Gregorio. Óleo sobre tela, 237x216 cm. Exposto atualmente no Museu Nacional del Prado em Madrid.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C745c Conde, Ana Flávia Cicero
A compulsão à repetição e as repetições de sísifo: reflexões a partir da teoria psicanalítica / Ana Flávia Cicero Conde. Paranavaí: EduFatecie, 2019.
203 p.
ISBN: 978-65-80055-63-0 (e-book)
Inclui referências
1. Repetição - psicanálise. 2. Compulsão - psicanálise 3. Mito de Sísifo - Freud. I. Título. II. Unifatecie.
CDD : 23 ed. 150.1952

Catalogação na publicação: Zineide Pereira dos Santos – CRB 9/1577

<https://orcid.org/0000-0001-5409-4194>



Unidade III: BR 376, km 102 - Paranavaí-PR
(Saída para Nova Londrina)
(55) (44) 3045 9898 / (55) (44) 99976-2105
www.fatecie.edu.br



CONSELHO EDITORIAL:

Prof. Dr. Alexander Rodrigues de Castro
Prof. Ms. Arthur Rosinski do Nascimento
Prof. Dra. Cassia Regina Dias Pereira
Prof. Dra. Claudinéia Conatoni da Silva Franco
Prof. Dr. Cléder Mariano Belieri
Prof. Ms. Daniel de Lima
Prof. Dra. Denise Kloekner Sbardelotto

EXPEDIENTE:

Diretor Geral: Prof. Ms. Gilmar de Oliveira
Diretor de Ensino: Prof. Ms. Daniel de Lima
Diretor Financeiro: Prof. Eduardo Luiz Campano Santini
Diretor Administrativo: Prof. Ms. Renato Valença Correia
Secretário Acadêmico: Tiago Pereira da Silva
Coord. de Ensino, Pesquisa e Extensão-CONPEX: Profa. Dra. Nelma Sgarbosa R. de Araújo
Coordenação Adjunta de Ensino: Prof. Dr. Flávio Ricardo Guilherme
Coordenação Adjunta de Pesquisa: Prof. Dra. Denise Kloekner Sbardelotto
Coordenação Adjunta de Extensão: Prof. Esp. Heider Jefferson Gonçalves
Coordenador NEAD - Núcleo de Educação a Distância: Prof. Me. Jorge Luiz Garcia Van Dal

EQUIPE EXECUTIVA:

Editora-chefe:
Prof. Dra. Denise Kloekner Sbardelotto
Editor-adjunto:
Prof. Dr. Flávio Ricardo Guilherme
Revisão Ortográfica e Gramatical:
Prof. Esp. Bruna Tavares Fernandes
Projeto Gráfico e Design:
Prof. Ms. Fábio Oliveira Vaz
Diagramação:
André Oliveira Vaz

Setor Técnico:

Prof. Ms. Fábio Oliveira Vaz
Controle Financeiro:
Prof. Eduardo Luiz Campano Santini
Assessoria Jurídica:
Prof. Ms. Leticia Baptista Rosa
Ficha catalográfica:
Tatiane Viturino de Oliveira e
Zineide Pereira dos Santos
Secretária:
Rafaela de Oliveira Sanches Barcellos
www.fatecie.edu.br/editora
edufatecie@fatecie.edu.br

Prof. Dr. Fábio José Bianchi
Prof. Dr. Flávio Ricardo Guilherme
Prof. Dra. Gléia Cristina Laverde Ricci Cândido
Prof. Dr. Heraldo Takao Hashiguti
Prof. Dr. Hudson Sérgio de Souza
Prof. Dra. Jaqueline de Carvalho Rinaldi
Prof. Dr. Julio Cesar Tocacelli Colella
Prof. Ms. Manfred Zamponi

Prof. Dr. Marcelo Henriques Savoldi Picoli
Prof. Dr. Marcos Paulo Shiozaki
Prof. Dra. Nelma Sgarbosa Roman de Araújo
Prof. Dr. Paulo Francisco Maraus
Prof. Dr. Rená Moreira Araújo
Prof. Dr. Ronan Yuzo Takeda Violin
Prof. Ms. Vanessa Gesser Correa

1ª Edição E-book: dezembro de 2019.

Paranavaí – Paraná – Brasil

Vi Sísifo, anelante e afadigado, em pés e
mãos firmar-se, pedra ingente. Para um
monte empurrando, e lá do cume. Galgado
por Crateis, rolar de novo. O pertinaz pene-
do; ei-lo persiste, Suor escorre e a testa se
empoeira

(Homero, Odisséia, XI, 466-471).

AGRADECIMENTO

Para aqueles que estiveram junto de mim nos momentos que construíram o percurso de escrita desse texto, estando perto ou à distância.

PREFÁCIO

A autora, Ana Flávia Cicero Conde, é psicóloga e professora universitária. Após graduar-se, aprofundou seus estudos em curso de especialização, no mestrado, e continua no seu processo de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E a presente obra que lhes prefacio, é o resultado de um denso e profícuo percurso investigativo, desenvolvido pela autora, no decorrer do seu mestrado. Trata-se de um mergulho no conceito de compulsão à repetição, utilizando como estratégia metodológica o uso de um mito como modelo para discutir correlações possíveis acerca de aspectos tão humanos, mantendo-se no vértice psicanalítico. Mas o que é a compulsão à repetição?

É uma força demoníaca. Com essa expressão, usada em sentido figurado, que Sigmund Freud manifesta, por semelhança, sua compreensão acerca da potência dos processos envolvidos na compulsão à repetição, que geram uma pressão coercitiva imperiosa sobre o psiquismo, sobretudo subjugando o funcionamento egóico e, conseqüentemente, impondo profundo impacto na vida do sujeito.

Um conceito com tal envergadura acompanhou mudanças teóricas profundas na psicanálise e indica um fenômeno muito complexo, tanto do ponto de vista clínico quanto metapsicológico, que por vezes se torna desorientador e enigmático se tomarmos as inúmeras implicações com outros tantos conceitos psicanalíticos e a diversidade de perspectivas adotadas por diferentes autores quanto as suas es-

pecificidades. De qualquer modo, e talvez por isso mesmo, é que a compulsão à repetição se constitui enquanto um conceito adjetivado como fundamental, essencial, importante para a psicanálise, dependendo do autor consultado.

Considerando tal complexidade é que o presente livro toma a compulsão à repetição como tema central de investigação, delineando a trajetória do seu conceito na obra freudiana, visando compreender como progressivamente foi desenvolvido e articulado no contexto do arcabouço teórico construído por Sigmund Freud. Certamente que o delineamento e a compreensão acerca da compulsão à repetição, apresentadas neste livro, traz contribuições no sentido de estabelecer algumas clarificações de facetas dessa complexidade que envolve esse fenômeno.

No processo de compreender o fenômeno da compulsão à repetição, a autora lança mão de um belo recurso, do ponto de vista estético, que fornece elementos importantes para a discussão e a clarificação do referido conceito, tanto pela perspectiva teórica quanto clínica. Trata-se da utilização do mito de Sísifo, oriundo da mitologia grega, tomado como um modelo que permitiu o estabelecimento de correlações com o que foi sendo investigado, discutido e aprofundado acerca do conhecimento psicanalítico sobre a compulsão à repetição.

Sísifo é o herói mitológico bastante conhecido em função da punição recebida. Para cumprir o castigo, tinha que empurrar uma pedra pela encosta da montanha até o seu cume, quando então a rocha voltava a rolar para o sopé, onde tudo reiniciava, fazendo-o reiniciar a mesma tarefa intermi-

navelmente. Certamente que a autora não se prende apenas a esse evento da trajetória de Sísifo, mas considera outros detalhes existentes nos relatos míticos sobre a vida deste herói, o que confere não somente maior riqueza de detalhes, mas permite aprofundar e enriquecer as discussões que o tomam como modelo para pensar a compulsão à repetição, possibilitando a ampliação e construção de conjecturas primorosas no processo de compreensão do fenômeno estudado.

Diante da complexidade da temática, com rigor metodológico e precisão conceitual, a autora inicia com um mergulho na obra freudiana, a partir da qual demonstra como Sigmund Freud foi progressivamente edificando o conceito de compulsão à repetição, desde os prenúncios às etapas iniciais de especificação do fenômeno, até às elaborações progressivas do autor, impregnadas de reflexões e articulações com outros elementos teóricos, que culminaram na sua consolidação como um conceito psicanalítico. Com esse panorama, a autora apresenta um conjunto de ideias que demonstra a singularidade do conceito estudado, com os seus múltiplos enfoques, sem eliminar o mistério que lhe é inerente, nem esgotar a riqueza de possibilidades que é possível depreender dessa trajetória.

Na continuidade de sua argumentação, procurando avançar para além do criador da psicanálise, a autora apresenta um compilado de ideias de autores pós-freudianos que versaram sobre a temática. Sem a pretensão de exaurir o assunto, mas com argumentação sólida e bem estruturada, é apresentada uma revisão em que a autora, a partir dos textos consultados de diferentes autores, constrói uma categoriza-

ção que se consolida em três modos de compreender a compulsão à repetição. A primeira a ser destacada é aquela em que os autores se apoiam no conceito de pulsão de morte como meio de entender e explicar certos aspectos da compulsão à repetição. A segunda, se centra na dualidade pulsional com a mesma finalidade compreensivo-explicativa; e a terceira que parte de outros diferentes elementos intrínsecos ao fenômeno estudado para discuti-lo.

Após detalhar o percurso do conceito de compulsão à repetição na obra freudiana e em alguns autores pós-freudianos, apresentando, além de um panorama necessário para que o leitor compreenda a temática, pontos de discussão fundamentais ao aprofundamento das questões inerentes à fenômeno tão complexo, a autora discorre sobre o mito de Sísifo, sendo este um ponto crucial do livro, pois é nessa parte que são fornecidos com riqueza de dados os subsídios para o desfecho desta obra, que virá na sequência, numa discussão criativa, profunda e inovadora.

Ainda na parte do mito de Sísifo, é preciso ressaltar que não há na literatura uma obra única que exponha essa figura mítica com uma história completa, detalhada. Efetivamente o que se encontra na literatura são relatos esparsos, onde diferentes fragmentos sobre a vida de Sísifo se apresentam como breves descrições em diferentes autores e textos, desde a Antiguidade. É a partir desses dados dispersos que a autora constrói o que chamou de 'historicidade' de Sísifo, trazendo a sua trajetória mítica de modo ordenado e integrado. Assim torna-se possível entender claramente quem foi esse herói tão controverso, a sua vida, as suas características, a sua

descendência, os seus feitos, as infrações praticadas e a penalidade recebida. Contribuindo ainda mais para a compreensão desse mito, a autora apresenta a revisão de alguns trabalhos, demonstrando como certos autores se valeram dele por diferentes motivos, evidenciando aquilo que suscitou mais interesse ao longo do tempo.

No seguimento do conteúdo desta obra, conforme apontado acima, o leitor encontrará uma discussão criativa, profunda e com elementos inovadores. É nesse ponto em que são apresentadas as correlações entre o que foi apresentado ao longo do trabalho, discutindo os aspectos pertinentes a compulsão à repetição e as facetas encontradas no mito de Sísifo. Foram desenvolvidas três categorias correlacionais, sendo elas: as transgressões e excessos; as repetições compulsivas e inexoráveis; a redenção e ligação psíquica. Tais categorias possibilitaram análises que ressaltaram algumas perspectivas de ambos os lados, que poderiam ser descritas em três momentos. Pelo lado do mito em questão, os elementos transgressivos que dimensionam o caráter transgressor do herói, o castigo propriamente, e a conjectura de uma potencial reparação do que foi violado e que poderia em tese resultar na liberação da pena. Pelo lado da compulsão à repetição, a emergência do desligado, vinculado ao traumático ou excessivo, que conduz à compulsão à repetição; a repetição com inequívoca característica compulsiva propriamente dita; e a probabilidade de sobrevir a ligação, de modo a permitir em tese o término da repetição compulsiva.

Finalizando, é possível constatar a fecundidade e a coerência com que as ideias são apresentadas, com que os

argumentos são desenvolvidos e articulados, ao longo do livro. Certamente que, pela própria complexidade do fenômeno estudado, há momentos densos, intrincados, no texto. Mas a força argumentativa trazida pela autora favorece que o caminho não seja linear ou uniforme, mas oscile num movimento de construção, desconstrução e reconstrução dos elementos em discussão. É esse ritmo oscilatório que permite, considerando a obra como um todo, estabelecer um arcabouço teórico consistente, embasado no que já foi produzido no campo psicanalítico, e que avança em termos de análise e de proposições explicativas que se constituem em contribuições ao pensamento psicanalítico.

Desejo uma ótima e proveitosa leitura.

Prof. Dr. Paulo José da Costa

APRESENTAÇÃO

A repetição é um tema que há muito tempo se mostra relevante para o homem, desde a antiguidade até os dias atuais, sendo, segundo Garcia-Roza (1986/2014), um tema que “[...] atravessa a história do pensamento ocidental” (p. 29) e que foi discutido por diversos autores consagrados, como Heráclito e Nietzsche, até chegar à Freud, que trabalhou esta questão levando em consideração as aparições da mesma em sua clínica.

A repetição é algo presente no dia-a-dia, que pode ser vista nas brincadeiras das crianças, em alguns comportamentos dos adultos, na internet, nos jornais e programas de notícias, onde um mesmo conteúdo é repetido diversas vezes, em variadas emissoras, nos deixando até fartos de alguns assuntos e acontecimentos locais ou mundiais. Além disto, ela não está presente apenas naquilo que é externo a nós, pois também a encontramos presente em nossas próprias ações, sintomas e pensamentos. Podemos dizer, então, que se trata de algo comum, que vivenciamos costumariamente.

Repetimos alguns padrões que produzem prazer e satisfação, levando-nos a fazer uma mesma coisa repetidas vezes, motivados por algo que pode ser consciente ou inconsciente. E por vezes, repetimos coisas desagradáveis, que não produzem prazer algum, mas, pelo contrário, geram desprazer; entretanto, continuam a ser refeitas. Entendemos este tipo de repetição como algo intrigante, que se torna ainda mais curioso e peculiar quando acontece de maneira compulsiva e descontrolada, caracterizando aquilo que Freud chamou de compulsão à repetição.

A partir dessa provocação que o conceito de compulsão à repetição nos faz apresentamos neste livro uma pesquisa realizada a nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá que visou investigar o conceito de compulsão à repetição na obra freudiana, compreendendo o percurso de construção deste conceito e os desenvolvimentos pelos quais passou no decorrer da obra do autor, buscando, de modo geral, trazer clarificações para a complexidade que o envolve. Para nos auxiliar nesta tarefa utilizamos o mito de Sísifo para fazer correlações com o conceito estudado, visto que, no mesmo encontramos modelos de comportamentos repetitivos e a mitologia grega sempre se mostra como uma fonte rica de reflexões sobre o humano.

Estruturamos o presente livro em quatro capítulos. No primeiro apresentamos o percurso do conceito de compulsão à repetição na obra freudiana, salientando seu surgimento, expansão e consolidação, de maneira a caminhar pelos textos que discutem essa noção como intuito de atingir, ao final, uma compreensão do conjunto formado, que o singulariza.

Em seguida, no segundo capítulo, abordamos as publicações pós-freudianas sobre a compulsão à repetição, trazendo três diferentes visões existentes acerca desse mesmo fenômeno, sendo uma que se apoia no conceito de pulsão de morte, outra que enfatiza a dualidade pulsional e, ainda, uma terceira que destaca outros elementos presentes na compulsão à repetição.

O mito de Sísifo foi tratado no terceiro capítulo, de maneira a esclarecer alguns de seus aspectos como: quem

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Assim como, com a orientação do Professor Dr. Paulo José da Costa, ao qual tenho profundo agradecimento.

foi Sísifo, sua descendência familiar, sua vida e seus feitos, as transgressões cometidas, a punição sofrida e suas características de herói. Também mostramos o uso deste mito na literatura e na pesquisa, apresentando como ele é utilizado e o que dele é ressaltado pelos autores, pois através disto pudemos perceber quais aspectos do mito suscitaram mais interesse ao longo do tempo e, por isso, merecem nossa atenção.

No quarto e último capítulo realizamos correlações entre os modelos que encontramos no mito de Sísifo e a discussão que efetuamos acerca da compulsão à repetição, de maneira a correlacionar três momentos de ambos. No caso do mito, destacamos a transgressão, a punição e a possibilidade ou promessa de restauração daquilo que foi transgredido, o que culminaria no fim da punição. E no que diz respeito à compulsão à repetição, os três momentos que ressaltamos foram: o encontro com o desligado, traumático ou excessivo que leva à compulsão à repetição; a repetição compulsiva propriamente dita e; por fim, a possibilidade de ocorrência da ligação, permitindo o fim do movimento repetitivo.

Portanto, podemos dizer que esse livro tem como premissa a promoção de um encontro entre a mitologia grega e a psicanálise, no campo teórico, com o intuito de promover contribuições e clarificações sobre o conceito de compulsão à repetição e, conseqüentemente, sobre o psiquismo humano.

SUMÁRIO

Introdução	16
1. Surgimento, expansão e consolidação: o percurso do conceito de compulsão à repetição na obra freudiana	28
1. 1. Os primeiros momentos do conceito.....	29
1. 2. DESENVOLVIMENTO E AMPLIAÇÃO: a compulsão à repetição para além da clínica	32
1. 2. 1. O aspecto inquietante e estranho	33
1. 2. 2. O além do princípio do prazer	35
1. 2. 3. Especulações freudianas.....	43
1. 2. 4. A ligação psíquica.....	46
1. 2. 5. A nova dualidade pulsional	59
1. 3. LEGITIMAÇÃO: menções em textos posteriores a 1920.....	67
1. 4. O conjunto da obra.....	75
1. 5. A compulsão à repetição como um conceito específico	78
2. Publicações pós-freudianas sobre a compulsão à repetição: diferentes visões acerca de um mesmo fenômeno.....	86
2. 1. Compreensões apoiadas no conceito de pulsão de morte.....	89
2. 2. Explicações a Partir da Dualidade Pulsional ..	95
2. 3. Explicações que destacam outros elementos presentes na compulsão à repetição	104
2. 4. Discussão	110
3. O mito de Sísifo	114
3. 1. Quem foi Sísifo?.....	115
3. 2. A vida de Sísifo e seus feitos	117
3. 3. SÍSIFO: um herói grego	124

3. 4. O uso do mito de Sísifo na literatura e na pesquisa.....	132
3. 4. 1. Interpretações do mito de Sísifo.....	132
3. 4. 2. Correlações com o mito	135
3. 4. 3. Sísifo e outras personagens	143
3. 4. 4. A repetição como um elemento presente e determinante no mito de Sísifo....	146
4. Algumas correlações.....	150
4. 1. PRIMEIRO MOMENTO: transgressões e excessos.....	150
4. 2. SEGUNDO MOMENTO: Repetições compulsivas e inexoráveis.....	156
4. 3. TERCEIRO MOMENTO: redenção e ligação psíquica.....	166
4. 4. Um cenário mais otimista, porém incerto	168
4. 4. 1. Ambivalências.....	175
4. 4. 2. Finalidade e compulsão à repetição..	177
4. 4. 3. A psicanálise clínica	179
Conclusão	186
Referências.....	192

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a compulsão à repetição mostra-se, de acordo com Miranda e Favaret (2011), como um dos sintomas atuais mais comuns, principalmente por meio das diversas compulsões e adicções, como as alimentares, por compras e jogos, as toxicomanias, entre outras. Birman (2012) similarmente salienta a alta frequência com que as compulsões são percebidas no social e sua relação com o mal-estar na sociedade. Para o autor, as toxicomanias evidenciam a amplitude de manifestações das compulsões no cenário atual, porque elas estão presentes nas mais variadas faixas etárias e classes sociais. Nas suas palavras, “trata-se hoje de um fenômeno de massa, em larga escala, disseminado em amplos setores da população” (p. 85).

Podemos dizer que o que há de comum entre todas as formas pelas quais podem se manifestar as compulsões é a repetição insistente de ações que não atingem seu objetivo ou alvo, evidenciando um caráter imperativo, como afirma Birman (2012), que dificulta que o sujeito tenha escolhas.

Desta forma, a compulsão à repetição e as próprias repetições, no geral, são temas que ainda se mostram muito atuais, visto que é possível encontrar suas manifestações nos mais diversos espaços da vida. Elas nos despertaram interesse de pesquisa justamente por causa das suas implicações na vida dos sujeitos, que podem ser até mesmo terríveis quando suas consequências envolvem o sujeito ficar preso a repetições de conteúdos desprazerosos, que não o levam a lugar algum.

A clínica foi um dos espaços onde a compulsão à repetição pôde ser percebida por Freud e onde ela continua a ser constatada nos dias atuais pelos psicanalistas, pois, segundo Romanowski (2012), os fenômenos repetitivos com características compulsivas são muito frequentes neste espaço. Além disso, de acordo com Ustarroz (2000), ela é um dos fatores que podem colaborar para que a análise seja interminável, se mostrando também como uma das possíveis dificuldades encontradas nos tratamentos.

Kernberg (2011) destaca que “[...] a compulsão à repetição passou a ser vista, com base na experiência clínica, como um fenômeno com múltiplas funções, com diferentes implicações diagnósticas” (p. 218). Na época vigente, é possível perceber no espaço clínico diversos desdobramentos da compulsão à repetição, sendo que o corpo se mostra, muitas vezes, como palco de suas manifestações, de acordo com Barbosa Neto e Rocha (2015). Do mesmo modo, segundo Joseph (1992), fenômenos como a repetição de destino, que se manifestam na vida dos pacientes, aparentemente de forma passiva, são comuns de serem encontradas neste meio. Assim, estudos sobre a compulsão à repetição podem colaborar com o trabalho clínico, por trazerem mais fundamentos para o tratamento de casos onde são encontrados indícios desta compulsão.

A teorização freudiana acerca da compulsão à repetição foi ampla, visto que o conceito foi abordado em um grande número de trabalhos do autor, sendo uma fonte rica para se adentrar na investigação deste fenômeno. Segundo Campos (2009), a inserção deste conceito na obra freudiana provocou nela diversas alterações, que estão relacionadas com temas diversos, desde fornecer outra possibilidade

de se compreender os sonhos, criando uma exceção para a afirmação de que todo sonho é realização de desejo, explicações para neuroses de destino e para as repetições dos pacientes na transferência do tratamento psicanalítico, até a instauração de uma nova dualidade pulsional, o que pode ser entendido como algo de grande relevância segundo Aslan (1998) e Romanowski (2012). Todas estas implicações do conceito na obra freudiana o configuram como central para o entendimento desta teoria.

Contrastando com sua notoriedade, o conceito de compulsão à repetição não é claro e fácil de ser compreendido na obra freudiana, visto que envolvem vários outros conceitos, como pulsão de vida e de morte, ligação, princípio do prazer, entre outros, e foi abordado por Freud em diferentes momentos de sua teorização (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; PEREIRA; MIGLIAVACCA, 2015; ROMANOWSKI, 2012). Estas implicações corroboraram para que houvesse uma falta de consenso quanto às definições dadas pelos demais autores posteriores a Freud ao conceito, de modo que a maioria deles enfatiza apenas alguns de seus aspectos em detrimento de uma visão global das teorizações a cerca do mesmo. Por estes motivos, a discussão sobre a compulsão à repetição é frequentemente revista e são feitas tentativas de aprofundamento, mas as conclusões das pesquisas se mostram desalinhas e não esgotam o tema (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001; ROMANOWSKI, 2012). Partindo destas constatações se mostra relevante pesquisar o conceito de compulsão à repetição na obra freudiana, no intuito de clarificar a sua complexidade.

A mitologia grega foi utilizada para fazer relações com a psicanálise desde a época freudiana. Essa aproxima-

ção foi possível, segundo Versiani (2008) porque estes dois campos de saber visam dar uma explicação à condição humana e, de forma parecida, evidenciam um homem marcado pela desmesura e pelo excesso, que no campo psicanalítico é devido às influências inconscientes e pulsionais, que retiram o controle das mãos conscientes do homem. De acordo com a autora acima citada o “[...] excesso é tema recorrente nos mitos, ele dá um rosto à condição humana proposta pela psicanálise. Assim, os personagens da arte grega dão um vigor à apreensão do campo psicanalítico” (p. 31-32), ilustrando os assujeitamentos, os sofrimentos e as paixões humanas.

Emidio e Hashimoto (2011) nos contam que os mitos eram utilizados por Freud tanto como metáforas e exemplos, quanto como argumentos para fundamentar seus conceitos e elaborações, como podemos perceber na construção dos conceitos de complexo de Édipo e de Narcisismo. Ademais, de acordo com os autores, o uso dos mitos foi uma forma de Freud demonstrar que aquilo que é trabalhado pela psicanálise não se restringe à singularidade de cada caso atendido, mas, pelo contrário, diz sobre o universal e as grandes questões humanas. Assim, “eles nos permitem pensar nas marcas da humanidade, no caminho, na experiência de estar vivo, enfim, na constituição do mundo e dos indivíduos como sujeitos” (p. 27).

Os mitos podem ser entendidos como narrativas orais de um povo, que diziam sobre os deuses, os homens, os fenômenos e o mundo no geral, expressando as complexidades desse mundo, as vivências daqueles que nele se encontram seus dilemas e questões, se constituindo, para os gregos antigos, como uma forma de conhecimento oriunda

de um primeiro processo de elaboração mental de um povo sobre as questões humanas e os fenômenos que os circundavam. Por esta razão se constituiu como uma das maneiras que eles encontraram para lidar com a angústia provocada pela falta de conhecimento, dando sentido e coerência a aquilo que ocorria. (MIGLIAVACCA, 2002)

Assim, os mitos possuíam a função de organizar as relações entre os homens, os fenômenos e o mundo, além de, segundo Versiani (2008), comunicar o incognoscível, expressar e organizar uma forma de compreender o mundo, que devido à maneira que se dava, através de um poeta e num contexto semelhante a um ritual, marcavam um acontecimento e se concretizavam como verdades para aquele povo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que estas narrativas mitológicas nos permitem conhecer aquele povo que os criou, “seu sistema de crenças, valores, noções de ética, moral, justiça, dever, relações familiares, qualidades emocionais e o lugar que ocupam no seu sistema de pensamento” (MIGLIAVACCA, 2002, p. 252), elas nos dizem, também, sobre o homem de qualquer época, por serem atemporais e universais.

Essas características dos mitos podem ser compreendidas, num plano geral, por eles dizerem sobre questões humanas universais, que versam a respeito não apenas do homem grego, mas daquele de todas as épocas, que ao ler uma dessas narrativas passa a refletir sobre sua própria vida. De acordo com Emidio e Hashimoto (2011), eles provocam uma ressonância no interior dos homens e em suas realidades, promovendo uma experiência de sentidos, se configurando como “espelho da vida humana” (p. 27) na medida em

que refletem e mostram suas vidas através da linguagem mítica.

Por esta razão, ainda continua a haver grande interesse acerca dos mitos nos dias atuais, apesar de eles dizerem de um sistema religioso e sociocultural distinto do contemporâneo, o que nos leva à afirmação de Migliavacca (2002) de que,

Ao expressar questões humanas que transcendem as limitações do tempo, o homem grego longínquo desnuda a si próprio, mas também o homem de todas as épocas. Então, se por um lado o mito é vivo e inscrito num tempo específico e traduz o espírito de um povo que nele vê verdade e nele acredita, por outro, ele se reveste de um caráter atemporal que lhe confere um estatuto de paradigma ao qual podemos nos remeter a todo o momento (p. 254).

Desta forma, não existe a necessidade de se limitar à visão histórica dos mitos, que os analisa apenas dentro de seu contexto e tempo histórico. São possíveis interrelações com outras visões e tipos de conhecimento, inclusive com a psicanálise, que carrega semelhanças com a mitologia ao discorrer sobre “[...] pensamentos, sonhos ou atos psíquicos que podem deslocar-se, condensar-se, e [que] por estarem ligados a conteúdos inconscientes, possuem também um caráter atemporal” (EMIDIO; HASHIMOTO, 2011, p. 25).

Caminhando nesta mesma trilha, Migliavacca (2002) afirma que os heróis e os acontecimentos míticos ilustram a condição humana de maneira clara, de modo que os mitos possuem a capacidade de representar, *na forma de modelos*, comportamentos, desejos e fantasias humanas atuais, se mostrando como um terreno fértil de investigações de

conflitos psíquicos e de correlações com a psicanálise. Assim,

Os conteúdos mitológicos são modelos que representam de um modo plástico, visual, tanto comportamentos manifestos quanto fantasias não imediatamente perceptíveis. Como modelos de fantasias, eles são altamente significativos. Nos mitos encontram-se realizados pelos seres que os povoam – os desejos mais secretos da imaginação e da realidade humana (MIGLIAVACCA, 2002, p. 253).

Um dos exemplos mais clássicos da utilização de um mito grego como modelo no âmbito da psicanálise é a formulação do conceito de complexo de Édipo. A razão disto é que Freud partiu de um modelo encontrado no mito de Édipo descrito por Sófocles para “[...] identificar e nomear os conflitos presentes nas relações iniciais com os pais e que se mantêm ao longo da vida, constituindo-se um aspecto nuclear da investigação psicanalítica” (MIGLIAVACCA, 2002, p. 257).

Berlfein (2003) reitera que o mito possibilita acesso às problemáticas humanas, de forma que se torna favorável fazer leituras de equivalências nele presentes, colaborando, assim, nas investigações de noções psicanalíticas. Neste sentido, se torna possível utilizar esta potencialidade presente no encontro entre a mitologia grega e a psicanálise, para trazer luz a um conceito freudiano, que nesta pesquisa é, especificamente, o de compulsão à repetição.

No campo da mitologia grega escolhemos o mito de Sísifo como um modelo para pensarmos a compulsão à repetição, tendo em vista as repetições presentes em sua narrativa, particularmente no que concerne ao seu castigo

de empurrar uma pedra até o alto de um monte e vê-la rolar novamente ao ponto inicial, obrigando-o a recomeçar o mesmo movimento indefinidamente. Assim, esse mito, pelas suas peculiaridades que serão apresentadas com maiores detalhes mais à frente, parece-nos permitir a abertura de espaços de conjecturas para se pensar na dinâmica psíquica presente na repetição compulsiva.

Alicerçados nestas considerações, nosso principal objetivo nesta pesquisa foi o de investigar o conceito de compulsão à repetição na obra freudiana, correlacionando-o com o mito grego de Sísifo, tendo em vista trazer clarificações à complexidade do conceito.

Definimos como objetivos específicos da pesquisa: a) fazer um levantamento sobre a compulsão à repetição na obra freudiana e em comentadores que contribuíram para com a discussão do conceito; b) fazer um levantamento sobre o mito de Sísifo, tanto no que se refere aos relatos míticos sobre o mesmo, quanto no que concerne à literatura científica que a ele faça referência; c) identificar elementos presentes na narrativa mítica de Sísifo que possam contribuir para as discussões acerca do entendimento das complexidades apresentadas pelo conceito aqui investigado; d) formular uma compreensão da compulsão à repetição, que a faça mais clara teoricamente, buscando tornar possível um maior entendimento dos seus elementos e das relações com a própria teoria freudiana.

Desta maneira, esta pesquisa envolve e relaciona psicanálise e mitologia grega, o que implica em algumas peculiaridades na sua realização, visto que estamos promovendo um encontro entre dois saberes distintos sobre o humano, mas que podem ser, sem sombra de dúvidas, associados.

Segundo Freud (1923/1996), a psicanálise é composta por uma forma de tratamento, por seu método, e pelo conhecimento por ele produzido. O conjunto formado pela acumulação deste conhecimento resultou numa teoria que diz sobre o psiquismo e o inconsciente, que é seu objeto de estudo. A partir de então, se tornou possível realizar pesquisas em psicanálise, utilizando o seu próprio método, como pode ser feito a partir de material clínico ou cultural, por exemplo, colaborando com a produção de teoria e contribuindo para seu crescimento. Mas também se mostrou profícua a realização de pesquisas sobre a própria psicanálise. Estas visam discutir e aprofundar o entendimento acerca da mesma e de seus conceitos.

Mezan (1993) faz semelhante distinção, em relação às possibilidades de pesquisas envolvendo a psicanálise, ao afirmar que “a pesquisa em psicanálise desdobra-se [...] em duas vertentes: a que investiga a história das ideias psicanalíticas e a que investiga os processos psíquicos propriamente ditos” (p. 63). Podem, então, serem realizadas, conforme Mezan (2006), investigações estritamente teóricas, que não se caracterizam como psicanalíticas em si, como as que evidenciam questões metapsicológicas, a título de exemplo. Garcia-Roza (1994) chama esses estudos de *pesquisas sobre psicanálise* e afirma que eles se caracterizam por não dependerem da prática clínica ou do método psicanalítico, que são restritos aos psicanalistas atuantes, podendo ser realizados nas universidades, por qualquer pesquisador interessado.

Desta forma, a psicanálise e sua teoria podem se tornar objetos de pesquisa, assim como seus pressupostos e conceitos podem ser utilizados como arsenal de ideias para

as mais diversas análises de temas e fenômenos específicos (CECCARELLI, 2009; FIGUEIREDO; MINERBO, 2006). Segundo Naffah Neto (2006), este tipo de pesquisa é fundamental, pois traz em si a potencialidade de “[...] questionar, colocar em xeque e rever os próprios alicerces sobre os quais a psicanálise se assenta, ou as formações sociais/culturais com as quais se articula” (p. 282).

Ao fazer este movimento, de se dedicar na compreensão de algo específico, se aprofundando no tema investigado, se está fazendo, segundo Mezan (2002) e Sampaio (2006), pesquisa qualitativa, um tipo de investigação que possibilita ao autor colher as singularidades e universalidades do objeto investigado. González Rey (2005/2010) esclarece que o caráter do conhecimento na pesquisa qualitativa é construtivo-interpretativo, pois se trata da produção de algo novo e não de uma simples apropriação daquilo que já se encontrava presente. Para o autor, uma das principais formas de se fazer pesquisa qualitativa é a produção teórica, por esta ser “[...] uma produção intelectual sistemática que permite organizar, de diferentes formas, o material empírico e [...] integra as ideias dos pesquisadores como parte essencial do conhecimento em elaboração” (p. 11). Por isso, ela possui um grande valor, segundo Herrmann (2004).

Diante disto, a presente investigação constitui-se em uma pesquisa teórica sobre psicanálise, de cunho qualitativo, pois, como vimos, tal perspectiva metodológica possibilita o alcance dos objetivos ao permitir a investigação teórica acerca de conceitos da teoria psicanalítica, assim como a realização de inter-relações entre eles e outras formas de conhecimento sobre o psiquismo, que neste caso é a mitologia grega. Fizemos esta escolha, considerando que em

pesquisa precisamos utilizar os conceitos e pressupostos necessários para alcançarmos nossos objetivos, quer dizer, para respondermos à nossa pergunta inicial ou problema (MEZAN, 2002).

Os materiais que utilizamos para a realização desta pesquisa consistiram em textos freudianos que mencionavam a compulsão à repetição, textos de comentadores que discutiam e abordavam este conceito, e textos sobre o mito de Sísifo. Em relação à seleção dos textos dos comentadores, foram escolhidos aqueles que buscaram formular uma explicação para o conceito a partir da visão freudiana, de maneira que eles traziam suas contribuições individuais, mas a partir de uma base comum que é o referencial freudiano.

Quanto aos materiais relacionados ao mito de Sísifo, percebemos, ao pesquisar sobre ele, que não se tem uma obra que se dedique a expô-lo de forma mais completa e exclusiva, destacando-se que apenas fragmentos, breves descrições, e alguns comentários foram encontrados. Diante dessa dificuldade em tomar conhecimento sobre o mesmo, tivemos que fazer um levantamento, em bases de dados *on-line* e em bibliotecas, de forma a poder reconstruí-lo e obter o máximo de informações possíveis acerca dele, elaborando, a partir disto, uma síntese narrativa.

Por este motivo, o mito de Sísifo presente nesta dissertação, não diz a respeito de um Sísifo pronto e determinado, ou de um mito escrito por um autor clássico. Podemos dizer que foi realizada a conjugação de vários “Sísifos”, descritos por autores diferentes, fazendo a construção de um Sísifo singular e de seu mito, compondo sua historicidade. É a partir deste mito construído que foram feitas as correlações com a compulsão à repetição.

Neste mito construído podemos encontrar, portanto, tanto resquícios e modelos do homem grego e de seu psiquismo, com suas especificidades, quanto indícios dos psiquismos de várias épocas, até da atual, devido à variedade de autores utilizados, inclusive alguns contemporâneos, que continuam a falar sobre esse herói mitológico. Além do mais, a nossa própria subjetividade está presente, tendo sido requerida, de forma inevitável, no processo de transformar os vários segmentos encontrados em um edifício com sentido. Assim, ao falarmos deste herói mitológico grego, estamos falando, inclusive, do homem de hoje.

1. SURGIMENTO, EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO: O PERCURSO DO CONCEITO DE COMPULSÃO À REPETIÇÃO NA OBRA FREUDIANA

A base clínica e investigativa da psicanálise freudiana fez com que novas considerações, reformulações e descobertas fossem frequentemente transpostas para a teoria. Assim, no decorrer das obras, grande parte dos conceitos e noções foram “[...] retificadas, precisadas, repensadas ou explicitadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições fornecidas pela prática clínica” (MONZANI, 1989/2014, p. 294), implicando em constantes mudanças, aprimoramentos e alargamentos dos conceitos, que podiam ser mencionados em diversos textos, mas nem sempre com o mesmo sentido ou definição.

A compulsão à repetição é um exemplo deste constante aprimoramento freudiano, pois foi abordada e discutida em diversos momentos da obra do autor, sendo exposta em textos mais iniciais que se dedicavam com maior ênfase à discussão da clínica psicanalítica e das descobertas freudianas a partir dela. Também se encontra em textos que versaram sobre este conceito de maneira mais metapsicológica, ou seja, olhando para este mesmo fenômeno de outra forma, enfatizando outros aspectos que não sua simples manifestação na clínica, o que nos leva a pensar que ela tenha sofrido modificações e ampliações no seu sentido. Ainda foi mencionada em textos finais da obra deste autor, comprovando a sua importância e relevância para se refletir

acerca do psiquismo humano. Diante disto, neste capítulo vamos nos dedicar a apresentar e analisar cada um destes momentos em que a compulsão à repetição é trabalhada por Freud, assim como os principais conceitos com os quais se relaciona, para depois fazermos uma análise do conjunto formado e podermos destacar aquilo que a torna um conceito específico.

1.1. Os primeiros momentos do conceito

Em uma revisão cronológica dos textos freudianos onde a compulsão à repetição é mencionada ou suposta, o primeiro em que ela está presente é o texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2010b), onde é apresentada como algo inerente à clínica psicanalítica, se relacionando com a transferência e a resistência, de forma que o paciente no lugar de recordar o esquecido, o repete na transferência. Nas palavras do autor “[...] o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (p. 149).

A transferência, com a qual a compulsão à repetição é relacionada neste texto, pode ser entendida, de acordo com Freud (1912/1996g), como o fluxo de conteúdos inconscientes entre sujeitos, que podem ser percebidos, por exemplo, na relação entre psicanalista e paciente ou nas relações parentais e fraternais, se caracterizando como a via central para o tratamento. A sua presença indica a existência de conflitos psíquicos, que são atualizados na transferência com a figura do psicanalista, podendo satisfazer a resistência - que obje-

tiva afastar as chances de se chegar, através do tratamento, aos conteúdos inconscientes – como nos casos em que são transferidos conteúdos hostis e eróticos; ou então, pode colaborar com tratamento tornando “[...] imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*” (FREUD, 1912/1996g, p. 119). Quer dizer, a transferência traz o conteúdo para o presente e de forma concreta.

Considerando este entendimento de transferência, em Freud (1914/2010b), a compulsão à repetição é apresentada como uma forma de o paciente reviver algo não lembrado durante o tratamento psicanalítico. Ela ganha importância, neste texto, porque passa a ser entendida como uma forma de trazer aquilo que foi vivenciado no passado para o presente, assim como a transferência. Freud (1914/2010b) chega a afirmar que a transferência presente na clínica psicanalítica é como um fragmento de repetição. Esta compulsão, entretanto, não se restringe ao tratamento, se fazendo presente em toda a vida e relacionamentos do sujeito durante o período do tratamento, como, no trabalho e nos relacionamentos amorosos. A resistência em recordar é o que motiva a compulsão à repetição, de maneira que, quanto mais resistência se opor ao recordar, mais o paciente irá repetir.

Segundo Freud (1914/2010b), o paciente repete compulsivamente o que do recalcado passou para a personalidade manifesta, mas que ele sente como se fossem advindas de forças atuais, vivenciando-as como se fossem contemporâneas. De acordo com Garcia-Roza (1986/2014), o sujeito repete na transferência protótipos infantis, quer dizer, padrões

arcaicos de sua personalidade. Desta forma, sintomas, atitudes inúteis e até mesmo patologias se apresentam para o paciente como algo atual, que ele não percebe como advindos do passado.

Por isso, durante o tratamento, o psicanalista precisa ter esse conhecimento, para tratar o sintoma não como algo novo que se faz presente na transferência, mas como algo do passado que precisa ser trabalhado. De acordo com Freud (1914/2010b), na atividade psicanalítica, a forma de lidar com a compulsão à repetição é transformá-la em algo útil, possibilitando que ela se manifeste como que em um ambiente controlado, que é a transferência, onde ela pode se mostrar. Dando atenção às repetições compulsivas, torna-se possível, após superar a resistência, remontá-las ao passado e despertar as lembranças. Portanto, nesse texto esta compulsão é compreendida também como uma possível ferramenta para o tratamento, visto que ela indica que há resistência do Ego, que não permite que a lembrança venha à tona, além de ser um sinal de conflito psíquico.

Vale mencionar que, ainda em 1914, Freud acrescenta uma nota de rodapé ao caso de Emmy Von N (FREUD, 1895/1996a), onde afirma que o caso desta paciente poderia ser descrito como o de uma compulsão à repetição, pois esta abandonou o tratamento com outros médicos que a atenderam posteriormente, da mesma maneira que fez com Freud, repetindo o mesmo fim em todos os tratamentos. O fato de Freud acrescentar uma nota de rodapé a um texto já publicado há algum tempo, nos exemplifica a constante revisão que o autor faz de sua obra e de suas postulações, assim como provoca mudanças na própria análise do caso, que passa a ser compreendido de outra forma quando

se considera a possibilidade de Emmy Von N ter interrompido os tratamentos que realizou devido à compulsão à repetição.

Notamos que nestes dois primeiros textos o conceito de compulsão à repetição não é esmiuçado teórica e metapsicologicamente pelo autor. Com base na noção de psiquismo proposta pela primeira tópica é feita, principalmente, uma apresentação das manifestações clínicas do mesmo, e a partir dessas, uma discussão com o foco sobre o manejo clínico desta possibilidade de volta do recalcado que se diverge da recordação.

1.2. DESENVOLVIMENTO E AMPLIAÇÃO: a compulsão à repetição para além da clínica

Para analisarmos o momento de desenvolvimento e ampliação do conceito de compulsão à repetição, abordaremos principalmente os textos *O inquietante* (FREUD, 1919/2010d) e *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e). Porém, como será possível notar, nestes textos o conceito é relacionado a outras noções de grande relevância para a sua compreensão, como o princípio do prazer, a ligação psíquica e a nova dualidade pulsional. Por esta razão, precisaremos abordá-las, igualmente, nos próximos subitens, sendo que, para as trabalharmos teremos que recorrer a outros textos freudianos.

1.2.1. O aspecto inquietante e estranho

Freud (1919/2010d) volta ao tema da compulsão à repetição no texto intitulado *O inquietante*, ou *O estranho* em outras versões (FREUD, 1919/1996k), onde ele discute esse tipo de sentimento que nos atinge em diversas situações, sendo que, na maioria das vezes, apresenta uma contradição, pois apesar de não sabermos seu real motivo, há algo nele que nos parece familiar. A explicação para isso é que ele se deve a algum elemento recalcado que retorna, independente do fato de ele ser originalmente assustador ou não. Assim, “[...] esse *unheimlich* não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela” (FREUD, 1919/2010d, p. 269).

O estranho, ou inquietante, diz a respeito da nossa vida real, não do campo da ficção ou da literatura, onde ele é permitido e não nos provoca este tipo de sentimento. Ele se refere aos complexos infantis que uma vez foram recalcados, mas que voltam e são revividos na vida real (FREUD, 1919/2010d). Podemos dizer que é justamente por seu caráter inconsciente – que faz com que não se tenha conhecimento da volta do recalcado e que ele seja percebido como algo atual, porém familiar – que o conteúdo ganha o poder de despertar o sentimento de estranho. Garcia-Roza (1986/2014) salienta que o que é totalmente novo não pode ser temido, por este motivo o estranho tem que ser, de toda forma, uma repetição, algo que volta a se apresentar.

As repetições da mesma coisa, que acontecem de forma involuntária e sem motivo aparente, são inseridas, por

Freud (1919/2010d), nessa categoria de coisas que suscitam a sensação de estranho e de inquietação. Por isso, ele cita seu futuro texto, que já estava concluído no momento, mas ainda não publicado, o *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e), porque nele, o autor discorreu mais enfaticamente sobre a compulsão à repetição. Diz ele:

Pois no inconsciente psíquico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição vinda dos impulsos instintuais, provavelmente ligada à íntima natureza dos instintos mesmos, e forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer, que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco, manifesta-se claramente ainda nas tendências do bebê e domina parte do transcurso da psicanálise do neurótico. As considerações anteriores nos levam a crer que será percebido como inquietante aquilo que pode lembrar essa compulsão de repetição interior (FREUD, 1919/2010d, p. 266).

Portanto, em Freud (1919/2010d), a compulsão à repetição continua a ser relacionada ao tratamento psicanalítico e ao recalcado, características essas que já haviam sido explicitadas em *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2010b). Ademais, algumas novas informações ainda não vislumbradas nos textos anteriores são introduzidas; por exemplo, o autor afirma que essa compulsão está atrelada àquilo que é inquietante, por produzir um sentimento de estranho ou incômodo, concede a ela os atributos de possuir a mesma natureza das pulsões e o poder de se sobrepor ao princípio de prazer, este que era considerado, até o momento, como o principal princípio a reger o psiquismo. Assim, o autor adianta alguns aspectos desse conceito que foram mais expostos

em seu próximo texto (FREUD, 1920/2010e), como veremos a diante.

Por este motivo, parece que a visão do conceito começa a ser alterada, como afirma Dujarier (1970), que comenta que antes dos textos *O inquietante* (FREUD, 1919/2010d) e *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e), este tipo de compulsão foi apresentada somente como um fenômeno presente na clínica, tendo sido realizado apenas um retrato clínico e descritivo dela. Mas, a partir desses textos, Freud passa a vê-la como um conceito metapsicológico e apresenta sua visão teórica sobre a mesma.

Apesar de parecer que o conceito tenha começado a ser alterado, ou seja, que mudanças que interferem na sua definição foram feitas, acreditamos que, na verdade, ele foi ampliado, pois Freud (1920/2010e; 1923/1996m; 1926/1996n; 1930/1996o; 1931/1996p; 1933/1996s; 1939/1996v) não desconsiderou aquilo que já tinha apresentado anteriormente, no texto de 1914 supracitado. O autor apenas aumentou o seu alcance e amplitude, como poderemos perceber ao analisar os próximos textos, nos quais a compulsão à repetição passará a dizer respeito de uma maior gama de fenômenos, dando explicação para aquilo que se mostrava enigmático e incompreensível até o momento.

1. 2. 2. O além do princípio do prazer

Finalmente chegamos a 1920, ano em que Freud (1920/2010e) publica *Além do princípio do prazer*, o qual inicia trazendo novas considerações sobre este princípio que era apontado até o momento como o exclusivo regedor

da vida. Mas, antes de adentrarmos nas novidades trazidas por este texto, lembremos que os princípios e tendências do psiquismo são apresentados desde muito cedo na obra freudiana, e que suas compreensões foram se modificando com o passar do tempo. Por isso, num primeiro instante, recorreremos alguns outros textos do autor para fazer uma breve contextualização da conceituação freudiana acerca dos princípios que regem o psiquismo, principalmente o princípio do prazer.

No *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950/1996y) o autor apresenta o que podemos chamar de sua primeira metapsicologia, uma vez que é proposto um aparelho neuronal composto por três tipos de neurônios diferentes, os Φ (responsáveis pela percepção), os ψ (que abrangem a memória), e os ω (que representam a consciência). Neste texto foi explicitado o embate entre a inércia e a constância, onde a tendência em eliminar toda a excitação se contrastava com a inclinação à homeostase, quer dizer, em “[...] manter a nível tão baixo ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitação que contém” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001, p. 355), indicando a impossibilidade de o aparelho psíquico funcionar apenas descarregando excitações.

Neste mesmo texto, Freud (1950/1996y) também nos fala de um princípio do desprazer, que depois passa a ser chamado de princípio do prazer nos textos posteriores, sendo que ele corresponde ao “[...] objetivo [de] evitar o desprazer e proporcionar o prazer” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001, p. 364), estando condizente com o modo de funcionamento do processo primário, pois, prazer e desprazer são pensados,

por Freud (1900/1996c; 1915/1996j), como diferenças quantitativas no nível de excitação ou de tensão.

Desta maneira, o aumento da quantidade de excitação corresponde ao desprazer, e sua diminuição, ou eliminação, é sentida como prazer. Entretanto, em textos posteriores (FREUD, 1920/2010e; 1924/2011b; 1940/1996w), o autor insere outros fatores, agora temporais, como o período e o ritmo, para se pensar estas vivências, porque ele descobre que pode haver aumentos de tensão que são sentidos como prazerosos e diminuições desprazerosas, obrigando-o a rever suas postulações relacionadas a este tema e a considerar as possíveis características qualitativas destas experiências.

Segundo Garcia-Roza (1991/2004), em alguns textos freudianos (FREUD, 1950/1996y; 1900/1996c), por pouco o princípio de inércia e o de prazer não são identificados, por causa da proximidade de seus objetivos, visto que um sempre busca o prazer, que é entendido, neste momento, como o abaixamento do nível de tensão; e o outro tem por meta a eliminação de toda a excitação. Mas, com a ampliação das noções de prazer e desprazer feitas no texto que estamos analisando agora (FREUD, 1920/2010e), bem como em outros (FREUD, 1924/2011b; 1940/1996w), nos quais estas noções deixam de ser determinadas apenas quantitativamente, torna-se possível uma leitura que percebe tais princípios como distintos.

Para além de regular o processo primário, presente no lcs da primeira tópica e no Id da segunda, o princípio de prazer também controla, de acordo com Freud (1900/1996c; 1924/2011b; 1940/1996w), o funcionamento de todo o psiquismo, ou seja, de todas as instâncias. Até mesmo aquelas que não são dominadas somente pelo princípio do prazer são

regidas tanto por este princípio quanto por aqueles dele derivados, visto que, por causa do desenvolvimento psíquico e das exigências externas, este princípio sofre modificações e se transforma, mas nunca é anulado.

Essa transformação se faz necessária porque apesar de reger o funcionamento do aparelho psíquico, o princípio de prazer “não pode ter uma finalidade adaptativa, pois não dispõe de um sistema percepção-consciência” (GARCIA-ROZA, 1991/2004, p. 154). Assim, ele não considera a realidade para tomar suas decisões, essa é apenas considerada pelos outros princípios mais desenvolvidos.

Então, ao passo que o psiquismo vai se desenvolvendo, o princípio do prazer é modificado devido à ação de diversos agentes psíquicos, tanto que, no processo secundário, ele sofre alguns desenvolvimentos, devido às necessidades específicas deste tipo de processo mais evoluído, se desdobrando no princípio de realidade, que implica em a satisfação poder ser adiada e desviada dos caminhos mais curtos, que seriam preferencialmente escolhidos pelo princípio do prazer (FREUD, 1940/1996w). Por este motivo, no funcionamento de acordo com o processo primário sempre se terá o desejo e as tentativas de obtenção de satisfação, e no processo secundário se terá o investimento em algumas lembranças; entretanto, apenas quando ele puder inibir o desenvolvimento de desprazer por elas provocado.

Temos a confirmação da proposição de que acontece uma evolução e transformação destes princípios em Freud (1924/2011b). Neste texto, produzido após a formulação do segundo dualismo pulsional, o autor entende o princípio do prazer como uma modificação de um princípio mais original, o do Nirvana, que corresponde à tendência a manuten-

ção da tensão zero, condizendo à pulsão de morte; e conclui que os princípios não são extintos pelos procedentes, de forma que todos convivem juntos no funcionamento psíquico, mesmo que conflitos sejam gerados por este motivo. Em suas palavras “[...] o princípio do *Nirvana* exprime a tendência do instinto de morte, o princípio do *prazer* representa a reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio da *realidade*, a influência do mundo externo” (p. 187, grifos do autor).

A novidade trazida pelo texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e) é a de que o princípio do prazer é apenas uma tendência a reduzir a excitação a um mínimo possível, deixando de ser o princípio que rege obrigatoriamente a totalidade da vida psíquica, pois é demonstrado que ele é corrompido desde seu início, o que abre a possibilidade de existência de um além do princípio do prazer. Porém, para poder discutir esta possibilidade, Freud (1920/2010e) precisava encontrar vivências que desconsiderassem ou fossem contra o princípio do prazer, assim como faz o princípio da realidade, que adia a satisfação temporariamente. É neste contexto que a compulsão à repetição é inserida no texto, mas agora, como um conceito metapsicológico. Então, o autor passa a investigar a neurose traumática e os sonhos dela derivados, as brincadeiras infantis (como o *fort-da*), as transferências de experiências desprazerosas na clínica e a neurose de destino, como possíveis manifestações desta compulsão.

Apesar de haverem repetições de vivências dolorosas e desprazerosas nas brincadeiras de crianças e nos sonhos dos neuróticos traumáticos, Freud (1920/2010e) constatou que o prazer pode ser alcançado através da vivência ativa

da experiência, ou até mesmo por se vingar do objeto que o abandona, no caso das brincadeiras. E a repetição pode possibilitar que o sujeito viva a angústia e os demais afetos que faltaram ao evento traumático, que é repetido nos sonhos dos neuróticos traumáticos. Isso levou à conclusão de que a compulsão à repetição pode, em alguns casos, acontecer sob o domínio do princípio do prazer, ou seja, sem contrariá-lo. Por isto, estes dois primeiros exemplos não satisfizeram o objetivo do autor em evidenciar fenômenos que contradissem o princípio do prazer.

Adiante, analisando a compulsão à repetição na sua manifestação clínica, através da transferência, Freud (1920/2010e) compreendeu que ela pode ser entendida como “[...] manifestação de força do reprimido” (p. 132) diante das defesas e resistências impostas pelo Ego, guiado pelo princípio do prazer, que tentam impedir que conteúdos recalcados da vida sexual infantil, relacionados ao complexo de Édipo, se manifestem. Desta forma,

É claro que a maior parte do que a compulsão de repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividades de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer, é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro (FREUD, 1920/2010e, p. 132).

Assim, as manifestações da compulsão à repetição analisadas até aquele momento do texto não contrariaram o princípio do prazer; entretanto, Freud (1920/2010e) acrescenta que podem acontecer repetições de conteúdos recalcados, que não produzem prazer para nenhuma das instâncias e que, até mesmo quando aconteceram originalmente,

foram desprazerosas. “Trata-se, naturalmente, da ação de instintos que deveriam levar à satisfação, mas não trouxe frutos à lição de que também naquela época eles produziram somente desprazer. A ação é repetida, apesar de tudo; uma compulsão impele a isso” (FREUD, 1920/2010e, p. 133-134). O motivo é que o recalco objetiva e luta sempre pela completa satisfação, que seria a repetição de uma vivência primária de satisfação, e, para isso, ele não mede os meios ou as consequências de suas tentativas.

Estes conteúdos dizem a respeito de frustrações narcísicas causadas pela falha dos objetivos edípicos, contemporâneos da sexualidade fálica, impossibilitados de sucesso por causa da incongruência entre seus desejos e a realidade. A sua repetição indica “[...] que os traços de lembrança reprimidos de suas experiências primevas não se acham nele presentes em estado ligado, e mesmo não são capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário” (FREUD, 1920/2010e, p. 147).

Freud (1920/2010e) também investigou as neuroses de destino, que dizem a respeito de pessoas que parecem serem perseguidas por um destino maligno, ou por um poder demoníaco. Elas sempre repetem os mesmos padrões de relações e funcionamento psíquico, até mesmo quando parecem passivas diante das situações. Entretanto, seus destinos são arranjados por elas mesmas e determinados por experiências infantis precoces.

Este tipo de repetição já havia sido abordado parcialmente no texto *A dinâmica da transferência* (FREUD, 1912/1996g), onde o autor descreve o que chama de clichê estereotípico, sendo que eles podem existir em pouca ou grande quantidade, dependendo do desenvolvimento psi-

quico do sujeito. Estes clichês seriam formas de se satisfazer, que podem ser repetidas sempre que preciso ao longo da vida, inumeráveis e repetitivas vezes. Dizemos que se assemelham às repetições de destino porque suas incontroláveis repetições, diante da falta de outras possibilidades de satisfação ou de desenvolvimento, podem fazer com que o sujeito se relacione com diferentes pessoas, mas com ideias libidinais antecipadas, podendo caminhar sempre para um mesmo destino ou resultado em sua vida, mesmo que de forma inconsciente.

As análises da repetição na clínica e das neuroses de destino foram determinantes, ao mostrarem que existem fenômenos psíquicos que contrariam o princípio do prazer, para que Freud (1920/2010e) tivesse razões suficientes para “[...] supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer.” (p. 135), apesar de não necessariamente todas as suas manifestações serem independentes deste princípio, como pode ser percebido nos casos das brincadeiras das crianças e nos sonhos dos neuróticos traumáticos. Entretanto, quando o são, se assemelham, segundo o autor, a uma força demoníaca a controlar o indivíduo, fazendo com que essa compulsão pareça “[...] mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado” (p. 135).

Assim, temos até este momento da obra freudiana uma conceituação da compulsão à repetição que a relaciona com o recalado, mas também informa que ela pode se manifestar respeitando ou não o princípio do prazer. Isso se dá porque o autor demonstra que ela possui a liberdade para transgredi-lo, devido à constatação de que pode ser mais primordial, pulsional e anterior que tal princípio. A par-

tir destas considerações torna-se possível pensar o período anterior ao princípio do prazer, com o qual a compulsão à repetição também pode ser relacionada.

1. 2. 3. Especulações freudianas

Após a descoberta do além do princípio do prazer, Freud (1920/2010e) passa a fazer o que ele chama de especulações. Apresenta uma hipótese de aparelho psíquico no modelo de uma vesícula viva, a qual sua principal característica é a excitabilidade. Ele o utiliza para explicar como se daria a proteção do aparelho contra estímulos provenientes do mundo externo, já que não haveria uma proteção deste tipo contra os estímulos internos. Mas esta função é cumprida apenas até um determinado limiar, pois quando as excitações são muito intensas, podemos dizer traumáticas, essa superfície se rompe.

O resultado do rompimento é o trauma, uma inundação do aparelho psíquico, que perturba toda a sua economia, contrariando conseqüentemente a tendência ao prazer. Porém, é necessário destacar que o trauma, além de estar relacionado com o rompimento causado pelas excitações externas, também pode ser resultado da invasão por excitações internas (impulsos pulsionais), visto que o que lhe caracteriza realmente é o despreparo do aparelho para se defender e a sua incapacidade em ligar as energias livres excessivas. (FREUD, 1920/2010e)

Esse despreparo é causado pela falta de sobre investimento dos sistemas receptores e de desenvolvimento de angústia, porque

[...] um sistema altamente investido é capaz de acolher a nova energia que para ele afluí e transformá-la em investimento parado, ou seja, “ligá-la” psiquicamente. Quanto mais alto o investimento parado, tanto maior a sua força ligadora; de maneira contrária, quanto mais baixo for o investimento do sistema, tanto menos estará capacitado para receber a energia afluente, tanto mais violentas serão as consequências de tal ruptura da proteção (FREUD, 1920/2010e, p. 142-143).

Desta forma, a partir do momento em que o psiquismo é invadido, ele deixa de se ocupar em produzir prazer, para passar a fazer a ligação psíquica (*bindung*) dos estímulos. Essa é uma tarefa anterior a qualquer possibilidade de prazer, visto que, apenas após sua realização será possível dar uma destinação a esses estímulos. Nas palavras do autor, é apenas após a ligação que

[...] o domínio do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio da realidade) poderia ocorrer sem estorvos. Até então, porém, a outra tarefa do aparelho psíquico, controlar ou ligar a excitação, teria precedência, não em oposição ao princípio do prazer, é certo, mas de forma independente dele e sem consideração por ele, em parte (FREUD, 1920/2010e, p. 146).

Portanto, é nisso que consiste o além do princípio do prazer, pois “cada nova repetição parece melhorar o controle que ela busca ter sobre a impressão” (FREUD, 1920/2010e, p. 146).

De acordo com Garcia-Roza (1986/2014), a dominação mais segura do princípio do prazer só faz sentido num aparelho anímico fechado, que limita e regula a entrada de energia de origem pulsional, e é a ligação quem vai promovendo isso, assim como a organização dessas energias. Mas, para isto os sistemas já precisam estar ao menos um pouco investidos, quer dizer, o aparelho precisa conter e suportar certa quantidade de energia, para garantir seu funcionamento e a continuidade de sua tendência em buscar o prazer através da manutenção do nível de excitação o mais baixo possível, abandonando, assim, tendências mais primitivas e orgânicas em vistas de um funcionamento mais desenvolvido.

Desta forma, o princípio do prazer não governa de forma segura nem mesmo no processo primário, pois a qualquer momento essa tendência pode ser interrompida e outros mecanismos, como o da compulsão à repetição, por exemplo, podem entrar em cena, fazendo procedimentos necessários, mas que geram desprazer. Ao se repetir compulsivamente se abre uma nova chance de a energia livre ser ligada e dominada, podendo, assim, ganhar um destino que não seja a livre circulação pelo aparelho, permitindo que o princípio do prazer possa dominar os processos psíquicos de forma mais permanente, e que sua modificação em princípio da realidade possa ocorrer.

O princípio de realidade, característico do processo secundário, poderá fazer com que o indivíduo tenha que suportar alguns momentos de desprazer, mas, para que depois o prazer possa advir, de forma mais segura. Aí sim, se encontra a descarga da excitação garantida e a possibilidade de se escapar do desprazer.

Essas considerações podem levar a indagações sobre a compulsão à repetição, no sentido de parecer que ela possui o objetivo de possibilitar o estabelecimento do domínio do princípio da realidade. Para pensar sobre isso devemos considerar que é apenas depois do domínio do princípio do prazer, que aquele que leva em consideração a realidade pode se impor (FREUD, 1924/2011b; 1940/1996w), de forma que há uma sequência necessária para o estabelecimento de cada um.

Com base nisto, podemos dizer que como a compulsão à repetição oportuniza a ligação, ela se torna uma pré-condição em alguns casos, na história do desenvolvimento psíquico, para a instauração do princípio da realidade. Porém, não se trata de nexos diretos, ele é apenas ocasional, porque a compulsão à repetição não possui uma função ou objetivo em si. Além disso, ela não se manifesta em todos os processos que passam do funcionamento mais caótico para um mais organizado, desta maneira, trata-se de uma excepcionalidade.

1. 2. 4. A ligação psíquica

A noção de ligação em Freud não é utilizada somente neste texto, na verdade, ela é abordada em diversos momentos da teoria, como no *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950/1996y), em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1996c), em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923/2011a) e no *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1940/1996w), envolvendo diferentes fatores nas variadas ocasiões em que aparece.

Como o elo presente entre esta noção e a compulsão à repetição se mostra central (FREUD, 1920/2010e), vamos agora nos deter um pouco nela, indicando como foi pensada na obra freudiana, para que assim possamos compreender com quais mecanismos ou instâncias psíquicas ela foi relacionada e qual a sua real relação com a compulsão à repetição.

Podemos afirmar que o significado mais frequente da noção de ligação na teoria freudiana remete à visão econômica do psiquismo, estando atrelada aos tipos contrários de energia, chamados de energia ligada e energia desligada ou livre. A definição desses termos foi atribuída por Freud (1920/2010e) a Breuer, apesar de o próprio autor descrever estes tipos de energia desde o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950/1996y), ao tratar da quantidade (Q) que percorre os neurônios.

A energia pode se dar de maneira livre, de forma que seu fluxo não é impedido, ou de maneira ligada, quando está atrelada a algo, ficando parada. A Q livre diz respeito da função primária do sistema nervoso, a qual tem por objetivo a descarga de todas as excitações, buscando a inércia, quer dizer, o nível de tensão zero, caracterizado pelo próprio princípio da inércia. Porém, diante da ocorrência de excitações não apenas exógenas, mas também endógenas, que são mais constantes e permanentes, o sistema não consegue se livrar delas da mesma maneira que se livrava das primeiras, por exemplo, através da fuga, necessitando de outra função mais desenvolvida do psiquismo, que é chamada de secundária. (FREUD, 1950/1996y)

Podemos compreender a diferença entre essas duas funções presentes no funcionamento mental através da experiência da primeira vivência de satisfação, descrita por

Freud (1950/1996y, 1900/1996c). Ela se dá através da intervenção externa de alguém que supre a necessidade de alimentação no bebê, eliminando a tensão existente e criando uma imagem do objeto satisfatório, que uma vez inscrita, funda uma facilitação. Esta facilitação pode ser, em momentos futuros, reinvestida, ou seja, este caminho pode ser novamente percorrido.

Mesmo com a ausência do objeto real, este reinvestimento poderá acontecer sempre que houver o reaparecimento do estado de tensão – o que caracteriza o desejo – levando à satisfação alucinatória. O forte reinvestimento “[...] produz a mesma indicação de descarga que se produz no caso da percepção do objeto externo” (GARCIA-ROZA, 1991/2004, p.155). Mas, pela falta de sustentação na realidade, quer dizer, pela falta do objeto, não se torna possível atingir o objetivo através deste tipo de satisfação; por isso, os resultados são a decepção e a não satisfação. Esta vivência mostra como o livre investimento da via mais facilitada, por já ter sido percorrida, não garante a eliminação da excitação, fazendo-se necessária a existência do processo secundário para a manutenção da vida.

A ideia de um aparelho psíquico que funcione apenas se livrando das excitações, objetivando sua ausência total, é, segundo Freud (1900/1996c), uma ficção teórica, ou seja, algo que pode apenas ser imaginado pelo bem da compreensão do psiquismo, mas que na vida real não se sustenta. Neste sentido, Freud (1950/1996y) propõe que se faz necessário, diante da presença de excitações endógenas e da consideração da realidade, que o Ego acumule uma parcela da Q, suportando o aumento de tensão, para que possa fazer inibições sobre as trilhas de neurônios que es-

tão regidas pelo processo primário. Assim, ele pode impedir que certos caminhos desta Q, que seriam danosos para o sistema, ou levariam apenas à alucinação, sejam investidos; ou pode criar ocupações laterais, que nada mais são do que se ligar a um neurônio adjacente e ocupá-lo, dividindo, distribuindo e diminuindo a Q que passaria por eles, evitando que ela seja excessiva.

Desta maneira, uma parcela da Q, fica parada ou imobilizada, para que possa ser utilizada, através de ações específicas. Essas inibições realizadas pelo Ego caracterizam o processo secundário, que é mais cauteloso que o primário. Permitem que outros caminhos mais adequados sejam trilhados e que a Q não seja excessiva, além de possibilitar, segundo Garcia-Roza (1991/2004), que haja “[...] uma diferenciação entre percepção e lembrança. [Pois] É o investimento moderado do objeto, por efeito da inibição por parte do Eu, que permite reconhecer esse objeto como não sendo real” (p. 155).

Esse Ego apresentado no *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950/1996y) é uma massa de neurônios Ψ carregados de energias ligadas, advindas das inibições que ele fez das trilhas prejudiciais para o organismo, de forma que ele retém e suporta tal energia livre que as percorreriam, mesmo que o resultado disso seja um pouco de desprazer. Seu surgimento se deve às próprias necessidades impostas pelo mundo externo ao mundo interno, sendo uma reação do sistema nervoso a este encontro.

Desta forma, de acordo com Freud (1950/1996y), já está exposta uma ideia de ligação, que é realizada pelo Ego bem ocupado, que tem capacidade de atrair as Qs livres, ligá-las a si e, então, redirecioná-las para onde for preciso.

Isto posto, a ligação aqui é uma das características do processo secundário, sendo aquilo que permite a mudança de um processo para outro, pois a energia deixa de estar livre e desligada, para estar atrelada a um conjunto de neurônios já ocupados, o Ego. Por conseguinte, ela se liga a essa instância e passa a estar junto com as outras energias que formam esse complexo de neurônios ocupados.

No texto *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1996c) é feita uma descrição psicológica do aparelho psíquico, se diferenciando daquela neurológica apresentada no *Projeto* [...] (FREUD, 1950/1996y). Na nova descrição, o autor detalha o sistema de neurônios Ψ , evidenciando nele três instâncias: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, compondo a primeira tópica do aparelho psíquico. Nesta nova configuração, não existem menções ao Ego, porém, suas funções reaparecem principalmente no Pré-consciente, de forma que, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), sua função defensiva, característica do Ego, está representada pela censura e “o papel moderador e inibidor exercido pelo ego sobre o processo primário encontra-se no sistema Pcs” (p. 130).

Logo, na primeira tópica, o tipo de funcionamento caracterizado pelo processo primário é identificado ao Ics, e aquele onde se tem o processo secundário, ao Pcs, como podemos observar nas palavras do autor:

[...] a atividade do *primeiro* sistema- Ψ está orientada para garantir a *livre descarga* das quantidades de excitação, enquanto o *segundo* sistema, por meio das catexias que dele emanam, consegue *inibir* essa descarga e transformar a catexia numa catexia quiescente, sem dúvida com uma elevação simultânea de seu

nível (FREUD, 1900/1996c, p. 623, grifos do autor).

Com estas considerações, a ligação continua a ser vista como uma das tarefas do processo secundário; conseqüentemente, do Pcs nesta tópica (FREUD, 1900/1996c).

Pensando, agora, em como se situa a ligação psíquica na segunda tópica, notamos que em *O Eu e o id* (FREUD, 1923/2011a), o Ego volta a ser discutido e teorizado, dado que, ao oferecer a hipótese de uma segunda tópica do aparelho psíquico, o Ego se torna uma das instâncias componentes, juntamente com o Id e o Superego. De acordo com Laplanche e Pontalis (1982/2001), essa nova tópica leva mais em consideração o conflito psíquico do que os dois modos de funcionamento presentes do psiquismo (processos primário e secundário). Assim, se coloca de forma mais clara o embate entre as defesas, as interdições e o pulsional, mas esta distinção entre modos de funcionamento continua sendo primordial para se pensar a noção de ligação psíquica.

Segundo Freud (1923/2011a), o desenvolvimento do psiquismo tem no seu início o Id, constituído pelas pulsões; mas, devido às influências do mundo externo, que chegam ao aparelho através da Pcpt-Cs, uma diferenciação acontece neste Id e se forma o Ego, entendido como “uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa” (p. 20), que tem como núcleo o sistema perceptivo, sendo, por este motivo, relacionado à consciência e à realidade.

Ao Ego são atribuídas diversas funções, algumas das quais atribuídas ao Pcs na primeira tópica, como o recalçamento, o “[...] controle da motilidade e da percepção, prova da realidade, antecipação, ordenação temporal dos processos mentais, pensamento racional, etc.” (LAPLANCHE; PON-

TALIS, 1982/2001, p. 134), de forma que os seus esforços se concentram na direção de “[...] fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer” (FREUD, 1923/2011a, p. 31). É diante da ação recalçadora do Ego para com os impulsos pulsionais, que se forma o recalçado, parte constituinte do Id que acomoda aquilo que foi rechaçado pelo Ego.

A partir de evidências clínicas, Freud (1923/2011a) chega à conclusão de que também o Ego possui uma parte inconsciente, pois ele percebe que os pacientes não se dão conta de suas resistências. Assim, o autor afirma que “encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente” (p. 21).

Para além das resistências, Freud (1923/2011a) encontra na autocrítica, na consciência e no sentimento inconsciente de culpa, evidências de parcelas inconscientes do Ego, que dizem respeito a atividades mentais mais elevadas e geram resultados muito relevantes. A partir disto, ele propõe a existência de um Superego ou Ideal de Ego, uma diferenciação do próprio Ego inconsciente, oriunda da fase do complexo de Édipo e das identificações feitas pelo sujeito, que confronta o Ego a todo o momento.

O Ego passa, então, a ter de se relacionar com o mundo externo, com o Id e com o Superego, procurando manejar e encontrar meios de atender as reivindicações de todos estes amos. Nas palavras de Freud (1940/1996w) “[...] é função do ego enfrentar as exigências levantadas por suas três relações de dependência - da realidade, do id e do superego

- e não obstante, ao mesmo tempo, preservar a sua própria organização e manter a sua própria autonomia” (p. 185).

Portanto, o Ego, que se formou a partir de uma diferenciação do Id evoluiu “[...] da percepção dos instintos ao domínio sobre eles, da obediência aos instintos à inibição deles” (FREUD, 1923/2011a, p. 70), passando a ter a mesma finalidade que Eros, que se resume em ligar e unir, sendo que o termo grego Eros é utilizado por Freud em diversos textos para se referir à pulsão de vida e na mitologia grega Eros significa, segundo Brandão (1986), “[...] desejo incoercível dos sentidos. Personificado é o deus do amor” (p. 186), sendo bem próximo do sentido proposto por Freud (1933/1996s), onde o autor justifica o uso deste termo explicando que o retirou da obra *Symposium* de Platão, onde era utilizado para se referir àquilo que é erótico e sexual. Além disso, o autor afirma fazer uma “[...] deliberada ampliação da concepção popular de ‘sexualidade’” (p. 215), o que também é transposto para o termo Eros dentro da obra freudiana.

Assim, “o Eu se enriquece com todas as vivências oriundas de fora; mas o Id é seu outro mundo exterior, que ele se empenha em subjugar. Ele retira libido do Id, transforma os investimentos objetivos do Id em configurações do Eu” (FREUD, 1923/2011a, p. 69), ou seja, ele visa ligar a libido do id a si próprio, sendo, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), “[...] um fator de ligação dos processos psíquicos” (p. 124). Por estes motivos, em *O ego e o Id* (FREUD, 1923/2011a), a ligação é novamente vista como função do Ego.

Por fim, também no texto *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1940/1996w), há a confirmação deste posicionamento, já que nele o autor afirma que a função do Ego é “[...] levar a passagem [de acontecimentos] no id a um ní-

vel dinâmico mais alto (talvez pela transformação de energia livremente móvel em energia ligada).” (p. 210). Em outro momento no mesmo texto, o autor certifica esta ideia ao falar de “[...] uma hipercatexia [que] ocasiona uma espécie de síntese de processos diferentes – uma síntese no curso da qual a energia livre é transformada em energia presa” (p. 175), reiterando, assim, sua opinião em relação à ligação.

Como estes posicionamentos sobre a ligação psíquica são constantes dentro da obra freudiana, tendo sido expostas nos textos onde as propostas de aparelho psíquico e de suas instâncias foram apresentadas, podemos afirmar que a ligação da energia livre, transformando-a em ligada, que foi mencionada em Freud (1920/2010e), é uma função do Ego, e não da compulsão à repetição.

Afirmar que é a compulsão à repetição quem opera esta ligação, não é algo possível, pois geraria algumas incongruências, já que, como vimos até o momento, a ligação que Freud anunciou (cf. 1950/1996y; 1900/1996c; 1923/2011a; 1940/1996w), é operada pelo processo secundário e pelo Ego (ou Pcs na primeira tópica do aparelho psíquico). Tal constatação não é compatível com o que Freud (1920/2010e) propõe como atividade da compulsão à repetição, pois ela é descrita como anterior à dominância sem interrupções do princípio do prazer e inerente à natureza do pulsional, estando, então, atrelada ao tipo de funcionamento primário do psiquismo.

A única maneira de se pensar numa ligação operada pela compulsão à repetição, seria fazer uma inversão dos processos psíquicos, de forma que, o processo secundário e a ligação deveriam ser anteriores ao processo primário, no qual a energia circula de forma livre. Porém, não é esta

a proposta freudiana, em razão de que Freud (1923/2011a; 1940/1996w) continua a afirmar a manutenção da ordem entre estes processos, assim como propôs em outros momentos (cf. FREUD, 1950/1996y; 1900/1996c), nos quais o processo primário e a energia livre antecedem o processo secundário e a energia ligada.

Quando descrevi como “primário” um dos processos psíquicos que ocorrem no aparelho anímico, o que tinha em mente não eram apenas considerações sobre a importância relativa e a eficiência; pretendi também escolher um nome que desse uma indicação de sua prioridade cronológica. [...] ao menos isto é um fato: os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários; é possível até que sua completa supremacia só seja atingida no apogeu da vida (FREUD, 1900/1996c, p. 626).

Diante disto, a relação existente entre esta compulsão, abordada em Freud (1920/2010e), e a ligação, é a de oportunizar que a ligação seja feita, quer dizer, que a energia livre possa finalmente ser capturada pelo Ego. A compulsão à repetição desenfreada é a maior prova de que ao repetir não se liga propriamente, apenas se dá chances para que isso possa acontecer; por conseguinte, não existe nenhuma garantia.

Outra consideração que podemos retirar dos textos analisados que retratam a ligação e a compulsão à repetição é que estes dois mecanismos, se confirmam como inconscientes, pois, de acordo com Freud (1950/1996y), os processos primário e secundário acontecem em Ψ , que não é o

neurônio que corresponde à consciência. Segundo Garcia-Roza (1991/2004), “essa distinção entre processos primários e processos secundários não corresponde à distinção entre inconsciente e consciente” (p. 156). Isso resulta na constatação de que a energia estar em estado ligado, não implica consciência.

Esta afirmação também é confirmada, pela descoberta, de Freud (1923/2011a), de que o Ego possui partes inconscientes, e por não estarmos nos referindo à ligação entre os representantes da pulsão (representação coisa e representação palavra). Esta outra ligação, sim, diz respeito da passagem de algo da inconsciência para a viabilidade de consciência, mas é completamente diferente daquela com que estamos lidando, que corresponde à ligadura das excitações e sua organização.

No texto *O inconsciente* (FREUD, 1915/1996i), o autor afirma ser a ligação da representação de coisa com a de palavra que torna algo consciente, transformando o processo primário, onde se encontram as representações coisa, em processo secundário, composto por representação coisa mais representação palavra. Porém, neste momento ainda não se tinha a formulação do Ego da forma como é proposto na segunda tópica, na qual, ele não é constituído apenas de pré-consciente, mas também de inconsciente. Então, pensando na segunda tópica, a ligação entre representação coisa e palavra remete apenas a uma parte desse Ego, que é pré-consciente. Assim, aquilo que se encontra no Ego, mas que não é pré-consciente, não está ligado à palavra, é apenas mais organizado e controlado que aquele conteúdo presente no processo primário.

Para que aconteça a passagem de inconsciente para consciente se faz necessária a ligação com os representantes de palavras. Porém, isso não quer dizer que ela seja necessária para a passagem do processo primário para o secundário, pois o processo secundário é também inconsciente. Ademais, de acordo com Freud (1923/2011a), estar ligado à palavra torna o conteúdo pré-consciente, mas ele não necessariamente virá a se tornar consciente.

Voltando à análise do texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e), após apresentar suas considerações sobre a ligação psíquica, o autor afirma que os sonhos dos neuróticos traumáticos e aqueles que acontecem durante o tratamento psicanalítico, que envolvem traumas infantis, não visam realização de desejo; obedecem, na verdade, à compulsão à repetição, constituindo um exemplo evidente da necessidade deste trabalho de ligação. À medida que os sujeitos repetem o evento traumático, desprazeroso em si, a angústia e o sobre investimento do sistema podem ser desenvolvidos, possibilitando a ligação de todo o excesso energético provocado.

A existência desses tipos de sonhos, que objetivam o “[...] ligamento psíquico de impressões traumáticas” (FREUD, 1920/2010e, p. 144) e que podem acontecer dentro ou fora da análise, invalidam a lei geral de que todo sonho é realização de desejo e passam a incluir a possibilidade de que eles sejam regidos pela compulsão à repetição. De forma que eles, de acordo com o autor, “[...] já não se incluem na perspectiva da realização de desejo [...] obedecem antes à compulsão de repetição, que na análise, de fato, é favorecida pelo desejo (encorajado pela ‘sugestão’) de evocar o que foi esquecido e reprimido” (p. 144).

Com estas novas considerações freudianas, podemos compreender, que a partir de agora, Freud (1920/2010e) descola a compulsão à repetição de sua origem no inconsciente recalçado, para abrir espaço para outro aspecto seu, visto que neste texto o autor nos diz que em suas manifestações ela pode possibilitar a ligação das energias livres advindas de traumas. Desta forma, a compulsão à repetição pode lidar com dois tipos de conteúdos: aqueles que já foram recalçados, mas não se encontram em estado ligado; e aqueles que nunca foram ligados, advindos de traumas externos ou das pulsões, que são excitações advindas do interior do próprio organismo, visto que,

É perfeitamente verídico que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos. Representam caminhos que sempre podem ser percorridos, toda vez que uma quantidade de excitação se serve deles. Na verdade, um aspecto destacado dos processos inconscientes é o fato de eles serem indestrutíveis. No inconsciente, nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido. [...] Tão logo que se roça em sua lembrança, ela ressurge para a vida e se mostra mais uma vez catexizada com uma excitação que encontra descarga motora num ataque (FREUD, 1900/1996c, p. 602).

O que há de comum entre ambos os conteúdos é que são inconscientes e regidos pelo processo psíquico primário, ou seja, são livremente móveis e buscam a descarga. À medida que a compulsão à repetição se atrela a esses conteúdos, ela dá mais potência a eles, aumentando suas forças para romper os obstáculos que os impediam de vir à tona. Entretanto, precisamos destacar que apesar de esta compulsão estar relacionada à energia não ligada, acredita-

mos que ela não esteja associada a qualquer energia que se encontre em estado livre, porque não são todas estas que se apresentam de forma compulsiva.

Se considerarmos as características do inconsciente, é plausível que a energia livre possa percorrer diversos caminhos dentro do psiquismo, visto que, ela pode sofrer deslocamentos, deslizando para diferentes caminhos associativos entre representações, assim como, condensações, ligando-se a cadeias de representações, como é perceptível nos sonhos e sintomas. Isso resulta em existirem diversas maneiras diferentes de a energia livre circular pelo psiquismo, que se diferem da compulsão à repetição, acarretando em precisar haver algo de específico nesta energia para que ela seja levada a esta destinação. Acreditamos que este algo seja o excesso.

1. 2. 5. A nova dualidade pulsional

As pulsões foram definidas pela primeira vez, na obra freudiana, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/1996e), onde foram entendidas como representantes psíquicas da estimulação endógena. Ganharam, a partir de então, grande significação e importância na teoria, pois se mostraram como uma fonte de estimulação constante, que exige algo do psiquismo para que seja apaziguada.

Dez anos mais tarde, em *Os instintos e suas vicissitudes* (FREUD, 1915/1996j), é proposta a primeira teoria pulsional, na qual foi criada a distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, já sendo, portanto, uma

teoria dual, que insere o conflito e o embate entre dois tipos diferentes de pulsões. Porém, esta teoria foi sendo revisada, devido a novas descobertas, principalmente a partir da introdução do conceito de narcisismo, que evidenciou que o Ego também poderia ser tomado como objeto e ser investido libidinalmente, revelando o lado sexual das pulsões de autoconservação e levando a novas formulações.

Com esta premente necessidade de reformulação, cinco anos mais tarde, no texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e), o autor se atenta às evidências trazidas pela compulsão à repetição e ao seu movimento regressivo, percebendo uma íntima relação entre essa compulsão e as pulsões, que diz respeito da própria característica geral dessas, passando a entendê-las como

[...] *um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica* (p. 147-148, grifos do autor).

Portanto, o estudo da compulsão à repetição permitiu a compreensão de que a pulsão apresenta uma tendência conservadora. Mas Freud (1920/2010e) vai além a suas descobertas e passa a fazer uma especulação biológica sobre os seres vivos, para que pudesse fundamentar com mais argumentos sua hipótese. Ele notou que “[...] nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia estão as provas mais formidáveis de uma orgânica compulsão a repetir” (p. 148). Ou seja, para além da descoberta de que a compulsão à repetição pode estar relacionada com o recalcado e com as energias livres, o autor também assimila que

ela possui origem orgânica, estando alicerçada no biológico. Por isso ela se justifica como um mecanismo mais anterior e fundamental que o princípio do prazer; o que lhe outorga agir de forma totalmente independente deste princípio.

A organicidade da compulsão à repetição pode ser compreendida ao considerarmos a sua proximidade com as pulsões, que possuem fonte somática. Desta forma, assim como as pulsões, a compulsão à repetição também se encontraria na intersecção entre o psíquico e o somático. Apesar de o tema do orgânico em Freud ser objeto de frequentes discussões no campo psicanalítico, este posicionamento do autor indica que ele considera o sujeito como um todo, sem desconsiderar o corpo, quer dizer, aquilo que é somático e biológico, evitando concepções mentalistas ou que dão supremacia apenas às representações.

Assim, Freud (1920/2010e) chega à hipótese de que todos os seres objetivam voltar a um estado anterior, no qual não existia a excitação. A soma destas descobertas o fez postular que “[...] o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o *inanimado existia antes que o vivente*” (p. 149, grifo do autor). Com isso, o caminho se abriu para a postulação do novo dualismo pulsional, composto pela pulsão de vida e pulsão de morte, sendo que ambas estariam presentes desde a origem dos seres vivos. Segundo França (2009), a introdução deste novo dualismo pulsional, que se sobrepôs aos anteriores, fez com que o conflito passasse a se encontrar “[...] no nível intrapsíquico e não mais entre libido e realidade, ou entre ego e objeto” (p. 123).

Passa-se a ter, então, por um lado, a pulsão de morte, como a força que promove o desligamento, a destrutividade, que separa e leva “[...] o que está vivo de volta a um

estado inorgânico” (FREUD, 1933/1996r, p. 116). E por outro, a pulsão de vida, que promove ligação, representa a sexualidade, serve para prolongar a vida e facilitar a reprodução, evitando o fim das espécies (FREUD, 1920/2010e). Visto que ela “[...] busca o objetivo de, agregando cada vez mais amplamente a substância viva dispersa em partículas, tornar mais complexa a vida, nisso conservando-a, naturalmente” (FREUD, 1923/2011a, p. 50).

Quanto à característica conservadora das pulsões, a da pulsão de morte é mais certa e livre de dúvidas para Freud (1920/2010e) num primeiro momento. O autor salienta que ainda eram necessários mais estudos sobre as pulsões de vida e sexuais, no tocante a essa função; por isso, ele apenas relacionou a compulsão à repetição à pulsão de morte inicialmente. Mas, posteriormente, não deixa de generalizar essa função para todas as pulsões, ao afirmar que “[...] se não quisermos abandonar a hipótese de instintos de morte, será preciso conjugá-los a instintos de vida desde o começo” (p. 166).

Então, apesar de haver um antagonismo entre estes dois tipos pulsionais, indicando objetivos e tendências distintas a cada um, ambas as pulsões são conservadoras, segundo Freud (1920/2010e), pois “querer restaurar um estado anterior é realmente uma característica universal” (p. 169) delas. Entretanto, isto se dá de formas diferentes em cada uma. A pulsão de morte pode ser considerada conservadora porque visa levar a um estado anterior, que seria à volta ao inanimado; e as pulsões de vida são conservadoras de maneira contrária às outras, por colaborarem com a manutenção da vida, ao invés

da sua extinção; seja através da sua complexificação ou da promoção de maior coesão. O autor afirma que

O que daí resta é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo [...]. Surge então o paradoxo de que o organismo vivo se rebela fortemente contra influências (perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho curto (p. 150).

Dessa maneira, as pulsões encontram-se sempre fusionadas em algum grau e na vida não existe ação de uma das pulsões isolada. Essa proposta está presente em diversos textos de Freud (1920/2010e, 1923/2011a, 1924/2011b, 1933/1996r, 1933/1996t, 1937/1996u, 1940/1996w), o que deixa claro a assertiva de que “[...] ocorre entre as duas espécies de instintos uma extensa mescla e amálgama, variável em suas proporções, de maneira que não devemos contar com puros instintos de morte e de vida, mas apenas com misturas deles em graus diversos” (FREUD, 1924/2011b, p. 191-192). A atividade livre da pulsão de morte não permitiria a existência da vida; por esta razão, se faz necessário admitir a existência das pulsões de vida e sua influência de atenuação constante sobre a outra, de forma que a função da fusão dos dois tipos de pulsão seria amansar, ou tornar ineficiente a mais destrutiva, preservando a vida.

Mesmo que também se possa pensar em uma desfusão, que se caracterizaria, num grau máximo, na ação individual das pulsões, essa forma extrema não é encontrada nos fenômenos da vida. Apenas se pode pensar em níveis de fusão e desfusão, que podem ser sempre alterados, como, por exemplo, nos casos das regressões, que são percebidas na clínica psicanalítica, ou no predomínio da agressividade,

visto que estas são situações onde se tem um menor enlaxamento da pulsão de morte pela de vida, caracterizando maior predomínio desta primeira.

Freud (1924/2011b) também comenta alguns exemplos de como a fusão pulsional poderia se manifestar, de forma a não deixar a pulsão de morte agir de maneira totalmente livre, ao envolver um componente erótico, que não se contenta, a partir de então, com apenas a satisfação dos objetivos destrutivos, pois requer também alguma satisfação libidinal. Um desses exemplos seria o desvio da pulsão de morte para fora do organismo, ou seja, para os objetos exteriores, principalmente através da musculatura, o que vem a caracterizar o sadismo, “[...] àquela situação em que o sujeito, para obter satisfação sexual, depende da condição de o seu objeto sofrer dor, maus-tratos e humilhações” (FREUD, 1933/1996r, p. 113). Mas a parte desta pulsão que não é desviada acaba agindo dentro do próprio organismo. Ela se associa à sexualidade e se manifesta como masoquismo, compreendido como “[...] a situação em que o sujeito sente necessidade de ser ele mesmo o objeto maltratado” (FREUD, 1933/1996r, p. 113). Portanto, o sadismo e o masoquismo, são exemplos claros de possibilidades de fusão das pulsões, nas quais se permite as mais variadas destinações, de acordo com a proporção da fusão.

É nesta dinâmica que se daria o funcionamento do aparelho psíquico na segunda tópica, visto que as duas classes de pulsões são encontradas em todas as instâncias psíquicas, não somente no Id. Porém, não se tem definido como se daria exatamente essa mistura das pulsões, esta é apenas “[...] uma suposição inescapável em nosso contexto” segundo Freud (1923/2011a, p. 51), que nos compele a aten-

tarmo-nos para os níveis de fusão e desfusão, bem como, às possibilidades de preponderância de uma das pulsões.

Considerando o que foi exposto, na compulsão à repetição também estão presentes ambas as pulsões. Não podemos pensá-la como a manifestação pura da pulsão de morte, pois, apesar de ela apresentar um caráter conservador, este é comum a ambas as classes de pulsões, e não existe fenômeno da vida que seja composto por apenas uma delas. A ação única e totalmente desfusionada da pulsão de morte é a destruição máxima, ou seja, a própria morte.

Para entendermos a forma como as duas pulsões atuam na compulsão à repetição, poderíamos pensar que como aquilo que é repetido pela compulsão à repetição é o que se encontra em estado desligado, trata-se daquilo que possui predomínio da pulsão de morte, e que por seu caráter conservador se repete, visando retornar a um estado anterior. Mas, como vimos, o próprio movimento de repetição compulsiva reapresenta o conteúdo desligado inúmeras vezes, dando chances para que outros mecanismos psíquicos atuem sobre estes conteúdos, por exemplo, que o Ego faça a ligação, tendência esta que é atribuída à pulsão de vida, visto que leva a uma melhor organização e desenvolvimento do psiquismo.

Desta forma, apesar de a ligação não ser uma finalidade da compulsão à repetição – até mesmo porque ela não possui finalidade alguma, apenas envolve a movimentação do conteúdo desligado – temos nela, devido à suas possíveis repercussões, a fusão, amálgama e mistura dos dois tipos de pulsão, de maneira que ambas atuam ao mesmo tempo. Confirmando a assertiva de Freud (1937/1996u) de que “somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos

dois instintos primevos – Eros e o instinto de morte –, e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida” (p. 256-257), inclusive a compulsão à repetição.

Além do mais, as tendências da pulsão de morte são percebidas somente quando misturadas com a pulsão de vida, porque ela é silenciosa segundo Freud (1937/1996u; 1940/1996w). Isto pode ser constatado, segundo o autor, nos casos de resistências durante a análise, da reação terapêutica negativa e no sentimento de culpa, onde a pulsão de morte se alia ao Superego podendo ser, então, percebida. No caso da compulsão à repetição, acreditamos que ela também se faz perceptível, visto ser algo que causa sofrimento aos sujeitos e que, apesar de ser inconsciente, se faz ouvida, através do sentimento de estranheza que lhe é comum.

Como pudemos perceber, o texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e) possui grande importância para o estudo do conceito de compulsão à repetição. Nele ela é definida como um mecanismo psíquico que promove a rerepresentação das excitações excessivas, dando chances para que ocorra a ligação operada pelo Ego. Assim, o autor amplia o conceito, visto que anteriormente ele dizia respeito apenas da repetição compulsiva do recalcado, que é motivada pela própria luta deste em alcançar a satisfação originária; e neste texto, é inserido mais um aspecto desta compulsão, que é a sua característica orgânica e biológica.

Por conseguinte, a partir de Freud (1920/2010e) podemos entender que desde o início da vida existe uma tendência a repetir compulsivamente e que ela se estende até os estágios mais desenvolvidos. Uma das razões para tan-

to é a de que no psiquismo coexistem diferentes fases do desenvolvimento, somando-se a isto, sempre que houver a presença excessiva de energia livre desligada, a compulsão à repetição poderá entrar em ação, mesmo que este conteúdo já tenha sido recalçado.

1.3. LEGITIMAÇÃO: menções em textos posteriores a 1920

Depois de *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920/2010e), que pode ser considerado como o principal texto para a discussão da compulsão à repetição, o autor publica outros, onde as hipóteses apresentadas naquele texto são mais explanadas e confirmadas, de forma que elas passaram a ser determinantes para se pensar o aparelho psíquico e seu funcionamento. Vale a observação de que nas seções anteriores já trabalhamos alguns textos posteriores a 1920, porém apenas no que concernia aos conceitos de princípio do prazer, ligação, pulsão de vida e de morte, porque eram determinantes para a compreensão destes e de suas relações com a compulsão à repetição. Agora o foco se encontrará nas suas menções diretas ao conceito por nós estudado.

Em 1923, Freud publica *Observações sobre a teoria e prática da interpretação dos sonhos*, no qual traz novas informações acerca da compulsão a repetir, a partir da discussão do retorno do recalçado na análise. O autor supõe que poderia acontecer uma aliança entre a transferência positiva e a compulsão à repetição na análise, para que conteúdos recalçados desprazerosos, originários da sexualidade

infantil, possam emergir de alguma forma; mais especificamente, através dos sonhos.

Nesta proposta, a compulsão à repetição é entendida como “[...] um impulso ascendente extraordinariamente forte, [...] uma força capaz de superar a repressão” (FREUD, 1923/1996m, p. 135). Assim, o autor confirma mais uma das características desta compulsão, a de auxiliar a emergência do material recalçado na análise, sendo que, esse aspecto seu já havia sido apresentado em textos anteriores onde foram abordadas as repetições de alguns pacientes na clínica psicanalítica. A aliança com a transferência positiva contribui por diminuir o recalçamento, facilitando o trabalho da compulsão à repetição.

Segundo Freud (1923/1996m), a manifestação desta compulsão nesse caso, contraria o princípio do prazer num primeiro momento. A razão para tanto se encontra na volta do recalçado, que assim como os conteúdos que retornam, são sentidos como desprazerosos pelo Ego. Mas, de acordo com o autor, o objetivo é, na verdade, colocar o princípio de realidade em funcionamento.

Em *Inibições, sintomas e ansiedade* (FREUD, 1926/1996n) percebemos como a compulsão à repetição passou a fazer parte do funcionamento psíquico após 1920, pois o autor a utiliza para explicar os mecanismos envolvidos no recalçamento, especialmente como pode se dar a dinâmica entre o Ego e o Id nestes casos, sendo que aqui ela passa a ser considerada como um tipo de reação da segunda instância frente às defesas impostas pela primeira, principalmente à insistência no recalçamento. Destaque-se que este texto já

leva em consideração a segunda tópica do aparelho psíquico apresentada anteriormente por Freud (1923/2011a).

Segundo Freud (1926/1996n), diante da percepção de uma situação de perigo advinda do elemento pulsional, o Ego pode tentar se proteger através de diversas defesas, dentre elas o recalçamento. Porém, pode acontecer que, depois de o perigo passar, o Ego não consiga desfazer os recalçamentos que ele mesmo colocou e, por isso, mantenha a continuidade ao gasto de energia contra o pulsional, com o objetivo de não dar chances para que esse conteúdo se exponha, já que estes impulsos são contínuos e sempre alimentados. O resultado disto é uma fixação no recalçamento, independentemente de o perigo não estar mais presente, o que provoca uma reação do Id frente a esse funcionamento egóico.

Somando-se a isso, ao mesmo tempo em que se impede o acesso do conteúdo pulsional perigoso à consciência, na dinâmica do recalçamento, se segrega o conteúdo do campo de controle do Ego, o que faz com que ele fique sob as regras do inconsciente (FREUD, 1926/1996n). Isso permite que o pulsional reaja de acordo com as leis do inconsciente contra as defesas impostas pelo Ego. Seria como se ele se recusasse a ficar impedido de fazer seu curso original e se rebelasse contra as defesas do Ego através de uma repetição compulsiva.

Remetendo esta manifestação da compulsão à repetição ao contexto do tratamento psicanalítico, Freud (1926/1996n) chama este tipo de repetição de uma “resistência do inconsciente” (p. 157), fazendo uma aproximação com a noção de resistência do Ego. Essa aproximação se faz possível porque ambas as resistências se mostram como obstá-

culos frente ao trabalho do analista, sendo que a resistência do inconsciente dificulta o trabalho da análise ao mobilizar o pulsional para a repetição compulsiva do mesmo.

Para que se consiga colocar um fim a essa compulsão à repetição, que ganha sua força da “[...] atração exercida pelos protótipos inconscientes sobre o processo instintual reprimido” (FREUD, 1926/1996n, p. 157), se faz necessário, de acordo com o autor, o processo de elaboração. Este consiste no período em que o Ego se esforça em baixar e abandonar os recalcamientos por ele impostos, esperando que não seja mais necessária uma reação do Id. Mas mesmo assim, ainda pode haver dificuldades em parar a compulsão à repetição.

Segundo Mezan (1982), o paciente repete justamente por causa das resistências do Ego, porque “[...] elas bloqueiam o acesso à linguagem, e, portanto, à consciência do material reprimido” (p. 254). Com isso, a única opção restante para o material recalcado, que sempre busca a descarga, é repetir-se compulsivamente, ignorando o princípio do prazer. Mezan (1982) contribui ainda mais ao dizer que a repetição ganha seu caráter compulsivo porque o próprio Ego fez com que ela fosse necessária, através de suas defesas e estratégias. Por isso, para o autor, não existe defesa contra a compulsão à repetição. Ou seja, quanto mais o Ego se defende e tenta impedir a volta do conteúdo recalcado desprazeroso, mais ele se expressará através desta compulsão.

Em *Psicanálise* (FREUD, 1926/2014), é realizada uma retomada e descrição do que é a psicanálise e suas principais postulações. Ao discorrer sobre o ponto de vista dinâmico do psiquismo e o jogo de forças que ele envolve, o autor ressalta um aspecto da compulsão à repetição que já havia sido apresentado anteriormente (FREUD, 1920/2010e), mas

agora ganha mais destaque. Segundo Freud (1926/2014), as pulsões são caracterizadas “[...] por enorme capacidade somática (compulsão à repetição)” (p. 315). Essa passagem nos diz que as pulsões possuem uma grande capacidade, poderíamos dizer potencialidade, e que esta vem de sua fonte, que são as excitações endógenas. E ainda diz mais, afirmando que essa potencialidade se expressa na compulsão à repetição, que como já sabemos, possui origem orgânica. Desta forma, a compulsão a repetir é expressão da força das pulsões. Se continuarmos nesta trilha, podemos abstrair que ela é mesmo uma característica de todas as pulsões, não somente da pulsão de morte.

Posteriormente, em 1930, Freud volta a comentar sobre a compulsão à repetição na publicação intitulada *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930/1996o). Aqui o autor revela que apesar de ter apresentado apenas especulações em obra anterior (FREUD, 1920/2010e), agora, nove anos mais tarde, está certo de que aquelas colocações eram realmente valorosas, pois

[...] com o decorrer do tempo, elas conseguiram tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira. Para mim, elas são muito mais úteis, de um ponto de vista teórico do que quaisquer outras possíveis; fornecem aquela simplificação, sem ignorar ou violentar os fatos, pela qual nos esforçamos no trabalho científico (FREUD, 1930/1996o, p. 125).

Desta forma, Freud (1930/1996o) confirma a importância do conceito de compulsão à repetição e de todo o conjunto de ideias metapsicológicas apresentadas por ele antes (1920/2010e; 1923/2011a), por se tornarem relevantes

para se pensar o funcionamento geral do aparelho psíquico. Roudinesco e Plon (1998) corroboram esta afirmação ao esclarecerem que Freud nunca abandonou as especulações que realizou em *Além do princípio do prazer*.

A apresentação de considerações sobre a sexualidade feminina, conforme Freud (1931/1996p), fez com que a questão da relação entre passividade e atividade voltasse a ser discutida. A atividade é vista como a reação da criança frente a algo que ela sofreu ou recebeu de maneira passiva, sendo, assim, uma forma de dominar o mundo externo. Nas brincadeiras das crianças é fácil notar esta dinâmica, visto que elas repetem ativamente o que outras pessoas fizeram com elas; inclusive podem ser repetidas até mesmo vivências desprazerosas e aflitivas, indicando o quão forte é a tendência em dominar o que lhe foi imposto (FREUD, 1931/1996p).

Assim, Freud (1931/1996p) retoma aquilo que expôs em *Além do princípio do prazer*, onde nos apresentou uma brincadeira de seu neto na qual ele procurava viver ativamente o abandono sofrido pela mãe, e nos explicou que o mecanismo por trás desta repetição da situação desprazerosa era a compulsão à repetição. Acreditamos que isso acontece porque, mesmo quando esta compulsão não contraria o princípio do prazer, que é o caso de uma repetição que visa o domínio sobre algo aflitivo que foi vivido, ela é anterior a ele. Ou seja, ela está preparando o terreno para que este princípio possa vir a dominá-lo, ou para que certas memórias passem a funcionar de acordo com ele.

Dando continuidade à nossa revisão, vemos que, em duas das *Novas conferências sobre psicanálise* (FREUD, 1933/1996q), podemos observar menção à compulsão à re-

petição, sendo que na *Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual* (FREUD, 1933/1996r) é destacada a relação entre ela e as pulsões, através da discussão sobre a natureza conservadora das pulsões. Essa relação se consagra porque a tendência em restaurar uma situação anterior que foi estabelecida, tem sua expressão, justamente, na compulsão à repetição. Disto podemos extrair que a motivação desta compulsão vem da própria natureza das pulsões, de forma que é por isso que ela busca trazer incessantemente uma mesma coisa.

Na conferência seguinte, *Conferência XXXIII - Feminilidade* (FREUD, 1933/1996s), vemos o autor abordar a compulsão à repetição para dizer sobre a possibilidade de reprodução de um destino, pois com o nascimento do primeiro filho a mulher reviveria a identificação com a mãe e reproduziria o mesmo casamento infeliz que seus pais viveram. Assim, neste texto o autor nos diz que de uma identificação pode surgir uma compulsão à repetição. Podemos imaginar que o motivo disso seja a mobilização de catexias já recalçadas, relacionadas à mãe e seu casamento, de maneira que esse recalçado buscaria uma forma de expressão, que seria repetir compulsivamente, conseguindo ultrapassar os recalcimentos impostos pelo Ego e agindo contrariamente ao princípio do prazer.

Por fim, o último texto em que encontramos menção à compulsão à repetição foi *Moisés e o Monoteísmo: três ensaios* (FREUD, 1939/1996v). Neste texto um dos assuntos abordados é o trauma neurótico, definido como experiências vividas numa tenra infância, que são esquecidas e deixadas inacessíveis à memória, quer dizer, que são recalçadas e ficam livres/desligadas, no inconsciente recalçado. Além

disso, “[...] relacionam-se a impressões de natureza sexual e agressiva e, indubitavelmente, também a danos precoces ao ego (mortificações narcísicas)” (p. 87).

A compulsão à repetição é relacionada ao trauma porque, segundo Freud (1939/1996v), o sujeito repete de forma compulsiva o trauma para tentar lembrar, ou até mesmo tornar real a experiência que foi vivida, mas esquecida. Trata-se de por o trauma em funcionamento para tentar lidar com ele. O autor complementa, entretanto, que estas manifestações do trauma são disfarçadas, pois são apagadas as ligações com a sua origem histórica; com isso, o sujeito vivencia sua reapresentação como se fosse algo atual. Não poderia ser de outra forma, pois, como já esclarecemos, a compulsão à repetição é inconsciente. Caso considerarmos que colocar o trauma em funcionamento novamente, ou seja, revivê-lo, cria possibilidades de novas ligações da energia desligada dele resultante, a ação da compulsão à repetição pode ser entendida como positiva.

Portanto, analisando os textos posteriores a 1920 (FREUD, 1923/1996m; 1926/1996n; 1926/2014; 1930/1996o; 1931/1996p; 1933/1996q; 1933/1996r; 1933/1996s; 1939/1996v) podemos compreender que a compulsão à repetição continua a ser atrelada tanto com o conteúdo recalçado, quanto com aquele que nunca foi ligado. Ademais, algumas considerações são acrescentadas nestes textos, mas são, principalmente, debatidas e confirmadas aquelas já apresentadas anteriormente. A título de ilustração, houve a produção de considerações acerca da relação desta compulsão com a clínica, com os sonhos, com o recalçamento e com as pulsões, sendo que em algumas das vezes elas foram produzidas a

partir de novos ângulos de análise e com o auxílio de outras noções.

De todo modo, a constante menção do conceito de compulsão à repetição nos textos freudianos citados nesta sessão permite o entendimento de que ele ganhou, com o decorrer dos textos, importância central na tentativa de compreensão do psiquismo.

1. 4. O conjunto da obra

Diante desta revisão percebemos que o conceito de compulsão à repetição é citado por Freud em muitos de seus textos, sendo que em alguns deles o autor nos traz novas e diferentes características a seu respeito, o que pode suscitar diferentes visões quando não se considera o conjunto formado. Por isso, pensamos ser indispensável, para uma tentativa de compreensão deste conceito, ponderarmos o conjunto e sua evolução. Outro motivo que nos leva a este entendimento é o fato de que nos momentos em que autor apresenta novas considerações, ele nos dá mais informações sobre este fenômeno complexo, mas sem desconsiderar o que já foi anteriormente apresentado, configurando-se um movimento de refinamento e aprimoramento.

A partir dos primeiros textos que citaram o conceito de compulsão à repetição (FREUD, 1895/1996a; 1914/2010b) pudemos ter uma visão de sua manifestação clínica e da forma como o conteúdo recalcado pode ser objeto desta repetição compulsiva na transferência. Em seguida, a discussão acerca da compulsão à repetição apresentada em Freud (1919/2010d; 1920/2010e), possibilitou que conhecêssemos

o além do princípio do prazer e a condição imprescindível para que este princípio passasse a comandar o funcionamento psíquico de forma segura e sem sofrer interrupções, a ligação da energia livre, quer dizer, o fim da anarquia e o início de uma organização. Além disso, foi postulado o novo dualismo pulsional, a partir da descoberta de um movimento regressivo inerente às pulsões. Todas estas novidades produziram implicações diretas para forma como se compreendia o conceito de compulsão à repetição, ampliando-o consideravelmente, principalmente no que concerne à sua relação com as excitações e conteúdos excessivos. Por fim, os textos posteriores a estes (FREUD, 1923/1996m; 1926/1996n; 1926/2014; 1930/1996o; 1931/1996p; 1933/1996q; 1933/1996r; 1933/1996s; 1939/1996v), nos mostraram como este conceito foi se consolidando na discussão sobre o funcionamento do psiquismo.

Ao considerarmos o conjunto de menções à compulsão à repetição na obra freudiana podemos notar que, de acordo com Freud (1914/2010b; 1915/1996h; 1919/2010d; 1923/1996m; 1926/1996n; 1931/1996p; 1933/1996s e 1939/1996v), ela envolve a volta do conteúdo recalçado, mas, não se restringe a isso, pois o autor (1919/2010d; 1920/2010e) amplia esta visão, trazendo a informação de que ela possui origem orgânica e também lida com aqueles materiais desligados, provenientes de traumas causados por excitações externas ou impulsos pulsionais excessivos, que nunca sofreram nenhum tratamento pelo psiquismo; quer dizer, que nunca foram ligados.

Assim, pudemos depreender que compulsão à repetição é o modo de funcionamento do excessivo, daquilo que é danoso para o sujeito e precisa ser tratado de alguma for-

ma pelo psiquismo. Mas ao repetir, por mais contraditório que pareça, a energia acaba se oferecendo à captação, ligação e ordenação pelo Ego. Isso implica em a ligação não se configurar como uma função sua, trata-se, apenas, de um possível desdobramento psíquico a partir de sua ação. Porém, enquanto a ligação não acontecer, a energia excessiva continuará a percorrer o psiquismo de forma desregrada, compulsiva e repetitiva, quer dizer, ela circulará de acordo com o modo da compulsão à repetição.

Essa sua importante relação com a ligação psíquica, somada ao fato de sua origem ser orgânica e dizer a respeito da própria natureza das pulsões, como foi apresentado em Freud (1920/2010e), nos leva ao entendimento de que a compulsão à repetição entra em funcionamento no psiquismo desde o início da vida e continua a ser requisitada sempre que necessário, visto que o aparelho pode sempre ser invadido por excitações internas ou externas, e nossas censuras constantemente impedem certas realizações de desejo, recalçando-as.

Desta forma, a compulsão à repetição é um mecanismo frequentemente acionado em nosso psiquismo, que é também mais primitivo, visto que pode desconsiderar as tendências mais evoluídas do funcionamento mental ao entrar em cena. É desta maneira que se explica, por exemplo, por que o neurótico traumático repete o trauma sofrido em seus sonhos, o paciente repete durante a terapia situações que nunca lhe trouxeram prazer, a criança repete uma situação de abandono e pessoas repetem um mesmo destino desafortunado.

1.5. A compulsão à repetição como um conceito específico

Após termos percorrido o caminho formado pelas menções a respeito da compulsão à repetição na obra freudiana e chegado a um entendimento acerca deste conceito, acreditamos ter fundamentos para realizar uma diferenciação entre os conceitos de repetição e compulsão à repetição dentro da obra deste autor. Entretanto, ressaltamos que não é a nossa intenção fazer um estudo pormenorizado sobre a diferença entre estes dois conceitos na obra freudiana, visto que este tema merece ser estudado em uma pesquisa específica para que possa ser mais aprofundado. Apenas queremos ressaltar os aspectos que nos permitem diferenciá-los, porque nossa intenção nesta dissertação é discutir o tipo específico de repetição compulsiva em detrimento dos demais tipos que possam existir.

A confusão ou identificação destes dois conceitos pode acontecer por alguns motivos, dentre eles, o fato de as primeiras menções à compulsão à repetição na obra freudiana terem acontecido no texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2010b) e numa nota de rodapé inserida em 1914 no caso de *Emmy Von N* (FREUD, 1895/1996a), de maneira que ele foi primeiramente discutido num contexto clínico, sem se dedicar ao estudo das suas possíveis manifestações em diferentes cenários, ou de suas implicações metapsicológicas.

Somando-se a isto o conceito de repetição está presente desde o início da psicanálise (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001; PAIM FILHO, 2010). Ele participa da forma com que se apresentam os sintomas e é a característica mais

central do recalçado, visto que ele quer retornar, quer voltar a se apresentar.

Já no *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950/1996y) são encontradas noções que remetem à repetição presente no psiquismo, como a ideia de facilitação, que define que a energia circulará preferencialmente por vias ocupadas, ou seja, já investidas, pois assim apresentarão menor resistência. Também no caso Dora (FREUD, 1905/1996d), segundo Garcia-Roza (1986/2014), esta noção é abordada, pois, ao atender esta paciente, Freud percebeu que ao invés dela recordar suas vivências e lembranças na análise, repetia seu passado na transferência e atuava-o. Isto ficou claro pelo fato de ela ter abandonado o tratamento após apenas três meses de seu início, repetindo agora ativamente, com Freud, uma situação que viveu com Sr. K passivamente, pelo qual foi abandonada. Assim, ela se vingou de Freud, da mesma maneira que queria se vingar do Sr. K.

Posteriormente, em 1915, a repetição na clínica psicanalítica foi trabalhada, num texto em que o autor nos fala do amor transferencial, aquele que a paciente manifesta por seu médico durante a análise, mas que, na verdade, não tem sua origem na situação atual, ele é repetição de relações anteriores, principalmente infantis, que muitas vezes entram em cena por obra da resistência. Em nome deste amor, a paciente resiste ao tratamento como que para se vingar do terapeuta, por este não a retribuir. Também o amor comum, presente na vida em geral, é composto por repetições de relações e reações anteriores, porém em menor intensidade. (FREUD, 1915/1996h)

A própria noção de desejo, que cedo é definida pelo autor acima, traduz uma tendência a repetir presente no

psiquismo, pois ele está atrelado à tentativa de retornar e reviver a experiência primária de satisfação. Diante disto, Paim Filho (2010) afirma que “se pensarmos que a psique tem seu móbil na força pulsante do reencontro, temos posto que a repetição seja algo constitutivo da própria essência do aparelho psíquico” (p. 118). Logo, trata-se uma noção central para se pensar o funcionamento do psiquismo, que se refere à reedição, do fazer novamente, da reexperimentação, sendo algo inerente à vida dos sujeitos, estando sempre presente, em menor ou maior quantidade, como Freud (1915/1996h) nos mostra ao falar do estado amoroso.

Entretanto, a compulsão à repetição se diferencia desta repetição, tão comum ao psiquismo, por alguns motivos. Por exemplo, pudemos perceber que ela pode envolver tanto a repetição do prazeroso como a do desprazeroso e daquilo que nunca produziu prazer. Foi a indagação de Freud (1920/2010e) sobre a relação da compulsão à repetição com o princípio do prazer que possibilitou que fosse descoberto um além do princípio do prazer, o qual pode ser representado por esta própria compulsão devido a sua possibilidade de contrariá-lo e ignorá-lo.

Isto já a diferencia da simples repetição, pois esta seria apenas resultado da busca por prazer, nos moldes da vivência primária de satisfação e do desejo, nos quais o psiquismo é colocado em movimento em busca da satisfação um dia alcançada, mas que nem sempre obtém sucesso (FREUD, 1900/1996c). Falta, portanto, à repetição, comumente encontrada na vida dos sujeitos, a força compulsiva que permite a desconsideração deste princípio e a consequente possibilidade de que até conteúdos desprazerosos sejam repetidos

incontáveis vezes, mesmo depois de já se ter tido a confirmação de que produzem desprazer.

Desta forma, poderíamos dizer que a presença ou não de compulsão também é uma das diferenças entre estes fenômenos. O termo compulsão (*Zwang*) se relaciona a algo que o sujeito é compelido inconscientemente a fazer por uma imposição interna. Pode ser desde um pensamento, uma ação, até uma sequência complexa de comportamentos, sendo que a sua não realização provoca aumento de angústia (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001).

Paim Filho (2010) destaca que compulsão é um conceito energético, que diz a respeito da força da pulsão, sendo que a própria terminologia evidenciaria isso, pois “se a decomposermos, teremos o prefixo ‘com’, que significa ‘aglutinar’, ‘somar’. Quanto ao nome ‘pulsão’, sabemos que é pura intensidade, não tem qualidade, simplesmente pulsa em busca da descarga” (p. 117-118). Neste sentido, para Mezan (1982), ela é “[...] uma necessidade premente e cega a realizar o desejo” (p. 254).

Na *Carta 52* (FREUD, 1896/1996b), ao discutir a compulsão atrelada à recordação de experiências sexuais em fases diferentes daquelas em que ocorreram, Freud relaciona a compulsão ao prazer não passível de inibição; quer dizer, um prazer que não pode ser freado ou impedido de acontecer, garantindo à compulsão a característica de ser incontrollável. Mas nesta carta o autor ignora a possível vinculação entre o desprazer e a compulsão, pois até o momento o primeiro apenas estaria atrelado ao recalçamento. Mais características da compulsão são apresentadas em Freud (1939/1996v), onde, neste texto, o autor afirma que atribuir a qualidade de ser compulsivo aos fenômenos significa que

eles possuem “[...] grande intensidade psíquica e, ao mesmo tempo, apresentam uma independência de grandes consequências quanto à organização dos outros processos mentais, que se ajustam às exigências do mundo externo real e obedecem às leis do pensamento lógico” (p. 90).

Portanto, podemos afirmar que a compulsão é um conceito relacionado ao ponto de vista econômico do psiquismo, que diz respeito a uma maior intensidade ou força da pulsão, sendo algo incontrolável que impele os sujeitos, de forma inconsciente, a determinadas atividades psíquicas e motoras. Logo, a compulsão à repetição não diz respeito à comum obediência ao desejo ou à tendência em querer alcançar novamente uma satisfação anteriormente obtida. Ela é algo de outra esfera, mais especificamente, pertence à esfera do excesso, que envolve um fazer novamente que acontece obrigatoriamente, que insiste e força sua manifestação, de forma que parece algo misterioso e de difícil compreensão para o próprio sujeito.

Podemos exemplificar esta diferença entre repetição e compulsão à repetição através das brincadeiras das crianças, pois uma criança pode pedir a um adulto que ele lhe conte uma mesma história diversas vezes, ou ela pode brincar de uma mesma brincadeira por horas sem ser necessariamente motivada por uma compulsão interna e inconsciente.

Na maioria das brincadeiras, assim como podemos notar na clínica psicanalítica com crianças, o lúdico se mostra como uma ferramenta central. Nestes casos, a repetição acontece com o objetivo de obtenção de satisfação, ou por resposta ao desejo, sem haver o incremento da força compulsiva. Desta maneira, a criança faz o mesmo porque ele já

foi satisfatório um dia. Freud (1900/1996c) afirma, em nota de rodapé, que as crianças

[...] são difíceis de satisfazer, não conhecem a palavra “bastante” e insistem insaciavelmente na repetição das coisas que desfrutaram ou cujo sabor apreciaram. É somente a influência civilizada da educação que lhes ensina a moderação e como se contentarem ou se resignarem. Todos sabem que os neuróticos são igualmente inclinados a serem extravagantes e imoderados (p.269).

Portanto, o próprio autor reconhecia que é normal às crianças repetir as brincadeiras. Além do mais, trata-se de repetições que permitem a criatividade, a mudança e a elaboração, sendo criados, através delas, novos caminhos para a libido, permitindo que a criança reajuste “[...] os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade” (FREUD, 1908/1996f, p. 135).

Já quando a brincadeira é motivada pela compulsão à repetição estamos diante de outro cenário, no qual pode haver a desconsideração total do princípio do prazer, dizendo a respeito daquilo que é chamado de além por Freud (1920/2010e) e envolve o excessivo. Outro fator importante é o de que a compulsão à repetição não possui um propósito, como aquela lúdica pode apresentar. Tem-se simplesmente a repetição estereotipada do mesmo, de maneira que o diferente ou o fim da repetição apenas irá ocorrer se algo, como algum outro mecanismo psíquico, interferir. Este é o motivo pelo qual o autor afirma que a brincadeira de seu neto, relacionada ao *fort-da*, que é apresentada neste mesmo texto anteriormente citado, poder ser entendida como uma compulsão à repetição. Neste sentido, convivem o desprazer e o

prazer conjugados numa mesma atividade, o que permite à criança viver ativamente o distanciamento da mãe, que sofreu passivamente.

Freud (1920/2010e) ressalva que dificilmente encontraremos a pura compulsão à repetição. Na maioria das vezes ela estará mesclada com outras motivações, o que implica em as próprias brincadeiras das crianças poderem ser determinadas por motivos conjuntos. Diante disto, chegamos à conclusão de que as brincadeiras das crianças, que envolvem repetições, podem ser compreendidas de diferentes formas, podendo ser tanto apenas repetição, quanto compulsão à repetição, como se caracterizou no caso do *fort-da*, ou até mesmo, uma mescla das duas, dependendo das especificidades de cada caso. O que imprimiria a marca da compulsão à repetição seria a falta de sentido, o aspecto absurdo e compulsivo.

A compreensão da compulsão á repetição como um fenômeno repetitivo distinto é por nós justificada, então, por causa de suas características exclusivas. Dessa maneira, apesar de no psiquismo os processos não acontecerem de forma isolada e poderem ser multideterminados, é possível identificar a compulsão à repetição através do reconhecimento de seus traços.

Se considerássemos apenas o texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2010b) poderia haver chances de uma identificação entre repetição e compulsão à repetição. Entretanto, ao considerarmos os demais textos que discutem esse segundo conceito (FREUD, 1919/2010d; 1920/2010e; 1923/1996m; 1926/1996n; 1931/1996p; 1933/1996s e 1939/1996v) isto não se torna possível, pois notamos que ela envolve con-

teúdos não tratados pela repetição, sendo mais ampla, além de possuir um elemento de força a mais, a compulsão.

2. PUBLICAÇÕES PÓS-FREUDIANAS SOBRE A COMPULSÃO À REPETIÇÃO: DIFERENTES VISÕES ACERCA DE UM MESMO FENÔMENO

Como pudemos notar no capítulo anterior, existe uma amplitude de menções à compulsão à repetição na obra de Freud. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), “[...] a discussão do conceito é confusa e muitas vezes retomada: ela faz necessariamente entrar em jogo opções sobre as noções mais cruciais da obra freudiana, como as de princípio de prazer, pulsão, pulsão de morte, ligação” (p. 83).

Soma-se a isso a constatação de que, apesar de a compulsão à repetição ter sido apresentada e discutida em inúmeros textos, não estava presente a mesma concepção sobre ela em todos eles. Em alguns, ela não foi trabalhada em toda a sua extensão do conceito, considerando tudo o que foi afirmado sobre ela no decorrer dos vários textos, por exemplo, o autor expressou uma definição para o conceito até um ponto de sua teoria, marcado por Freud (1914/2010b), e depois acrescentou novas informações, ainda não vislumbradas anteriormente, como aconteceu, principalmente, em Freud (1919/2010d; 1920/2010e).

Acreditamos que essa diversidade de menções levou ao surgimento de algumas dificuldades e ambiguidades em relação ao conceito, abrindo a possibilidade de diversas leituras do mesmo, destoantes entre si, quando não se considera o conjunto formado por essas menções.

Atualmente, encontramos muitos trabalhos de autores que se dedicaram a compreender este conceito complexo buscando fundamentos, principalmente, na própria obra freudiana e na clínica, onde percebem as manifestações desta força inconsciente.

Os dicionários de psicologia publicados no Brasil, por exemplo, como os de Laplanche e Pontalis (1982/2001) e de Roudinesco e Plon (1998), nos trazem a visão de que a compulsão à repetição corresponde a algo da ordem do inconsciente, que é incontrolável e leva os sujeitos a repetir situações antigas e dolorosas, até mesmo algumas que desde sempre produziram desprazer, sem saberem que não se trata de algo atual. Também a relação com a pulsão é destacada por eles, pois este tipo de repetição possui sua origem no campo pulsional, ou seja, ela está relacionada às vicissitudes das pulsões, possuindo, desta forma, assim como elas, uma característica conservadora e regressiva, independente do conteúdo repetido ser prazeroso ou não. Laplanche e Pontalis (1982/2001) ainda completam que, na teorização freudiana, ela não pode ser explicada pelo conflito entre princípio do prazer e princípio de realidade, pois diz respeito de algo mais anterior.

Já o dicionário de Zimerman (2001), não se estendeu muito em sua definição e diferentemente do demais, afirma que existem dois tipos de compulsão à repetição. Uma que estaria atrelada ao pulsional, expresso pela pulsão de morte e suas manifestações; e outra que buscaria dominar e elaborar a energia livre excessiva advinda de traumas, estando, assim, relacionada ao Ego. Traz, portanto, outro entendimento, evidenciando a possível existência de diversas visões sobre este mesmo fenômeno.

Através da leitura de artigos, capítulos de livros e livros que se dedicam ao tema, notamos que entre eles também se propaga a diferença e não a concordância entre as explicações, inclusive percebemos que neles podem ser definidos três grupos, referentes à explicação que dão ao fenômeno. Isso se justifica porque alguns autores a explicam de forma mais unitária, entendendo que suas manifestações são atribuídas à ação exclusiva da pulsão de morte; outros recorrem à dualidade pulsional, descrita por Freud (1920/2010e), para explicar suas manifestações, dividindo suas formas de agir em duas, distintas entre si e determinadas pela prevalência de algum dos tipos de pulsão; e outros ainda, a descrevem dando maior ênfase a outros argumentos, que não sua relação com a dualidade pulsional, como, por exemplo, sua característica de ser algo mais primitivo no psiquismo e sua possível relação com o Ego.

Diante deste cenário, este capítulo possui dois objetivos, são eles: a) abordar alguns autores pós-freudianos, para que possamos conhecer o que se entende por compulsão à repetição nos dias atuais, trazendo um panorama de suas compreensões acerca do conceito, que podem ou não concordarem entre si; e b) fazer comparações com a teorização freudiana, trabalhada no capítulo anterior, de maneira a podermos averiguar a consistência da hipótese de haverem leituras pós-freudianas do conceito que destoam daquilo apresentado pelo autor.

2.1. Compreensões apoiadas no conceito de pulsão de morte

Esse primeiro grupo de autores atribui a compulsão à repetição à ação única da pulsão de morte, até mesmo nos casos em que ela envolve o prazer. Essa visão é apresentada por Bartucci (2006), porque a autora compreende que o que é repetido pela compulsão à repetição diz respeito àquilo que foi originalmente recalcado, podendo ser, segundo ela, “[...] as impressões de traumas precoces, experiências relativas ao corpo ou percepções sensoriais, principalmente de ordem visual e auditiva” (p. 214), que são conteúdos que ainda não passaram pelo recalçamento secundário, de forma que nunca chegaram à consciência.

Neste sentido, a autora sustenta que o material que é repetido nesta compulsão é aquele que “[...] insiste sob o modo de pulsão de morte” (p. 207), que ela considera como sendo aquilo que não conseguiu ser ligado até o momento e, portanto, não possui significação, se aproximando, assim, da energia desligada e da pulsão, que circulam livremente pelo aparelho.

Já Ustarroz (2000), sendo mais extremo, afirma que a própria compulsão à repetição provoca o desligamento e evita as ligações, para manter as energias livres e não dominadas, sendo esse tipo de excitação desligada, não representada, que é repetida na compulsão. Por isso, ela estaria atrelada ao processo primário, que busca a satisfação imediata. A sua relação com a pulsão de morte estaria posta devido à destrutividade e busca pela satisfação direta que representa.

Se apoiando nestas afirmativas e na noção de gozo ruinoso de Lacan, Ustarroz (2000) acrescenta que a compulsão à repetição seria algo que o Ego não consegue domesticar ou controlar; por isso ele é levado a uma ação compulsiva, da qual não pode se isentar. Deste modo o autor traz uma discussão sobre a coerção apresentada pela compulsão à repetição, indicando a impossibilidade de o psiquismo ignorá-la. Lembramos que essa característica da compulsão à repetição foi descrita, por Freud (1919/2010d; 1920/2010e), através do termo demoníaca.

Kernberg (2011) ao discutir quais fenômenos psíquicos corroboraram e foram determinantes para a formulação freudiana da pulsão de morte, salienta dentre eles a compulsão à repetição, porque entende que ela lhe dá apoio clínico ao mostrar a possibilidade da autodestrutividade, que seria uma expressão incontestável da pulsão de morte.

Da mesma forma, Santos (2002) concorda que a discussão acerca da compulsão à repetição colaborou para com a postulação da pulsão de morte, mas, também afirma que ela cooperou com a teorização da pulsão de vida. A autora justifica sua posição, de que essa compulsão está mais atrelada à pulsão de morte, por enfatizar o caráter pulsional da mesma, que é vista como conservadora, indica uma persistência na dor e na repetição de situações que não promovem prazer, exprimindo a ação da pulsão mais destrutiva, a de morte. Então, esta autora olha também para a pulsão de vida, mas encontra maior proximidade com a compulsão à repetição na pulsão de morte.

Mais enfáticos que os autores anteriores, Katz (2009) e Zimerman (2009) afirmam que o próprio Freud (1920/2010e) definiu a compulsão à repetição como tendo sua origem

numa fonte pulsional, que seria a pulsão de morte. França (2009) não nos diz que essa seria sua origem, mas que ambas possuem uma íntima relação e, segundo Domb (2011), elas são como que sinônimos.

Katz (2009) sustenta esta afirmação ao enunciar que “[...] a partir de 1920, a compulsão à repetição é concebida como pulsão de morte” (p. 90). Ainda complementa que, devido a esta relação próxima presente entre elas, a compulsão à repetição visa a desfusão pulsional e a destrutividade, se opondo às tendências da pulsão de vida, que busca a ligação.

Partilhando de pontos de vistas semelhantes, Zimmerman (2009) alega que “Freud conjecturou que essa compulsão repetitiva procedia de uma energia pulsional que, em seu consagrado trabalho ‘Além do princípio do prazer’ (1920), foi definida com o nome de *pulsão de morte*” (p. 45, grifos do autor). Portanto, este autor e o citado no parágrafo anterior chegam a esta conclusão a partir de suas leituras e interpretações de um texto freudiano específico, apesar de apresentarem uma revisão de outros textos do autor que abordam o conceito.

O texto de Freud (1920/2010e) também foi o que motivou França (2009) a compreender a existência de uma íntima relação entre compulsão à repetição e a pulsão de morte; e levou Domb (2011) a considerá-las sinônimas. Sendo que os autores se respaldam, principalmente, no caráter destrutivo e conservador deste tipo de pulsão, ou seja, na sua tendência de retorno a um estado anterior, que estaria mais claro na pulsão de morte. Porém, como já vimos no capítulo anterior, ele também se estende à pulsão de vida, de acordo com Freud (1920/2010e), o que é desconsiderado pelos mesmos.

Esse destaque dado por Zimerman (2009), Katz (2009), França (2009) e Domb (2011) àquilo que aproxima a compulsão à repetição da pulsão de morte, em detrimento das demais observações realizadas por Freud (1920/2010e), indicam uma maneira de ler esse texto, porém, que deixa questões em aberto. Por exemplo, não deveríamos ponderar as noções de fusão e defusão pulsional, expressas neste mesmo escrito, para refletirmos sobre a conexão entre as pulsões e a compulsão à repetição, incluindo a pulsão de vida na discussão, ao invés de pensarmos na relação única entre essa compulsão e a pulsão de morte? Essa questão se torna ainda mais relevante, ao considerarmos que Freud (1920/2010e, 1923/2011a, 1924/2011b, 1933/1996r, 1933/1996t, 1937/1996u, 1940/1996w) continuou a sustentar a importância de se pensar a dualidade pulsional de uma maneira sempre mesclada, onde uma pulsão se encontra amalgamada à outra.

Continuando a expor os autores que formularam suas compreensões acerca da compulsão à repetição apoiados na pulsão de morte, temos Joseph (1992), que restringe sua análise sobre aquelas compulsões à repetição onde o sujeito parece passivo diante de seus resultados. A autora faz uma análise utilizando pressupostos freudianos e kleinianos, além de utilizar casos clínicos para ilustrar seus posicionamentos. Ela entende que na compulsão à repetição o paciente tenta

[...] dominar uma ansiedade que de outro modo seria sentida como esmagadora. Sugiro que a ansiedade contra a qual estão lutando está associada à dependência; que sentimento de dependência e necessidade estimulam intensa inveja e ódio do objeto primário, e que, portanto,

o que esses pacientes inconscientemente temem é a ambivalência intensa, a culpa e a depressão. Eles particularmente temem isso porque têm uma convicção interna de que a sua agressividade mais arcaica reduziu seu objeto interno a uma condição extremamente perigosa ou destruída que eles não conseguem encarar (JOSEPH, 1992, p. 44-45).

Seguindo esta ideia e relacionando-a com as considerações a que chegou a partir da teoria kleiniana, Joseph (1992) entende que a compulsão à repetição é uma manifestação da pulsão de morte, no sentido de voltar a um estado anterior, ou de restaurar a tranquilidade relacionada à ausência de excitações. Assim, os pacientes “[...] se sentem mais livres de ansiedade quando podem estar próximos ao inorgânico” (p. 45) e, por isto mesmo, quando o conflito é inserido pela pulsão de vida, estes pacientes reagem através da compulsão para ficarem livres das excitações; para isso, utilizam repetidas vezes defesas como cisão, identificações projetivas e introjeção. Mas, como sua reação através das defesas é imediata e muito potente, o paciente não percebe que é ele mesmo quem está determinando seu próprio destino.

Notamos no texto de Joseph (1992) uma interpretação que procura integrar os posicionamentos de dois grandes autores da psicanálise, trazendo as contribuições de Klein para a discussão, o que não encontramos nos demais textos analisados nesse capítulo. Melanie Klein foi uma autora que destacou a pulsão de morte em sua obra, evidenciando as suas manifestações, principalmente através da agressividade, do sadismo, da inveja e da angústia, que é atribuída à pulsão de morte pela autora no texto *Psicanálise da Criança* (KLEIN, 1932/1997), e não à libido. Porém, não podemos

negligenciar a presença da pulsão de vida em seus textos, principalmente a partir das discussões sobre a gratidão e a capacidade para amar, presentes em Klein (1957/2006). A autora considerava também os efeitos da preponderância de cada uma das pulsões, indicando que não desconsiderou essa importante integração entre vida e morte feita por Freud (1920/2010e).

Para encerrarmos esta seção apresentaremos o ponto de vista de Reisner (2014), que faz uma discussão do texto de Freud (1920/2010e), abordando-o como um romance, no qual haveria em cada capítulo uma história diferente, mas que vão trazendo às claras, aos poucos, uma discussão acerca daquilo que não foi simbolizado, que diz respeito de experiências negativas, iniciais e que podem ser descritas como além do princípio do prazer. Neste contexto, o autor chega a uma metáfora que ajudaria a compreender a clínica e a experiência humana, entende que a compulsão à repetição seria como uma morte em vida, ou seja, uma morte figurativa, devido a ser um movimento para trás, como que um retorno à rejeição original do início da vida, que produz um efeito de desespero ou perseguição. Assim, afirma que “[...] a compulsão à repetição é a pulsão de morte; por repetir a rejeição original em um padrão desamparado nós morremos dentro de nossas próprias vidas” (p. 57, tradução nossa).

Esta leitura, assim como a dos demais autores apresentados nesta seção se apoiam, principalmente, como pudemos ver, no que foi afirmado em Freud (1920/2010e) para justificar a íntima relação que acreditam existir entre pulsão de morte e compulsão à repetição. Porém, não se atentam para tudo o que foi apresentado neste mesmo texto, como a discussão acerca da pulsão de vida. Eles reconhecem a

existência desta pulsão de vida e falam sobre ela em seus textos, porém, não lhe dão importância a ponto de visualizarem sua influência sobre a compulsão à repetição, ou a possibilidade de ela também atuar, conjuntamente com a pulsão de morte, nesta compulsão.

Pelo que foi apresentado pelos autores discutidos nesta seção, podemos compreender que seria possível uma ação isolada da pulsão de morte. Esta ação provocaria apenas destruição, sofrimento, desprazer e desligamento, sendo uma rerepresentação do conteúdo sem sentido, que é desnorteante e não tem fim. Ela levaria, portanto, à volta ao inanimado, quer dizer, à ausência de estimulação.

A compulsão à repetição, a partir de sua íntima relação com a pulsão de morte, representaria e provocaria todas essas mazelas, desconsiderando a sua possível proximidade com a pulsão de vida. Porém, como vimos no primeiro capítulo, a relação com a pulsão de vida se confirma através da possibilidade de, ao rerepresentar o material desligado, se alcançar a ligação, permitindo outros caminhos para aquilo que estava vagando sem sentido no psiquismo.

Diante disso, podemos responder àquela questão que fizemos mais acima, sobre a falta de consideração das noções de fusão e defusão pulsional apresentada pelos autores. Acreditamos que seria, sim, necessário considerar estas noções, porque elas trazem implicações diretas para o entendimento da compulsão à repetição. A desconsideração delas provoca uma visão mais restrita dessa compulsão, que não observa toda a sua amplitude de manifestações.

2. 2. Explicações a Partir da Dualidade Pulsional

Esse segundo grupo de autores é composto por aqueles que levam em consideração as diferenças provocadas pela existência de duas pulsões distintas no psiquismo, ou de diferentes modos de expressão da pulsão, como defende Mezan (1982); de forma a compreender que as diferentes pulsões provocam manifestações diversas da compulsão à repetição.

Garcia-Roza (1986/2014) apresenta uma compreensão diferente daquela expressa por Freud (1920/2010e) a respeito da definição da pulsão de vida e de morte como duas pulsões distintas, porque, segundo ele, para se explicar os fenômenos da vida é preciso compreender que estes dois tipos de pulsão são modos de expressão da própria pulsão, determinados pela organização do campo pulsional, sendo que a pulsão sempre se daria através de um deles. Assim, Garcia-Roza (1986/2014) se posiciona contra o dualismo freudiano no que tange há existência de dois tipos diversos de pulsão, mas, não sustenta uma teoria monista, porque entende que a pulsão, desde seu início, se daria por um de seus modos, e existiria mais de um modo dela se expressar.

Apresso-me em dizer que nunca poderíamos conceber a *pulsão* simplesmente; ela sempre seria pulsão de vida ou pulsão de morte. O uso do termo *pulsão* isoladamente poderia, quando muito, obedecer a uma economia expositiva. A diferença em relação à concepção freudiana residiria no fato de que nenhuma pulsão seria, *em si mesma*, pulsão de vida ou pulsão de morte, mas que esta distinção resultaria da organização do campo pulsional (GARCIA-ROZA, 1986/2014, p. 55, grifos do autor).

Partindo desta concepção de pulsão, o autor acima citado afirma que a compulsão à repetição seria uma insistência da pulsão através de um de seus modos, resultando em formas de repetição diferentes. Isso significa que o predomínio de um ou outro modo da pulsão pode levar a diferentes formas de aparição da compulsão à repetição. Mas, ao mesmo tempo, fica claro que em qualquer fenômeno da vida se teria as duas pulsões em ação, seguindo os diversos arranjos possíveis do campo pulsional.

Paim Filho (2010) e Pereira e Migliavacca (2015) desenvolvem mais esta possibilidade de haverem diferentes manifestações da compulsão à repetição ao determinarem a forma como ela se expressa ao se vincular com a pulsão de vida ou com a pulsão de morte. Mas, diferente de Garcia-Rozza (1986/2014), partiram da concepção dualística de Freud, de que haveria duas pulsões distintas entre si, assim como os demais autores que apresentaremos nesta seção.

Pereira e Migliavacca (2015) diferenciam três possíveis formas de manifestação da compulsão à repetição. Uma delas seria a favor do princípio do prazer e vinculada às pulsões de vida, pois dizem a respeito da volta do recalçado, que seria resultado da insistência dessas pulsões, como acontece nas atuações, onde as resistências não deixam o recalçado vir à tona como recordação, mas apenas como ato. Essa primeira forma se assemelha muito ao que foi exposto por Freud (1914/2010b), pois se trata de uma volta do recalçado que pode não ser prazer para uma instância, mas o é para a outra.

Outra forma de manifestação, de acordo com os autores, seria a compulsão à repetição como resistência do inconsciente, quer dizer, da própria pulsão, o que traz dificul-

dades para o trabalho analítico, visto que, “como é possível analisar quando é a própria pulsão que resiste ao trabalho analítico?” (PEREIRA; MIGLIAVACCA, 2015, p. 136). Essa dimensão da compulsão à repetição se apoia naquilo que foi apresentado em Freud (1926/1996n) e instiga discussões sobre os limites da análise psicanalítica, mostrando uma lacuna no conhecimento, que pode ser alvo de novas pesquisas.

E a última forma compreende a compulsão à repetição do além do princípio do prazer, estando mais atrelada àquilo que foi exposto em Freud (1920/2010e), sendo que a ela Pereira e Migliavacca (2015) atribuem duas dimensões: a) a função de estabelecer o trabalho de ligação das energias livres, função que acontece anteriormente ao estabelecimento do princípio do prazer e as transforma em energia ligada, fazendo a modificação do processo primário para o secundário; e b) a repetição como elemento da natureza das pulsões, que acontece quando o trabalho de ligação falha, permitindo que a pulsão se manifeste “[...] na sua forma mais selvagem e ineducável, em sua plenitude que corresponde a repetir-se livremente” (p. 128), sendo “[...] uma repetição sem objetivo, sem sentido; cego em sua insistência no mesmo” (p. 129).

Quando a compulsão à repetição se manifesta nos moldes desta segunda dimensão ela está atrelada à pulsão de morte, que pode ser entendida como uma força que impede o desenvolvimento do organismo e que tenta fazê-lo retornar ao inorgânico, expressando seu conservadorismo. Neste caso se tem a repetição do mesmo, do desligado e do traumático. Por outro lado, quando seu objetivo é promover a ligação, ela se encontra mais unida à pulsão de vida. (PEREIRA; MIGLIAVACCA, 2015)

Apesar de enfatizarem com qual das pulsões as diferentes manifestações da compulsão à repetição estariam mais atreladas e terem afirmado que um dos objetivos da compulsão à repetição seria ligação, aspectos que já esclarecemos no capítulo anterior, Pereira e Migliavacca (2015) não deixam de reconhecer a ação conjunta destes tipos de pulsão em qualquer situação, considerando, assim, as noções de fusão e des fusão.

De forma muito semelhante, Aslan (1998) defende que a compulsão à repetição não se restringe à ação de apenas uma das pulsões, pois, ela é pertinente a toda pulsão, incluindo a de vida. Também afirma que podem ser repetidas compulsivamente condutas a favor ou contrárias ao princípio do prazer, dependendo do nível de fusão ou des fusão das duas pulsões.

Seguindo a mesma direção de pensamento destes autores supracitados, Mezan (1982) considera que desde o início da vida se teria a fusão das pulsões, porém o autor compreende que essa fusão não seria total, restando sempre partes livres ou des fusionadas. Nas palavras do autor,

A pulsão de morte aparece assim colorida pela sexualidade, mediante os mecanismos de fusão [...] Mas assim como são apenas partes dela que se deixam dominar por Eros, continuando o restante seu trabalho de destruição que culmina na morte, também para Eros vale o princípio de que a fusão alcança apenas uma fração do conjunto das pulsões de vida. A parcela restante, fiel ao princípio de ligação, busca compor unidades cada vez mais amplas, partindo do agregado celular e chegando até a dimensão social (p.267).

Assim, temos aqui uma visão divergente, que aponta para as partes das pulsões de vida ou de morte que se encontram desfusionadas e, por isso, são mais extremas. Esta possibilidade de haver certas quantidades das pulsões desfusionadas é afirmada por Freud (1924/2011b), ao tratar do masoquismo. Pois, neste texto, o autor afirma que nem toda a pulsão, ou seja, não a sua completude, estaria amalgamada a outra, de maneira que, um tanto dessas pulsões pode agir sozinho. Isto não contraria a ideia de uma fusão pulsional, apenas indica que a fusão não é completa. Mezan (1982) até mesmo salienta que as pulsões “[...] jamais se manifestam em estado puro, mas somente como produto da série de fusões e desfusões” (p.336),

Essas partes que se encontram desfusionadas poderiam incidir em qualquer aspecto da vida psíquica, inclusive sobre a compulsão à repetição. Aliás, a respeito dessa compulsão o autor afirma que ela pode exercer-se “[...] tanto sobre os derivados da pulsão de morte quanto sobre as expressões de Eros” (MEZAN, 1982, p.325).

No mesmo texto Mezan (1982) ainda traz uma ideia interessante para pensarmos a compulsão à repetição perante o princípio do prazer afirmando que ela estaria, na verdade, *mais aquém* do princípio de prazer e não *mais além*, como Freud (1920/2010e) propôs. Isso porque seriam necessários outros procedimentos anteriores, lógica e cronologicamente, para que o princípio do prazer pudesse entrar em funcionamento.

Essa compreensão de Mezan (1982) também resulta de seu entendimento de que a repetição auxiliaria no processo de dominação da excitação excessiva que atinge o psiquismo. Assim, seria repetindo que se conseguiria domi-

nar. Uma vez que a excitação estivesse dominada, poderia haver a submissão ao princípio do prazer. Porém, a repetição compulsiva não possui uma finalidade em si, como vimos no capítulo anterior, por isso, faz maior sentido a ideia de um *além*, que a de um *aquém*. Até mesmo porque, o termo *além* representa algo que desconsidera a tendência ao prazer, que não é regido por ela, nem objetiva ser; diferentemente de *aquém*, que pressupõe ser um momento anterior à sua dominação. É apenas na repetição da dor que o autor encontra aquilo que seria independente do princípio do prazer, e que, portanto, podemos afirmar que corresponderia ao *além*, proposto por Freud (1920/2010e).

Um aspecto que podemos destacar da análise desses autores, que foram apresentados até o momento, é que eles entendem haver diferentes formas de manifestação de uma mesma compulsão à repetição. Desta maneira, compreendem que o mesmo fenômeno pode se dar de diferentes jeitos, não havendo a necessidade de se pensar em variados tipos ou classificações de compulsões à repetição.

Paim Filho (2010), por outro lado, acredita que existem dois grupos de compulsão à repetição, ao invés de uma que pode se manifestar de diferentes formas. O primeiro grupo proposto pelo autor diz a respeito da repetição do prazeroso que seria regido pelo princípio do prazer, estando centrado na força do desejo, a partir dos pontos de fixação. Desta forma, no jogo de forças promovido pela pulsão sexual versus a pulsão de morte haveria um maior investimento da força sexual, o que resultaria na neutralização da pulsão de morte, impedindo-a de manifestar sua disruptividade. Neste sentido, predominaria a ligação e menor intercâmbio pulsional,

prevalecendo, conseqüentemente, os aspectos relacionados à pulsão de vida.

E no segundo grupo, se repete o além do princípio do prazer, ocorrendo a repetição daquilo que nunca foi prazeroso. Ela aconteceria quando a pulsão de morte não é investida pela pulsão de vida (que comporta em si as pulsões sexuais); quer dizer, quando essa força pulsional não é domesticada ou enlaçada, não sendo subordinada à função organizadora do aparelho psíquico. Nestes casos ela seria transvestida e aprisionada pela libido, o que faz com que ela não possa criar novos caminhos, ficando limitada a servir aos interesses de quem a prende, se tornando a protagonista da compulsão à repetição.

Este último tipo de compulsão à repetição deixa claro que a pulsão de morte não se manifesta sozinha ou de forma clara, ela precisa estar *trans-in-vestida* de libido, ou seja, ela se disfarça de libido, ficando presa a esse modo de se apresentar. Porém, não muda sua natureza e não é domesticada pela pulsão de vida. “Temos então a força pulsante da pulsão de morte impossibilitada de criar novos caminhos, e o destino que lhe resta é seguir gravitando em torno de seu carcereiro” (PAIM FILHO, 2010, p. 121), ficando como que uma força pulsional que não foi enlaçada e que se encontra desligada.

Além destes dois tipos de repetição compulsiva, haveria a repetição cambiante, que representa, “[...] uma adequada sintonia entre as forças pulsionais disjuntivas e conjuntivas” (PAIM FILHO, 2010, p. 122). Desta forma, este autor propõe pensar a compulsão à repetição como dependente do jogo

de forças entre a pulsão de vida ou sexual, que representaria a ligação, e a pulsão de morte, que seria a força desligada.

Essa maneira de exposição do conceito pode servir como artifício didático que colabora com a explicação do fenômeno psíquico, mas, contraria a conclusão a que chegamos ao analisar todo o conjunto formado pelas menções à compulsão à repetição em Freud porque, conforme a obra do autor, não existem diferentes tipos de compulsão à repetição, pelo contrário, apenas uma que foi ganhando mais atribuições com o desenvolver de seus textos.

Com a ampliação iniciada por Freud (1919/2010d) e confirmada posteriormente (FREUD, 1920/2010e), se tornou possível o entendimento da compulsão à repetição como um fenômeno uno, rejeitando a existência de diferentes tipos, dependendo do conteúdo com que lida, de sua manifestação, de sua motivação, da relação com o princípio do prazer ou com a dualidade pulsional. Isso porque, nestes textos, o autor ampliou o conceito, de maneira que ele passou a comportar em si a repetição compulsiva tanto de conteúdos excessivos novos, que atingem o aparelho psíquico, quanto de conteúdos que já foram um dia recalcados, como o autor já havia conceituado em seus textos anteriores (FREUD, 1914/2010b), e continuou a citar nos posteriores. Além de ter postulado as noções de fusão e desfusão pulsional e ter esclarecido a sua relação com o princípio do prazer.

Deixando de considerar cada autor individualmente e tomando as posições de todos aqueles que apresentamos nesta seção podemos notar compreensões da compulsão à repetição que consideram as influências de cada pulsão que compõe o dualismo pulsional, seja entendendo-as como diferentes tipos de pulsão, seja como modos da pulsão. Es-

tes autores não assimilam que existam manifestações desta compulsão determinadas pela atuação isolada ou completamente desfusionada da pulsão de vida ou da pulsão de morte, pelo contrário, eles destacam a ideia freudiana de fusão pulsional. Isso implica em haver a manifestação conjunta dos dois tipos de pulsão em qualquer fenômeno da vida, quer dizer, são os predomínios de cada tipo de pulsão que determinarão a manifestação da repetição compulsiva.

Esta visão resulta na concepção da compulsão à repetição como possuindo uma ambivalência, pois ao mesmo tempo em que pode provocar sofrimento, dor, aprisionamento e desprazer, é capaz, também, de estar relacionada ao alcance da ligação. Assim, demonstram uma leitura mais global do fenômeno, pois se atentam para os dois lados distintos, ou até mesmo, contrários, que coexistem ao se repetir compulsivamente.

2. 3. Explicações que destacam outros elementos presentes na compulsão à repetição

Neste grupo reunimos aqueles autores que explicam a compulsão à repetição enfatizando outros aspectos para além da sua relação com a dualidade pulsional, o que não significa que eles desconsideram o vínculo entre essa compulsão e a dualidade pulsional, mas que eles procuram explicar o conceito a partir de outros elementos conceituais.

Um desses artigos é o de Wilson e Malatesta (1989). Estes autores propõem que haveriam dois tipos de repetição no psiquismo: uma primária, na qual se insere a compulsão a repetição e outra simbólica, que diz a respeito da

“[...] repetição das produções pós-léxicas caracterizadas pela habilidade de desejar e fantasiar” (p. 305, tradução nossa). A repetição primária teria sua origem em um estágio mais anterior do desenvolvimento humano e conteria em si o conteúdo afetivo da primeira díade humana, aquela entre o cuidador e a criança, acontecendo, assim, durante o desenvolvimento pré-verbal e pré-simbólico.

O desenvolvimento do sujeito e a aquisição da função comunicativa da linguagem possibilitariam a passagem da repetição primária para a simbólica. Mas esta forma mais primitiva não seria extinta, pois algumas experiências emocionais podem não se ligar com a linguagem, ficando inconscientes. Esse material, que ficou inconsciente e desligado do léxico, continua a exercer influências sobre o funcionamento psíquico, reivindicando sua repetição. Assim, a compulsão à repetição é aquilo que motiva a repetição primária, sendo independente do princípio do prazer.

Como pudemos notar, estes autores fazem uma discussão acerca da compulsão à repetição enfatizando o próprio desenvolvimento humano, pensando-a como parte integrante dele. Esse é um exemplo de autores que partem da conceituação freudiana para desenvolver uma compreensão diferente, na qual são considerados elementos ainda não abordados ou explicitados na obra freudiana, trazendo uma nova possibilidade de explicação ainda não visualizada anteriormente.

Já Nasio (1998-1999) explica a compulsão à repetição relacionando-a ao caráter conservador geral das pulsões e sugere dois significados para este conceito, que já estariam presentes originalmente em Freud. O primeiro significado seria restrito e diria a respeito apenas da repetição compulsiva.

siva do doloroso, onde se repete o trauma para retornar à situação traumática originária e tentar solucioná-la. Como exemplo, teríamos as neuroses traumáticas e as de destino. O segundo significado seria mais amplo, correspondendo a todas as atualizações do passado recalcado, como acontece nos sintomas, na transferência e nas brincadeiras infantis.

Nasio (1998-1999) examina mais amplamente este segundo sentido, pois entende que ele remete à tendência conservadora que as pulsões possuem de voltar ao passado e à tendência inovadora, de sempre recriá-lo, o que se resumiria no princípio de repetição por ele proposto. Este princípio denota um movimento das pulsões em retornar constantemente para trás, para então levar ao presente um estado anterior e poder criar o novo. Assim, para o autor “toda criação atual é, conseqüentemente, um retorno ativo da origem, uma recriação incessante do antigo. Daí que todo o novo resulte daquilo que foi” (p. 188, tradução nossa).

Podemos dizer que essa concepção de um movimento que vai do antigo para o novo, implica em toda a vida ser composta por reatualizações da nossa própria história. Assim, em cada decisão, escolha ou caminho que o sujeito começa a trilhar, se teria as influências do passado, das primeiras relações interpessoais e daquele que um dia a pessoa já foi.

Analisando a compulsão à repetição por outro ângulo, Azevedo (2011) discorre sobre este conceito ao trabalhar com o tema do tempo na psicanálise. Nesta discussão, a autora traz uma contribuição relevante para refletirmos sobre os resultados dessa compulsão, pois apresenta o posicionamento de que ela,

[...] acontece num tempo peculiar, o tempo da paralisação e do congelamento. Certamente, não se trata mais de um tempo do passado tornado presente, ou do tempo da transferência. É um tempo ligado aos elementos traumáticos que sofrem a influência da espacialidade, sempre visando uma descarga com a atuação, totalmente estranhos ao próprio sujeito (p. 73).

Isso quer dizer que se trata de um fenômeno que em si não colabora de forma alguma com o desenvolvimento do sujeito, implica, por outro lado, na destruição do tempo, das simbolizações e das representações, porque não se tem o interesse por reconstruir o passado mal resolvido, trata-se apenas de um automatismo, para o qual não importa o passado, o presente ou o futuro.

Porém, não deixando de considerar a relação da compulsão à repetição com a dualidade pulsional, Azevedo (2011) afirma que esta compulsão envolve a luta entre a tendência psíquica à ligação dos elementos desligados, relacionada à pulsão de vida, buscando representação e o alcance da pulsão ao nível psíquico; e a descarga, que visa à diminuição da tensão e o esvaziamento do aparelho psíquico, mais atreladas à pulsão de morte. Isso implica em uma prevalência da força das pulsões sobre este mecanismo.

As posições de Nasio (1998-1999) e de Azevedo (2011) são contrastantes, no que concerne ao entendimento do primeiro autor, de que até mesmo na compulsão à repetição teríamos uma atualização do passado e uma tendência a recriá-lo. Isso porque, para a segunda autora, é justamente o contrário, nada disso aconteceria durante a repetição compulsiva, haveria apenas uma rerepresentação sem sentido, que não gera resultados diferentes em si.

Esta divergência pode ser colocada em outros termos. Parece que Nasio (1998-1999) está nos falando de uma compulsão à repetição que permite a retranscrição, a busca por novas representações e significações, evidenciando as chances de desenvolvimento do sujeito. Já Azevedo (2011) nos descreve mais o movimento que foi relacionado às pulsões de morte, à tendência de volta ao inanimado, ao anterior, ou seja, à morte.

Outro artigo, que traz um enfoque diferente daqueles apresentados nas sessões anteriores é o de Romanowski (2012), que destaca sua posição de que seria necessário considerar a participação do ego para explicar os fenômenos repetitivos, assim como defende que a compulsão à repetição seria autônoma e teria objetivos fatais. Nesse sentido, acredita que “uma explicação satisfatória para os fenômenos repetitivos dificilmente poderá ser unitária; várias forças e motivações colaboram para a manifestação repetitiva final” (p.187), e uma dessas forças seria a ação do Ego, que motivaria a repetição com o intuito de manejar conflitos. Seria como que um esforço desta instância em dominar a ansiedade, promover modificações e adaptações às novas condições que lhe são constantemente impostas.

Este entendimento possui algumas supostas semelhanças com aquele a que chegamos ao primeiro capítulo quando concordamos em haver uma relação entre a compulsão à repetição e o Ego; entretanto, acreditamos que isso se restringe apenas ao que tange à ligação, que seria como que um possível desdobramento do psiquismo, comandado pelo Ego, diante da rerepresentação do material desligado provocado pela compulsão à repetição. Então, na verdade,

apresentamos divergências, porque não entendemos que a compulsão à repetição seja fruto da ação egóica.

Freud (1914/2010b; 1919/2010d; 1920/2010e) indica que a compulsão à repetição está atrelada ao inconsciente, mas especificamente àquilo que reside no Id, estando relacionada às pulsões em seu estado livre, quer dizer, antes de sofrer a ação do Ego. As únicas influências que essa instância poderia exercer, no que diz respeito ao incentivo à ocorrência da compulsão à repetição, seriam os impedimentos e defesas que ela coloca frente aos conteúdos pulsionais, que impedem que eles se manifestem na consciência pelas vias mais comuns, tendo que forçar sua manifestação através de uma compulsão, como foi apresentado por Freud (1926/1996n).

Acreditamos que é admissível pensar em repetições promovidas pelo Ego, que estariam compreendidas no leque de fenômenos repetitivos existentes no psiquismo. Porém, elas se caracterizam como diferentes daquelas que são compulsivas e resultantes da manifestação do que se encontra desligado.

As diferentes leituras feitas pelos autores apresentados nesta seção mostram a diversidade possível de ser construída a partir dos textos freudianos, principalmente quando se traz outras noções e elementos para serem pensados conjuntamente, permitindo discussões, reconsiderações e avanços.

2. 4. Discussão

Vimos neste capítulo que um grupo de autores enfatiza a relação da compulsão à repetição com a pulsão de morte. Nesse sentido, afirmam que essa compulsão seria motivada ou colocada em funcionamento pela ação da pulsão de morte apenas, o que implicaria em ela possuir as características que são relacionadas a esta pulsão, dentre elas, ser destrutiva e disruptiva, revelando um lado mais sombrio dessa compulsão.

Romanowski (2012), fazendo uma crítica a esta aproximação tão frequente na literatura psicanalítica, afirma que “os conceitos (compulsão à repetição e instinto de morte) são habitualmente apresentados como interdependentes, quando não até confundidos. Isto pode fazer com que, erroneamente, se julgue que ambos surgiram ao mesmo tempo na teoria, o que realmente não aconteceu” (p. 162-163).

O conceito de compulsão à repetição é anterior à apresentação da nova dualidade pulsional, datando de 1914, no texto *Recordar, repetir e elaborar*, já tendo sido, nesta época, amplamente discutido na teoria e percebido no âmbito clínico. A concepção de uma pulsão de morte foi algo ulterior, que necessitou de todo um conhecimento prévio acerca do psiquismo e da vida humana, tendo sido manifestada posteriormente, conforme Freud (1920/2010e). Mas, a partir do momento em que isso ocorre, a conceituação sobre a compulsão à repetição muda substancialmente, porque nesta obra vemos o surgimento de uma vinculação muito intrincada entre estes conceitos, que não pode ser mais ignorada.

Porém, juntamente com o surgimento do conceito de pulsão de morte, nasce o de pulsão de vida, constituindo uma visão dual sobre o psiquismo; além disso, são introduzidas as noções de fusão e desfusão pulsional. É a descon sideração destas noções que criticamos nestes autores su- pracitados, pois entendemos, conforme Freud (1920/2010e; 1923/2011a, 1924/2011b, 1933/1996r, 1933/1996t, 1937/1996u, 1940/1996w), que em qualquer fenômeno da vida haverá a presença, mesmo que em níveis desiguais, de ambas as pul- sões. Isso foi considerado pelo segundo grupo de autores, porque para eles a compulsão à repetição pode se manifes- tar de mais de uma forma, dependendo do nível de fusão, ou seja, da predominância de uma ou outra pulsão. Assim, também existe uma firme relação entre pulsão de vida e compulsão à repetição.

Além disso, os autores que trouxeram diferentes compreensões ou visões sobre a compulsão à repetição, que se diferem ou vão adiante daquela proposta por Freud no decorrer de suas obras, mostraram que é possível fazer ampliações trazendo para a discussão diferentes temas, vis- to que, Romanowski (2012) enfatizou a instância egóica, Wil- son e Malatesta (1989) pensaram a compulsão à repetição no contexto do desenvolvimento humano, Azevedo (2011) refletiu sobre a questão do tempo, e Nasio (1998-1999) discu- tiu as possíveis reatualizações e recriações do passado, pro- pondo um princípio de repetição.

Então, diante deste cenário, que envolve dicionários de psicanálise, livros, capítulos e artigos sobre a compulsão à repetição, percebemos que realmente não há consenso na explicação deste conceito freudiano, pois os autores se valeram de diferentes considerações para justificarem seus

posicionamentos e deram definições distintas, apesar de todos terem buscado fundamentação em Freud. Diante disso, podemos dizer que na literatura psicanalítica pós-freudiana encontramos o reflexo da existência de variadas menções do conceito dentro da obra do autor; o que permitiu diversas formas de compreendê-la, ou de pensar sua manifestação e razão de existência.

Esta pluralidade encontrada também indica um possível impasse na compreensão do conceito, sendo que ele poderia ser reparado de duas formas. A primeira delas corresponde à consideração de todas as menções a este conceito na obra freudiana, de maneira a ponderar seu próprio desenvolvimento e todas as afirmações do autor acerca dele, ao invés de se restringir a algum texto, ou até mesmo, a partes de um texto. E a segunda refere-se ao esclarecimento de que cada autor traz apenas uma das leituras possíveis para o conceito, deixando clara a probabilidade de existirem outras.

Ao mesmo tempo em que essa divergência apresentada pelos autores indica um impasse na compreensão do conceito, ela representa a necessidade de revisitá-lo, para que as eventuais distorções sejam desfeitas. Bem como, ela reflete o movimento da ciência, a qual permite as mais diversas investigações, possibilitando desenvolvimentos e contribuições.

Por fim, podemos constatar que a maioria dos psicanalistas não direcionam seus olhares para apenas um lado ou aspecto da vivência humana, eles se atentam para a violência, destrutividade e morte, mas também para a vida, a ligação, a reprodução e complexificação, apesar de às vezes darem maior ênfase a algum desses aspectos. Assim, per-

cebemos que eles consideram aquilo com que a vida está atrelada, seja o seu desenvolvimento, as vivências do tempo, as relações entre as pessoas, o desejo que insiste, as defesas implacáveis que utilizamos e as respostas do psiquismo frente a elas.

3. O MITO DE SÍSIFO

A mitologia grega pode ser considerada como uma fonte rica de saberes, tanto que alguns autores recorreram aos temas míticos para elaborarem elementos conceituais de suas obras, como, por exemplo, Freud. Dentre os variados mitos existentes no universo grego, o de Sísifo é, até os dias atuais, utilizado em obras e pesquisas, como metáfora, modelo e exemplo, o que poderá ser notado no decorrer deste capítulo.

Neste capítulo apresentaremos o mito, ressaltando quem foi Sísifo, qual a sua história de vida e feitos realizados. Com estas informações em mãos, vamos evidenciar os aspectos que possibilitam reconhecê-lo como um herói grego e discutiremos as peculiaridades desta sua condição. Além disso, demonstraremos, através de uma revisão da literatura, as formas pelas quais o mito foi utilizado por diversos autores. Desta maneira, poderemos, a partir da visão global de como o mito foi empregado e analisado em diferentes áreas do saber, compreender o que de mais simbólico e essencial ele traz, assim como, quais características e sentimentos humanos podem ser identificados, abrindo a possibilidade de nos despertar para algumas nuances e especificidades do mito, que talvez, sem conhecermos estes trabalhos, não nos atentaríamos.

Sísifo é relacionado, por alguns autores (BARCIELA, 2009; OSÓRIO, 2009; PACHECO, 2009), com os heróis Prometeu, Tântalo e Tício, por também serem mitos onde são narradas as histórias de grandes celerados que foram condenados a vastos sofrimentos, suplícios eternos e trabalhos

impossíveis de serem realizados. Pacheco (2009) salienta que seus crimes estavam relacionados a quatro fatores: ambição humana, comida, sexo e morte; além disso, ameaçavam a ordem cósmica. Osório (2009) afirma que os suplícios destes heróis sempre se renovavam, principalmente os de Sísifo e Tântalo, pois, estavam submetidos aos mesmos gestos e formas, chegando a até se mostrarem teatralizados, indicando a presença de uma aparente repetição regular, que eleva a dramaticidade de suas narrativas. Como nesta pesquisa o nosso foco se restringe ao mito de Sísifo, vamos, então, a partir de agora, expô-lo mais detalhadamente.

3. 1. Quem foi Sísifo?

Na mitologia grega, Sísifo foi um herói que se tornou conhecido principalmente pela condenação que sofreu. Seu nome, de acordo com Graves (1955/1985), significava para os gregos antigos “muito sábio”. Fazendo uma busca em diversos autores que se dedicam ao estudo da mitologia grega, ou que seus trabalhos confluem com a mesma, foi possível extrair diversas características que são atribuídas a Sísifo. Inclusive, algumas se mostram contraditórias entre si, mas quando consideradas como um conjunto e aceitando a possibilidade de ambivalência na constituição do herói, o compõem. São algumas delas: ser um embusteiro, inescrupuloso, impiedoso, mau, cruel, o mais pérfido dos mortais, ardiloso, audacioso, e o mais ladino dos homens. Entretanto, além destas, consta: ser astuto, ou o homem mais astuto de seu tempo, ou ainda, ser o mais astuto dos mortais. Também é considerado um personagem lendário, corajoso,

muito hábil, sábio e sutil, inteligente e culto, e a representação de clareza racional.

Foi, inclusive, caracterizado como um rei velhaco e manhoso, mas astucioso, ao ponto de conseguir enganar os deuses, e também os desafiou em várias situações. Aproveitava qualquer oportunidade por eles oferecida e não teve pudores em se intrometer em seus assuntos, conseguindo até mesmo escapar de suas determinações, sendo considerado, por Nardi (et al, 2006), como um dos maiores opositores das divindades.

Destaca-se ainda como: um homem que amava a vida e todos os prazeres materiais que ela pudesse lhe oferecer, não lhe agradando a ideia de morrer e deixar de desfrutá-los (SALIS, 2003/2011); um sobrevivente, porque se adaptou a qualquer nova circunstância de sua vida, fazendo o possível, como trocas, ou se adiantando às situações (BALAGUER, 2008); aquele que se nega a morrer, mesmo depois de ter cumprido o que estava definido para si (CROLLA, 2007); sujeito que se livrou da morte duas vezes (BRANDÃO, 1986); e por fim, como o trabalhador inútil do mundo inferior (CAMUS, 1942/2007).

Assim sendo, muitas características, distintas entre si, são atribuídas a Sísifo, dizendo a respeito de vários aspectos diferentes, que vão desde seu caráter moral duvidoso, até suas qualidades e virtudes. Mais a frente, vamos perceber que a razão destas disparidades é um aspecto que se encontra muito ligado aos heróis, a ambivalência.

3. 2. A vida de Sísifo e seus feitos

Sísifo foi o fundador da cidade de Corinto, que antes se chamava Éfira, tendo se tornado seu rei (APOLODORO, *Biblioteca*; BATISTA, 2011; BRANDÃO, 1991/2010; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; GRAVES, 1955/1985). De acordo com Brandão (1991/2010), também existe a hipótese de ele ter sido o sucessor do rei de Corinto e seu vingador, de forma que não teria sido o fundador da cidade, mas apenas um dos reis dela. Outra possibilidade é a de que ele tomou o trono à força, ou seja, pelo uso da violência, segundo Brandão (1986/1995). Próximos a essa ideia, Greene e Sharman-Burke (1999/2001), afirmam que:

Sísifo era um vigarista astucioso, ladrão de gado, que conseguiu um reino através de traição e que, ao chegar ao poder, revelou-se um tirano cruel. Executava os inimigos – para não falar dos viajantes ricos que se atreviam a aceitar sua hospitalidade – prendendo-os ao chão com estacas e esmagando-os com pedras (p. 39).

Ainda sobre seu reinado, de acordo com Graves (1955/1985), as pessoas que viviam em Corinto achavam que ele era astuto e desonesto; por isso apenas deixavam que ele coordenasse o comércio e a navegação da cidade. Todavia, Franchini e Seganfredo (2003/2007), afirmam que, ele foi um rei justo e pacífico.

Sísifo tinha um grande rebanho de vacas no istmo de Corinto. Certa vez percebeu que seu rebanho estava diminuindo e o de seu vizinho, Autólico, aumentando. Contudo, não podia acusá-lo de roubo, sem ter provas. Autólico era fi-

lho de Hermes e rei de Ítaca, sendo conhecido por ser muito esperto e realizar roubos, uma vez que recebeu de seu pai o poder de metamorfosear qualquer animal que roubasse. (GRAVES, 1955/1985)

Apesar de Autólico ser considerado o ladrão mais bem-sucedido da antiguidade, de acordo com Brandão (1986/1995), Sísifo também era muito esperto. Por isso, marcou seus gados para que, quando fossem roubados, deixassem impresso no chão uma marca e assim pudesse comprovar o que estava acontecendo (BRANDÃO, 1991/2010; CROLLA, 2007; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; GRAVES, 1955/1985). Segundo Franchini e Seganfredo (2003/2007), Sísifo marcou os bois de maneira que ficasse impresso no caminho em que os bois passassem a frase “Autólico me furtou” (p. 444). Já de acordo com Graves (1955/1985), também existe a possibilidade de Sísifo ter gravado o monograma SS nos cascos do gado, referindo-se a seu nome. Com isso, no outro dia de manhã, após Autólico ter levado mais de seu gado durante a noite, Sísifo teve a prova que comprovou o roubo e foi até o ladrão reclamar. Teria sido nesta ida à casa de Autólico que Sísifo seduziu Anticléia, esposa posteriormente de Laertes, gerando Odisseu (BRANDÃO, 1986/1995, 1991/2010; CROLLA, 2007; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; GRAVES, 1955/1985; HIGINIO, *Fábulas*).

Conta-se também que, um dia, Sísifo viu que Zeus tinha raptado Egina, filha do rio Asopo, porque avistou a águia de Zeus passar no céu, carregando a moça, em direção ao Olimpo (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007), ou a uma ilha que ficava por perto (VALDIVIESO, 2003), ou ainda, a um bosque (GUBERMAN, 2015). Ele logo contou para

o pai de Egina o que tinha presenciado, pedindo em troca que o deus-rio criasse uma fonte de água em sua cidade, Corinto. Porém, ao fazer isso, ele traiu Zeus e despertou sua fúria (AZOUBEL NETO, 2004; BALAGUER, 2008; BRANDÃO, 1986, 1986/1995, 1991/2010; CAMUS, 1942/2007; CROLLA, 2007; GRAVES, 1955/1985; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; GUBERMAN, 2015). De acordo com Nardi et al., (2006), a moça era muito bela e por isso atraiu o interesse do maior dos deuses. Segundo Guberman (2015), após ter respondido ao pedido de Sísifo, criando a fonte, que ficou conhecida como Pirene, Asopo conseguiu resgatar sua filha. Contudo, Apolodoro (*Biblioteca*), Valdivieso (2003) e Franchini e Segnanfredo (2003/2007), afirmam que, na tentativa de salvá-la, ele foi destruído por um raio de Zeus.

O deus do Olimpo não deixou sem punição a traição de Sísifo, até mesmo porque, segundo Salis (2003/2011), ele já estava cansado do hedonismo do herói, considerando que este sempre buscava o prazer na vida como um fim em si mesmo, e faltava com o respeito em relação aos deuses. Então, ordenou a Tânatos que o matasse; porém, Sísifo, astuto com era, enganou a morte e a acorrentou (AZOUBEL NETO, 2004; BALAGUER, 2008; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; CAMUS, 1942/2007; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; NARDI ET AL., 2006; SALIS, 2003/2011; SILVA, 2012). Chegou mesmo a trancafiá-la num calabouço (GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001). Conseguiu isso, de acordo com Graves (1955/1985) e Silva (2012), colocando na morte algumas algemas/grilhões para que esta o ensinasse como usar, mas as fechou, prendendo-a e, conforme afirma Balaguer (2008), impedindo qualquer movimento. Sísifo foi um dos poucos mortais a enfrentar a morte e derrotá-la, de forma a atrapalhar seu traba-

lho, afirma Pacheco (2011). Podemos dizer que este foi um de seus grandes feitos, em razão de que não é qualquer mortal que consegue realizar algo parecido.

O fato de a morte ficar presa por Sísifo, durante vários dias, gerou uma situação complicada, pois ninguém mais podia morrer (BRANDÃO, 1986, 1991/2010), inclusive aqueles que tinham sido decapitados ou esquartejados (GRAVES, 1955/1985), ameaçando a Terra de superpopulação (PACHECO, 2011). Com isso o mundo dos mortos foi se empobrecendo e esvaziando-se (BATISTA, 2011; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; SALIS, 2003/2011). O Hades era um local de passagem, onde os mortos se preparavam para voltar a viver, de modo que sempre precisava de novos mortos para que não ficasse vazio (BRANDÃO, 1986, 1991/2010).

Isso irritou Ares, o deus da guerra, pois nem os homens nas batalhas podiam morrer. Então ele libertou o deus da morte e Sísifo foi sua primeira vítima (BRANDÃO, 1986, 1991/2010; CAMUS, 1942/2007; SILVA, 2012; GRAVES, 1955/1985; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; SALIS, 2003/2011). Azoubel Neto (2004) traz uma informação diferente, afirma que, na verdade, Efesto reclamou com Zeus pela falta de ingresso de novos mortos e este providenciou, ele mesmo, uma forma de que Sísifo fosse morto. Também Franchini e Seganfredo (2003/2007) trazem outra versão, na qual foi Zeus, motivado por um pedido de Hades, quem resgatou a morte, com a ajuda de Ares.

Antes de ser levado ao mundo inferior, Sísifo pediu para sua esposa não lhe prestar as honras fúnebres, que lhe cabiam. Ao chegar, sem o revestimento habitual, que seria um *éidolon* segundo Brandão (1986, 1991/2010), Hades perguntou o porquê de tal ofensa. Sísifo, então, culpou Mérope

e pediu para poder voltar rapidamente à terra para castigá-la por tal ultraje, prometendo que depois retornaria (BALAGUER, 2008; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; SILVA, 2012; MARINONI, 2009). De acordo com Marinoni (2009), as almas geralmente ficavam em um lugar mais externo, esperando até que os ritos fossem realizados. No entanto, podemos dizer que Sísifo fez diferente; pediu para voltar ao mundo dos vivos para resolver esta questão.

Estando de volta a Corinto, passou a viver normalmente, não cumprindo sua palavra de voltar ao Hades, e assim viveu até idade avançada (AZOUBEL NETO, 2004; BALAGUER, 2008; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; CROLLA, 2007; SILVA, 2012; GRAVES, 1955/1985; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; PACHECO, 2011), mesmo com a ameaça realizada por Hades, de que caso ele não retornasse, seria trazido de volta da maneira mais vergonhosa que se fosse possível. Para a sorte de Sísifo, o deus do mundo inferior acabou se esquecendo dele, porque estava ocupado repovoando seu reino (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007). Segundo Camus (1942/2007), os chamados, a ira e as advertências de Hades não tiveram sucesso, pois ele não voltou.

Quando a paciência de Zeus com Sísifo acabou, o deus enviou Hermes para conduzi-lo ao mundo inferior; com o objetivo de que ele finalmente recebesse sua condenação (CAMUS, 1942/2007; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; NARDI et al., 2006). Por outro lado, para Brandão (1986, 1991/2010), um dia, Tânatos veio buscar Sísifo, de uma vez por todas, e os deuses o castigaram. Já para Balaguer (2008), Sísifo faleceu, desta vez, de morte natural. Então sua vida junto aos vivos chegou ao fim, assim como acontece

com qualquer outro mortal. Graves (1955/1985) afirma que foi Teseo quem colocou fim à vida de Sísifo e ressalta que ele foi enterrado juntamente com Neleo (filho de Poseidon e Tiro), em pontos estratégicos no Istmo de Corinto, como se fossem amuletos contra invasões na cidade.

Ao chegar ao mundo inferior, pela segunda vez, Sísifo recebeu sua condenação, sendo castigado pelos deuses a um suplício eterno (BATISTA, 2011; SALIS, 2003/2011). Apesar de alguns detalhes diferentes, é consenso da maioria dos autores, que Sísifo recebeu a tarefa de levar uma pedra morro acima, com o objetivo de fazê-la cair para o outro lado. Mas nunca conseguiu, porque esta sempre rolava para baixo, voltando ao ponto de partida, ficando ele, então, preso a essa tarefa eternamente. (APOLODORO, *Biblioteca*; AZOUBEL NETO, 2004; BALAGUER, 2008; BATISTA, 2011; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; BULFINCH, 1855/ 2002; C.G. SILVA, 2013; CAMUS, 1942/2007; CROLLA, 2007; FELIPPE, 2013; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001; NARDI ET AL, 2006). Hades prometeu, segundo Greene e Sharman-Burke (1999/2001), que caso Sísifo conseguisse fazer a pedra cair do outro lado da escarpa, o seu castigo chegaria ao fim; porém, ele nunca conseguiu. Homero (*Odisséia*) ilustra a atividade de Sísifo:

Vi Sísifo, anelante e afadigado,
Em pés e mãos firmar-se, pedra ingente
Para um monte empurrando, e lá do cume
Galgado por Crateis, rolar de novo
O pertinaz penedo; ei-lo persiste,
Suor escorre e a testa se empoeira
(XI, 466-471).

Para alguns autores o bloco rolava montanha abaixo por seu próprio peso (AZOUBEL NETO, 2004; BALAGUER,

2008; BRANDÃO, 1986, 1991/2010; CAMUS, 1942/2007; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; SALIS, 2003/2011). Contudo, para Bulfinch (1855/2002), era uma força repentina que a fazia rolar. Para Camus (1942/2007), o objetivo de Sísifo era, de fato, levar a pedra até o topo; dado que, após conseguir atingi-lo, se contentava em assistir a pedra desabar, para depois, repetir sua tarefa mais uma vez. Já N.F. Silva (2006), afirma que, depois de levar a pedra até o cume da montanha, ele teria que empurrá-la para o sopé. Segundo Greene e Sharman-Burke (1999/2001), ele tinha que empurrar a pedra morro acima para evitar que ela rolasse de volta e o esmagasse. Sísifo fazia sua tarefa inútil ficando coberto de suor, e ainda subia uma nuvem de poeira em sua cabeça (GRAVES, 1955/1985).

O único momento registrado, em que Sísifo teria parado sua extenuante tarefa, foi quando a interrompeu para escutar Orfeu, que tocava sua lira e cantava na busca de sua amada, Eurídice, pelo Hades. Segundo Bulfinch (1855/2002), Sísifo se sentou para escutá-lo e, de acordo com Franchini e Seganfredo (2003/2007), ele abandonou seu rochedo, que rolou montanha abaixo. Entretanto, para Brandão (1986/1997), a única coisa que aconteceu, foi o rochedo de Sísifo ter parado de oscilar.

As possíveis causas do castigo recebido são variadas e distintas entre os autores. Segundo Crolla (2007), os deuses queriam dar-lhe uma atividade que inibisse sua fuga; então, o enorme peso impedia-o de conseguir rolar a pedra para o outro lado, obrigando-o a voltar e recomeçar. Para Balaguer (2008), o castigo lhe foi dado para que não tivesse tempo de elaborar uma nova estratégia para voltar à vida. De acordo com Camus (1942/2007), os deuses lhe deram esta punição

porque acreditaram que esta seria a mais terrível possível, por ser um trabalho inútil e sem esperança. Conforme Greene e Sharman-Burke (1999/2001), Sísifo recebeu essa condenação, por causa de sua forma vigarista de ser, além de ter matado cruelmente pessoas. Para Graves (1955/1985), a razão foi os constantes roubos e assassinatos contra viajantes por ele protagonizados.

3. 3. SÍSIFO: um herói grego

Tendo em vista toda a trajetória de Sísifo, seus feitos e o castigo recebido, nos perguntamos, Sísifo pode ser considerado, com toda a certeza, um herói grego? Ou ele foi apenas um simples mortal, como qualquer outro, apesar de ter tido uma vida intensa, ter desafiado os deuses e recebido um castigo? É relevante salientarmos a provável condição de herói de Sísifo, pois ela traz consigo diversas características inerentes a essa forma de ser, que é comum a toda essa classe de sujeitos, do mesmo modo que, ser um deus grego, por exemplo, representa possuir diversas singularidades.

Etimologicamente, o herói seria algo como um guardião ou defensor, além de ser alguém que nasceu para servir. Também era, para os helênicos, uma idealização, pois representava o valor supremo da vida e, por isso, era imaginado com boa aparência física, possuindo muitas qualidades externas e internas, um ser destemido, triunfador e criativo. A figura do herói seria como um arquétipo, que pode ser utilizado por diversas sociedades e culturas, possuindo a função de trazer tanto explicações, como sentidos, para fenômenos e acontecimentos da vida humana. (BRANDÃO, 1986/1995)

A origem do herói pode ser variada. Ele pode tanto ser filho de deuses, quanto de homens célebres; ter dupla paternidade ou ser fruto de incestos. Mas o consenso é de que ele possui em sua árvore genealógica alguma divindade, sendo, portanto, semideus (BRANDÃO, 1986/1995; LEITE, 2010). Em vista disso, segundo Leite (2010), o herói possui uma duplicidade de caráter, dado que tem maior proximidade com os deuses, mas também é humano; portanto, mortal. Isto o leva a ser uma “figura complexa e problemática” (p. 3), que pode facilmente ser levada ao descomedimento, à *hýbris*.

A *hýbris* pode levar a atos de grandes violências, como assassinatos maldosos e intencionais. Ela se manifesta, na maioria das vezes, em momentos onde o herói se vê em situações limites, insuportáveis. Revela-se como uma espécie de motor ambíguo, que abre duas possibilidades: a de o herói ter um destino trágico, como o sofrimento e a morte; ou então, pode levá-lo à vitória e a grandiosidade. Isso porque ela pode provocar tanto o descomedimento destrutivo, quanto a coragem criativa e a renovação, trazendo um pouco do poder divino para o mundo dos homens. (LEITE, 2010)

Desta forma, de acordo com Leite (2010), existiriam proximidades entre a *hýbris* e a ambivalência, que seria uma das características do herói, que se explica por ele apresentar uma “natureza excepcional,[...] não raro aberrante e monstruosa, o herói se revela resplandecente e tenebroso, simultaneamente bom e mau, benfeitor e flagelo [...] seu descomedimento não conhece fronteiras nem limites” (BRANDÃO, 1986/1995, p. 66).

O herói possui, na maioria das vezes, um nascimento complicado, podendo até mesmo, ser exposto, ou seja, deixado em algum lugar enquanto ainda é muito pequeno.

Isto acontece, na maioria das vezes, devido aos dizeres de Oráculos; entretanto, é posteriormente, recolhido e criado por alguma outra pessoa. Ao longo de sua infância e início de puberdade, o herói já demonstraria traços de suas duas virtudes, que são inerentes à sua condição de herói. São elas a *time*, que diz a respeito da honorabilidade pessoal, e a *areté*, que condiz com a excelência e superioridade sobre os demais mortais. (BRANDÃO, 1986/1995)

Não temos conhecimento do início da vida de Sísifo, de seu nascimento e infância, o que nos impede de realizar maiores discussões acerca deste momento de sua vida; porém, sabemos que ele é filho de Éolo, o deus dos ventos, e de Enárete, filha de Deímaco. Isso coincide com a informação de Brandão (1986/1995) e Leite (2010), de o herói ter presente, em algum momento de sua árvore genealógica, um deus, neste caso, seu pai.

De acordo com Brandão (1986/1995),

[...] o mito do herói segue normalmente o modelo [...]: a separação do mundo, a penetração em alguma fonte de poder e um regresso à vida, a fim de que todos possam usufruir das energias e dos benefícios outorgados pelas façanhas do herói (p. 25).

No caso específico de Sísifo, podemos afirmar que ele penetrou em uma fonte de poder e voltou à vida, quando após ser levado para o Hades, requisitou voltar ao mundo dos vivos para poder receber as honras fúnebres, que não haviam sido realizadas pela esposa porque ele mesmo tinha pedido. Após retornar ao mundo dos vivos ele não realizou benfeitorias aos demais mortais, como fez Perseu, que decapitou a Medusa, e Teseu, que derrotou Minotauro no labirinto de

Creta. Sísifo simplesmente continuou sua vida do ponto aonde tinha sido retirada, ou seja, voltou às suas atividades de rei, de criador de gados e embusteiro. Aproveitou, assim sendo, as vantagens de ter sua vida de volta, apenas em benefício próprio; mas indiretamente, os demais cidadãos de Corinto também usufruíram e partilharam dos efeitos de sua volta.

Segundo Brandão (1986/1995), os heróis eram fundadores de cidades e colônias, instauravam leis, normas de vida e outras instituições humanas; por exemplo, jogos esportivos, e realizavam grandes feitos. Sísifo criou, de acordo com Apolodoro (*Biblioteca*), Graves (1955/1985) e Higinio (*Fábulas*), os jogos ístmicos, em honra a Melicertes, e foi rei de uma cidade chamada Corinto. Quanto a sua atividade como rei, já pudemos ver que alguns autores afirmam que ele foi um bom governante, mas também são encontradas informações opostas a isso, relacionadas à violência e à falta de confiança em Sísifo. Estas contradições em relação a sua figura revelam a ambivalência presente no mesmo.

O herói está relacionado, na mitologia grega, com a luta, sendo que ela podia acontecer de diversas formas, tanto em guerras em prol da comunidade, quanto em combates, onde apenas os próprios heróis seriam beneficiados. Como resultado deste espírito guerreiro do herói e pela proteção que ele garantia à *pólis*, eram frequentes os cultos a eles (BRANDÃO, 1986/1995). Fundamentados no material que encontramos sobre o mito de Sísifo, não identificamos cultos a ele. Apenas Graves (1955/1985), afirma que haveria alguns elementos de semelhança entre a condenação de Sísifo e o culto ao deus Sol. Mas não há nada que sustente, realmente, a existência de cultos a ele; o que poderia ser resultado de sua reputação de astuto e embusteiro, e do fato

não ter lutado ou combatido em favor da *pólis*, tendo apenas realizado outros tipos de feitos.

Mesmo assim, segundo Graves (1955/1985), Sísifo, juntamente de Neleo, foram enterrados em pontos estratégicos de Corinto, representando amuletos contra invasões. Apoiando-nos nesse fato, podemos pensar que Sísifo possuía um significado, ou até mesmo, emanava um poder, que seria de proteção, para os cidadãos da *pólis*; o que é algo de bom, alguma benfeitoria que ele deixou ao demais. Podemos dizer que essa é uma característica de herói que Sísifo apresenta, ainda que ela tenha se dado após sua morte.

O *herói* é uma personagem especial, que sempre deve estar preparado para a luta, para os sofrimentos, para a solidão e até mesmo para as perigosas *catábases* à outra vida. [...] a morte, que, na realidade, o transformará no verdadeiro protetor de sua cidade e de seus concidadãos (BRANDÃO, 1986/1995, p. 51, grifos do autor).

Podemos concordar que foi com a morte que Sísifo se transformou em protetor de sua *pólis* e dos que nela viviam. Também devemos nos lembrar, da *catábase* ao Hades vivenciada por Sísifo, pois, ele foi levado ao mundo inferior, para que lá ficasse, mas deu um jeito, com toda a sua esperteza, para voltar ao mundo dos vivos, onde ficou até idade avançada, caracterizando um de seus grandes feitos.

Para além de qualidades, o herói estava sujeito, frequentemente, “à violência sanguinária, à loucura, ao ardil e astúcia criminoso, ao furto, ao sacrilégio, ao adultério, ao incesto e, em resumo, a uma contínua transgressão do *métron*, vale dizer, dos limites impostos pelos deuses aos seres mortais” (BRANDÃO, 1986/1995, p. 53, grifo do autor), estando

suscetível à punição, quem os ultrapassa (FRITZ, 1945, *apud* FUTRE, 1994). Brandão (1986/1995) chega a qualificá-lo como “divinamente monstruoso”, e afirma que seria comum a ele um *complexio oppositorum*, porque apresenta muitas contradições e oposições. Ao observar o delineamento da vida de Sísifo, fica claro que ele desrespeitava e ultrapassava os limites impostos pelos deuses. A título de exemplo, foi adúltero ao se relacionar com Anticléia, cometeu assassinatos e revelou ao pai de Egina que Zeus a tinha raptado, traindo a confiança do deus.

Após toda a trajetória percorrida pelos heróis desde seus nascimentos, a morte seria o clímax, a sua prova final. Ela acontecia, usualmente, de forma traumática, violenta ou cheia de solidão. Alguns heróis se matavam ou eram assassinados, outros foram vítimas de acidentes fatais, e ainda tinham os que eram condenados ao suplício eterno, ficando presos ao que lhes fosse demandado, um destes foi Sísifo. (BRANDÃO, 1986/1995)

Em diversos textos, como os de Bulfinch (1855/2002), Homero (*Odisséia*), e Rodrigues (2003), Sísifo é apresentado no Hades juntamente com Tântalo, Ixíon e Tício, porque eles também foram condenados pelos deuses, e se encontravam no mundo inferior cumprindo seus castigos. Segundo Bulfinch (1855/2002), a condenação de Ixíon era ficar preso a uma roda que girava incessantemente, a de Tício foi ter seu fígado comido por abutres, a de Sísifo nós já conhecemos, e a de Tântalo era não poder beber ou comer, mesmo estando de pé dentro de uma lagoa, com a água até o nível de seu queixo. Quando abaixava a cabeça, a água fugia, e apesar de ter galhos de frutas ao seu alcance, quando tentava os pegar, o vento os empurravam para longe.

Apesar de estes quatro condenados se encontrarem no Hades, Souza (2013) afirma que, no mundo inferior descrito por Homero, os mortos não são qualificados por seus comportamentos e todos os que morrem vão para este local. As punições são exceções, que apenas acontecem para alguns, geralmente para os que ofendem e desobedecem aos deuses, ou então, cometem crimes que contrariam as leis divinas.

A morte, segundo Pacheco (2009), provoca a separação entre alma e corpo, sendo que o corpo fica no mundo dos mortais e a alma é encaminhada ao Hades. Entretanto, a alma apenas conseguia adentrar após ter recebido as devidas honras fúnebres. A falta de realização destes ritos implicava em a alma ficar vagando, esperando até que estes fossem realizados. Mas, uma vez consumada, ela diferenciava os heróis dos demais mortais e permitia que eles se aproximassem dos deuses, se tornando intermediários entre deuses e mortais, porque continuavam agindo, mesmo após estarem mortos e se encontrarem no Hades. Além do mais, ela garante certa imortalidade no sentido espiritual, visto que os heróis permanecem presentes na memória dos demais. (BRANDÃO, 1986/1995)

A relação de Sísifo com a morte se mostra relevante ao considerarmos que este herói conseguiu trancafiá-la em um momento, e enganá-la em outro usando o pretexto de não ter recebido as honras fúnebres devidas, conseguindo voltar ao mundo dos vivos. Esses se caracterizam como grandes feitos, visto que não são comuns ou fáceis de serem realizados pelos mortais, principalmente porque são excessivos e ultrapassam o *métron*, entretanto, conduziram o herói à punição

eterna; o que também se mostra como algo diferente, visto que, foi imposta a poucos.

Diante do que apresentamos nesta seção, podemos dizer que o herói é um semideus, que possui as qualidades referentes à grandeza de um deus, mas a natureza mortal dos humanos. Ele é constituído por contradições e excessos, além de, na maioria das vezes, transgredir os limites impostos pelos deuses e sua morte ser um dos momentos mais importantes de seu percurso.

Pensando na trajetória percorrida por Sísifo, em seus feitos e na forma que aconteceu sua morte, podemos concluir que ele demonstra as características de um herói, e pode ser assim considerado. A sua morte, particularmente, delata algumas das características de seu caráter heroico, pois ela indica que Sísifo, em sua duplicidade, não se interessava por limites e proibições, ou pelas leis divinas; pelo contrário, enfatizava os seus desejos e vontades.

Sísifo não pode ser entendido como um simples mortal por vários motivos, dentre eles a sua origem, que o torna um semideus; o fato de ele ter realizado feitos que não condizem com os de um mortal, por exemplo, ter voltado da morte; e ter tido uma relação mais próxima dos deuses, onde não apresentava muito pudor. Além do mais, ele possuía o ímpeto de perseguir suas vontades, sem se importar com o fato de elas poderem ultrapassar o *métron*, e, por último, foi tomado algumas vezes pela *hýbris*, como nos assassinatos e violências que cometeu.

3. 4. O uso do mito de Sísifo na literatura e na pesquisa

Como já afirmamos no início do texto, a mitologia grega foi, e ainda é amplamente utilizada por autores em suas obras, independente de serem clássicos ou contemporâneos, pelos mais diversos motivos e para os mais variados fins. Vamos agora expor alguns exemplos de como o mito de Sísifo, ou o personagem Sísifo, foi utilizado por alguns destes. Também veremos quais análises do mito já foram realizadas e para quais investigações o mito foi ponto de partida, ou trouxe contribuições. O levantamento dos dados foi feito através de pesquisa em bases de dados on-line e pela obtenção de material impresso.

Objetivando uma maior clarificação e facilidade em se observar o conjunto de publicações, dividimo-las em categorias, agrupando aquelas que possuíam direcionamentos semelhantes, de maneira a formar quatro grupos: a) Publicações que interpretam o mito de Sísifo; b) Pesquisas que utilizam o mito de Sísifo para realizarem relações e analogias com outros fenômenos e objetos de estudo; c) Publicações que fazem aproximações entre Sísifo e algum outro personagem; e d) Textos que se concentram em salientar a repetição como um elemento presente e determinante neste mito.

3. 4. 1. Interpretações do mito de Sísifo

Dentre as publicações que encontramos, notamos que algumas delas traziam interpretações do mito, revelando possibilidades de visões sobre ele, e em relação a alguns

elementos que o mesmo possui, contribuindo para um conhecimento mais amplo acerca do mesmo.

A interpretação mais conhecida do mito de Sísifo é a realizada por Albert Camus, escritor e filósofo francês, que inclusive, foi amplamente citado por vários dos trabalhos e pesquisas aqui agrupadas. Para este autor, Sísifo é o herói do absurdo, devido a suas paixões e por seu tormento, tendo sido condenado a um suplício indescritível. Ele enfatiza o momento em que Sísifo está descendo a montanha, após mais uma vez o rochedo ter rolado para a base, pois neste instante, o herói teria uma pausa, onde poderia ter consciência de sua vida, se tornando superior a seu destino. Diante disto, ele é consciente e pode pensar sobre sua condição, é capaz de superar seu destino, que foi imposto pelos deuses através do desprezo, e então, ter alegria. Isso porque, seu destino, neste instante, lhe é pessoal e lhe pertence. Porém, aí também se encontram o absurdo e a falta de sentido. (CAMUS, 1942/2007)

Valdivieso (2003) e Guberman (2015) analisam Sísifo em seus textos, se apoiando na obra de Camus. O primeiro autor considera o mito de Sísifo como uma metáfora da vida contemporânea, que oprime os homens, obrigando-os a estarem sempre dispostos a empurrar novamente a rocha e suportar duras provas, assim como acontece no mito. Também salienta, que ele seria uma metáfora da coragem para se dizer a verdade, do trabalho impiedoso e do absurdo. Já o segundo autor, propõe fazer uma reflexão acerca do mito de Sísifo e sua implicação na psicoterapia. Segundo Guberman (2015), o que o mito quer transmitir, é o sentido da vida e sua essência, visto que viver seria a tarefa mais difícil possível. Ele seria, então, uma provocação à consciência reflexiva,

com o intuito de descobrirmos, tanto quem já somos, quanto quem somos capazes de ser.

Florio (1996), ao discutir o sentimento de vazio, de acordo com a condição existencial do homem contemporâneo, cita Sísifo, pois compreende que neste mito, assim como nos de AsteriÓN e Tântalo, existe a presença dos sentimentos de solidão e de vazio existencial.

Nardi et al. (2006) e Salis (2003/2011), discutiram o significado da condenação recebida por Sísifo. Segundos eles, como a pedra sempre retornava ao seu ponto de partida, ela se tornava algo sem sentido e esperança, caracterizando, para o último autor, a mais inglória das tarefas, por ser inútil. Ademais, em conformidade com o pensamento grego antigo, o castigo de Sísifo tinha

[...] um significado ainda maior. Permanecer no Hades, sem poder retornar para seu astro-guia e voltar a viver, era o pior dos castigos, pois significava perder o mais sagrado dos direitos de uma alma: o de prosseguir em seu destino, evoluindo cada vez mais numa nova existência, para finalmente reconquistar a imortalidade perdida. Assim Sísifo sofre o pior dos castigos, pois perde o direito de ter um destino a cumprir. Representa a perda da busca e da evolução: tudo que ele realiza é inútil e de nada serve para sua elevação; ao contrário, ele ironicamente atingiu a "imortalidade", só que da pior forma, e não vai a lugar algum (SALIS, 2003/2011, p. 200).

Desta forma, as proposições realizadas pelos autores que analisaram o mito de Sísifo indicam algumas de suas possíveis características. Eles afirmam que este mito discursa sobre o absurdo (CAMUS, 1942/2007) e também parece se

mostrar como uma metáfora da vida contemporânea (VALDIVIESO, 2003), podendo transmitir qual o sentido dela e sua essência (GUBERMAN, 2015); e possuir aspectos relacionados à solidão e ao vazio existencial (FLORIO, 1996). Ademais, alguns autores indicaram que a condenação do herói pode significar algo inútil, sem sentido, que impossibilita o cumprimento do destino e da contínua evolução, se caracterizando, até mesmo, como o pior dos castigos e a mais inglória das tarefas.

3. 4. 2. Correlações com o mito

As pesquisas que serão apresentadas nesta seção são bem diversas quanto a seus objetos de estudo, mas podemos notar que todas se servem de algum elemento do mito para fazerem relações com seu estudo. A repetição foi motivo para analogias com o mito de Sísifo em várias destas publicações.

Enfatizando a condenação sofrida por Sísifo, Cárdenas (2009) afirma que ela se caracteriza como uma espécie de eterno retorno, quer dizer, de uma repetição, para mostrar que a falta de avanços nas tentativas de reverter à pobreza e a iniquidade social no México sempre se sucedem da mesma maneira, retornando a um mesmo ponto e inexistindo avanços.

Já em sua tese de doutorado, Felipe (2013), examina a obra de Alejo Carpentier e percebe que o mito de Sísifo é frequentemente citado nesta, principalmente entre as décadas de 1940 e 1950, nas quais era analisada uma concepção valorosa da existência humana. A presença do mito pode ter

representado a busca por uma nova concepção de homem e uma mudança de abordagem. Carpentier utilizava a mitologia grega para fazer associações entre o passado e o presente, sendo que o estilo interpretativo alegórico do passado foi a forma que tomou a obra deste autor a partir da década de 1940. Nele o mito era refundido em uma ordem política e estética, se juntava a novos eventos reinventando o arsenal simbólico e o secularizando, para servir de fundamento às discussões de novos espaços políticos. Na concepção do autor, o mito de Sísifo e as suas várias repetições deveriam ser superadas através da atribuição de sentidos humanos, assim como seria preciso se relacionar com o passado, estranhando-se, mas também percebendo o comum, em suma, fazendo um movimento.

Euclides da Cunha (1909, *apud* GUILLEN, 2007 e SAMPAIO, 2002), discute o aviamento e o extrativismo no trabalho do seringueiro da Amazônia, utilizando como metáfora, o mito de Sísifo. Este autor comparou o trabalho do seringueiro a uma empresa de Sísifo, no sentido de que há no ofício desta categoria uma incompreensível irracionalidade. Pois o trabalhador se torna um eterno devedor, ao sair de sua cidade ou estado de origem para ir trabalhar com este ofício na Amazônia, que não consegue dar fim a suas dívidas; ao contrário, elas apenas aumentam. Desta maneira, de acordo com o autor, o trabalhador fica condenado a uma relação repetitiva e viciosa, isso porque, devido a sua dívida com o comerciante, tem que executar a mesma tarefa pelo resto de sua vida; sem conseguir pagar seu débito, o que se configura como a única forma de dar fim a sua condição de dependência.

Na investigação sobre a experiência brasileira com programas de transferência direta de renda, T.F. Silva (2006) aborda o mito de Sísifo para relacioná-lo com o trabalho repetitivo e alienante que seria produzido por estes programas. Isso porque, eles não se preocupariam com a transformação social profunda, que eliminaria as desigualdades sociais, ficando limitados a repetir o trabalho alienado, que consiste em ajudar os desempregados a conseguirem novos empregos como forma de integração social.

O mito de Sísifo é apresentado por N. F. Silva (2006) como ilustração mitológica para a realidade clínica do tratamento de doentes alcoólicos, pois compreende a recuperação como um trabalho de Sísifo, onde se tem presente a repetição e a recaída, que seria à volta ao ponto de partida. E R. I. Silva (2013) realiza uma discussão sobre a busca pelo belo, mais especificamente, o corpo belo, como uma demanda social presente nos dias atuais, que faria como que os sujeitos se tornassem “Sísifos” na caça pelo belo, ou seja, uma busca que não cessa, que sempre se repete. Segundo o autor, o corpo belo traz algo de trágico em si, porque está preso à degradação que acontece com o passar do tempo e se perpetua até o momento da morte.

Outros autores utilizaram o ponto de vista de Camus sobre o mito para produzirem seus trabalhos, se apropriando, principalmente, da noção de absurdo teorizada por este autor.

Santos (2009) estuda as novelas do escritor Lúcio Cardoso, destacando o absurdo presente nelas, pois seriam relacionadas a repetições e situações cíclicas, como o trabalho inútil e tolo de Sísifo, sendo que, estas situações seriam insuportáveis pelo tédio incessante que provocam.

Pires (2011) relata um trabalho em saúde realizado em uma UBS, no qual se articularam os resultados de pesquisas científicas feitas nos serviços de saúde com elementos da mitologia grega, manifestações artísticas e filosóficas, como a de Camus. Realizou-se um ciclo de oficinas, onde foi utilizada a expressão “trabalho de Sísifo” como metáfora para as atividades profissionais executadas na UBS, na acepção de que todo serviço é inútil ou sem sentido. O objetivo foi ampliar as reflexões dos profissionais da saúde sobre o processo de trabalho nestas instituições.

Ceccagno (2012) utiliza o mito de Sísifo para ilustrar o sentimento de absurdo presente no período das guerras mundiais. De acordo com o autor, existe em cada tempo e espaço circunscrito, um “imaginário que diz repeito à vida simbólica de uma sociedade e estabelece sentidos para o grupo social” (p. 239). No momento das guerras mundiais, este imaginário era o padrão da repetição contínua, aliada à ideia do sentimento do absurdo, assim como se encontra no mito de Sísifo. Este trabalho ainda ressalta o poder da mitologia grega de produzir símbolos e sentidos, porque compreende que “os mitos, com seus arquétipos imemoriais, podem ser transportados e ressignificados de um contexto cultural a outro, articulando-se de maneira diferente e trazendo consigo novos sentidos no tempo e no espaço em que a ressignificação se produz” (p. 246-247).

A questão do trabalho inútil, sem sentido, ou que não leva ao alcance dos objetivos, presente no mito, foi salientada em algumas das publicações, demonstrando que essa característica é corrente no contexto atual. Cante (2003), Matos (2015), Pinto (2009), além de Salas e Cintora (2008), foram os autores que fizeram este destaque. Cante (2003) discorreu

sobre a segurança democrática na Colômbia, defendendo que sem o apoio e o compromisso da sociedade, são inúteis os esforços do governo da época em promover a segurança democrática, correndo o risco de se repetir o mito de Sísifo, quer dizer, fazer um trabalho inútil. Pinto (2009) questionou se o processo de paz no Oriente Médio, que acontecia há quinze anos, assumiria o papel de uma esperança que supera a morte, como uma Fénix, ou se seria como o castigo de Sísifo, no sentido de um esforço que não alcança seu objetivo final.

Comparando a inserção social através do trabalho, em uma determinada população, e o mito de Sísifo, Salas e Cintora (2008) notaram que as políticas sociais de inserção no trabalho dificilmente conseguiam atingir o objetivo de integrar socialmente a população desempregada, que era mais marginalizada; por isso, reproduziam este mito. Demonstram que existiam dificuldades em conseguir emprego e em manter o posto de trabalho. Além disso, muitos sujeitos ficavam no meio deste caminho, como “Sísifos” que não conseguem chegar ao cume da montanha. Desta maneira, o trabalho dos profissionais que estão nos programas de inserção, se tornava, da mesma forma, parecido com o mito de Sísifo, por eles terem que desempenhar uma atividade que necessita de muito esforço e ainda é repetitiva. O que levaria, assim, ao desespero e à perda de esperança, tanto dos desempregados, quanto dos profissionais que os acompanhavam no mercado de trabalho.

Investigando as regressões presentes na modernidade tecnológica, Matos (2015) discute a falta de conteúdo e de sentido no trabalho, que foram provocados pelas novas tecnologias e automação. Segundo Benjamin (2006, *apud*

MATOS, 2015), este trabalho se assemelharia ao de Sísifo e ao das Danaides, porque Sísifo teria que realizar a tarefa de carregar o rochedo até o alto da montanha, e depois até o ponto de partida, infinitas vezes; e as Danaides tinham que encher tonéis, que não possuíam fundo, com água do mar, caracterizando uma tarefa absurda, porque eles sempre se esvaziavam, ilustrando, assim, trabalhos alienados.

Para pensar novos paradigmas e mudanças de referências no entendimento do desenvolvimento humano, Chaime (2005), recorre a uma antiga pergunta, que diz respeito da boa sociedade, reabrindo espaço para uma reproximação com as noções éticas. O mito de Sísifo é trazido para este artigo, com o objetivo de ressaltar que, para pensar sobre esse assunto, é preciso não compartilhar do mesmo destino deste herói, que não consegue alcançar seu objetivo, não chega a lugar algum com sua atividade e se restringe ao mesmo.

A persistência foi outra característica ressaltada, pelos autores que utilizaram o mito de Sísifo, para relacionar com seus objetos de estudo. Ortí (2007) se refere ao mito neste sentido, ao apresentar o caso de Paul Auster, que tentou, três vezes, criar uma trilogia, considerando que esta seria, na verdade, uma espécie de reescritura delas mesmas, dos grandes romances do passado e das técnicas narrativas de gêneros que a precederam. Destarte, revela a persistência em tentar fazer algo e seguir objetivos.

Também Nardi et al. (2006), relacionaram o mito com a persistência, mas a respeito da busca de satisfação dos anseios de uma sociedade que é descrente com a justiça. Fizeram isto em um artigo que tem por objetivo demonstrar a importância da promulgação da Lei 9099/95, que pro-

move maior acesso à justiça pelos jurisdicionados. Esta lei possuiria a mesma irreverência de Sísifo, que enfrentou o poder dos deuses, pois ela se defronta com o paradigma dominante da ciência processual, que tem se esforçado em barrar seu avanço, ou seja, que está tentando transformar o trabalho da justiça em inútil, assim como os deuses fizeram com Sísifo ao castigá-lo. Porém, segundo os autores, ainda são encontrados projetos de leis que persistem em continuar subindo com a pedra, da mesma forma que o herói, sendo consciente e não desistindo.

Outros aspectos do mito, para além dos já apresentados, foram trabalhados. Por exemplo, Azoubel Neto (2004), relacionou o fato de Sísifo ter aprisionado a morte, impedindo esta de fazer seu trabalho, com o esforço da medicina em prolongar o tempo de vida das pessoas. Brunetto (1998) associou o desamparo fundamental do humano com a noção de castração em Freud e com o rochedo de Sísifo, do qual ele nunca se liberta. Cruz (2005), ao discutir a responsabilidade civil, se pergunta se a história da culpa na sociedade pós-industrial é semelhante ao mito de Sísifo, pois entende que este herói recebeu sua condenação por ter se atrevido a trancafiar a morte, quer dizer, foi responsabilizado por seus atos. Assim a culpa seria como uma maldição que se encontra sempre atrelada à responsabilidade civil.

Por fim, Balaguer (2008) teceu similaridades entre a atividade exercida pelos bancos franceses na Espanha e este mito. Ele enfatiza que Sísifo era inteligente, culto e astuto, assim, sabia aproveitar as oportunidades, e era um sobrevivente, pois se adaptou a diversas situações e novas circunstâncias, prevendo as possíveis mudanças e se adiantando a elas. Os bancos franceses na Espanha se assemelham com

este herói, por apresentarem estas mesmas formas de agir, diante do mercado espanhol, considerando que este passou por diversas mudanças e evoluções ao longo do tempo.

Portanto, podemos perceber que os autores utilizaram alguns aspectos do mito para relacionarem com suas pesquisas. Os principais aspectos relacionados foram: a repetição (CÁRDENAS, 2009; FELIPPE, 2013; GUILLEN, 2007; N.F. SILVA, 2006; R.I. SILVA, 2013; SAMPAIO, 2002; T.F. SILVA, 2006), o absurdo (CECCAGNO, 2012; PIRES, 2011; SANTOS, 2009), o trabalho inútil (CANTE, 2003; MATOS, 2015; PINTO, 2009; SALAS E CINTORA, 2008) e o fato de ele não conseguir alcançar seu objetivo (CHAIME, 2005), a persistência (NARDI et al., 2006; ORTÍ, 2007), pois ele continua a tentar levar a pedra até o outro lado da montanha ou, pelo menos, até o seu topo.

Além disso, Balaguer (2008) fez uso de algumas características da personalidade de Sísifo, como, por exemplo, ser culto e astuto, saber aproveitar as oportunidades, ser um sobrevivente, conseguir se adaptar a diversas situações e circunstâncias, prevendo possíveis mudanças e se adiantando a elas. Todavia, a principal característica destacada foi a repetição, o que demonstra que ela é algo presente no humano, independente de seu tempo, e possibilita pensarmos que é válido buscar compreender mais sobre essa particularidade encontrada neste mito.

Vale ressaltar que, apesar dos autores terem recorrido ao elemento repetitivo, eles o fizeram para discutirem acerca dos seus objetos de estudo, quer dizer, o foco não se encontra sobre a repetição. Já em outras publicações, como poderemos observar em sessões seguintes, o cerne é a repetição, de

forma que ela é explorada e é mais discutida a sua relação com o mito de Sísifo.

3. 4. 3. Sísifo e outras personagens

As características e qualidades pessoais de Sísifo, assim como suas atividades, foram motivo para aproximações com personagens da vida real e da literatura. Desta forma, foram tecidas semelhanças entre personagens e sujeitos, destacando alguns elementos deste herói, que se assemelham com os de outros indivíduos, nos indicando que eles ainda se fazem presentes e são comuns no humano em geral.

O retrato de Sísifo foi utilizado, por Franchini e Seganfredo (2003/2007), ao discorrerem sobre Dido, personagem da mitologia grega e primeira rainha de Cartago. Os autores a chamam de desastrada Sísifo do sexo feminino, quando se referem a uma tentativa de Dido, de escalar uma íngreme subida, cheia de barro molhado, para conseguir chegar a uma gruta. Ela ganhou essa fama porque sempre que estava quase alcançando a entrada da gruta, perdia o equilíbrio e voltava ao ponto inicial, rolando no barro.

Sísifo foi o nome dado a dois sujeitos de estudos de caso. No primeiro, realizado por Gago e Yáñez (2014), foi investigado se a forma como os alunos se esforçavam na solução de problemas matemáticos influi em seus resultados. Eles escolheram este nome para seu sujeito devido à forma como ele se esforçava, visto que, apesar de realizar várias tentativas de resolver o problema, ele apresentava sempre um fazer por

fazer, que não indicava a procura por métodos alternativos de se solucionar.

Já no estudo realizado por Rocha e Góis (2010), o nome foi escolhido devido à presença de elementos semelhantes àqueles presentes no mito grego na fala do participante, pois, ele afirmava que sua vida estava atada à condição de ser arrimo de família, sendo esta sua pedra, e rolá-la seria seu castigo ou missão divina, sendo necessário aceitar o trabalho que conseguisse, diante da dificuldade do primeiro emprego. Os autores concluíram que a inserção dos jovens no mercado de trabalho nos dias atuais se assemelha a uma jornada mítica, na qual a tarefa a ser cumprida é conseguir a primeira oportunidade de emprego.

Para discutir a educação na Colômbia, Vanegas e Trujillo (2013), compararam os docentes com Sísifo, sendo que, no caso dos docentes, ao invés de uma pedra, são os alunos que teriam que ser levados para cima. O topo representaria uma vida melhor, promovida pelos conhecimentos e valores. Porém, a pedra sempre retornaria à origem devido aos problemas com as políticas de estado, a desigualdade e a pobreza social, que são encontradas na educação do país. Caimi (2002) faz uma alusão ao trabalho do filósofo como se ele fosse uma espécie de herói trágico, porque sempre busca alcançar as ideias, mas só consegue se aproximar delas. Deste modo, ele enxerga a plenitude, porém, não a atinge; assim como Sísifo, que empurra a pedra até perto do topo da colina e depois a deixar rolar até a base, infinitas vezes.

O último autor que realiza uma aproximação entre seu sujeito de estudo e Sísifo é Batista (2011). Ele discorre sobre o conto intitulado *Ela era sua tarefa*, de Marina Colasanti, no qual o mito de Sísifo é reconstruído, com outros per-

sonagens, para abordar a relação entre homem e mulher. A mulher é apresentada como sendo a tarefa do homem, ou seu suplício, uma vez que sua função era rolá-la para cima todos os dias. Este conto busca discutir, segundo o autor, a sociedade patriarcal, na qual existem relações assimétricas entre os gêneros, o que implica na mulher ficar em uma situação de dependência, de forma a não conseguir se sustentar sozinha. Entretanto, não deixa de ser apresentado o desejo da mulher de se emancipar, apesar de o marido ser contrário a esta ideia e preferir continuar sua tarefa, porque não quer perder o domínio sobre sua pedra, ou seja, sua mulher.

Diante do que vimos nesta seção, podemos afirmar que ser como Sísifo, ser relacionado a ele, ou receber seu nome, implicam algumas qualidades e características específicas, que dizem respeito de maneiras de ser e fazer coisas. Repetitivas tentativas de se alcançar um objetivo (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007; GAGO; YÀÑES, 2004; VANE-GAS; TRUJILLO, 2013), assim como a inviabilidade de alcançá-lo (CAIMI, 2002; GAGO; YÀÑES, 2004), também a ausência da possibilidade de diferentes destinos na vida (ROCHA; GÓIS, 2010) e a realização de tarefas repetitivas (BATISTA, 2011), são aspectos que marcam o mito de Sísifo e que por isso, são transpostos através de analogias a outros sujeitos ou personagens.

3.4.4. A repetição como um elemento presente e determinante no mito de Sísifo

A repetição é um elemento que surge como pertencente ao mito de Sísifo, principalmente no que diz respeito ao castigo por ele recebido. Os autores que apresentaremos nesta seção enfatizaram este ponto específico do mito em seus trabalhos, de forma mais intensa que os demais autores já apresentados, que também o abordaram em alguns momentos.

Segundo C.G. Silva (2013), a história deste herói é marcada por situações de repetições, que se fazem presentes tanto em suas escolhas, quanto em seus atos. O motivo de elas acontecerem seriam sujeições à forma de agir de seus antepassados, que eram astutos e espertos em relação aos deuses. A autora universaliza a dinâmica presente no mito de Sísifo e a interpreta como “uma boa ilustração para a forma como se comporta o sujeito que sofre com as repetições em suas escolhas” (p. 2). Entende que esse fator leva ao sofrimento, devido à impossibilidade de realização do real desejo, que seria o prazer pulsional primário. Entretanto, o sujeito atribui o não alcance dos desejos e objetivos a algo maior, como um destino, tentando se livrar da culpa por desejar. Desta forma ele acredita ser fadado à insatisfação por causa de algum erro cometido, passando, geralmente, a crer que está destinado à derrota, assim como teria acontecido com Sísifo.

Então, segundo esta autora, Sísifo aprendeu com seus antepassados que sua existência é errante, ele não estaria destinado a atingir a satisfação, entendeu que alcançar o ápice de um desejo ou meta, seria proibido para ele. Por isso

merece o castigo de não conseguir concluir seus propósitos. Seria mais cômodo, assim como na condenação imposta a Sísifo, retornar ao princípio, acatar o castigo como adequado a si, por causa de sua ousadia em querer satisfazer seus desejos.

A ação é obedecer à ordem suprema que emana do arcabouço de recalques do inconsciente, movimentando-se no que Freud (1920/2010e, p. 145) intitula de “compulsão à repetição, que deve ser atribuída ao recalcado inconsciente” (C.G. SILVA, 2013, p. 3).

Portanto, o sujeito, da mesma forma que Sísifo, se encontraria sob a ação da compulsão à repetição, que o impossibilitaria atingir a satisfação e levá-lo-ia à repetição até mesmo de situações desprazerosas, visto que ela se encontraria atrelada à pulsão de morte, conceito também formulado por Freud. A análise psicanalítica é apontada por C.G. Silva (2013) como o caminho para a busca de uma solução positiva para este tipo de sofrimento.

Zavala (2004), também trata da repetição presente no mito de Sísifo, em um artigo onde busca articular a psicanálise e a atualidade do mal-estar na América. Compreende Sísifo como aquele que repete um mesmo ato e que se transforma em uma miserável compulsão repetitiva. A autora recorre a Lacan e Freud, como referências para sua discussão, e a conceitos como: o automatismo da repetição e o gozo de Lacan; e a compulsão à repetição de Freud. Considera a repetição como um elemento essencial da tragédia grega, que estaria presente não apenas no mito de Sísifo, mas também em outros, como os de Titio e Tântalo. É a compulsão à repetição que impulsiona Sísifo a subir a

montanha, levando a pedra, infinitas vezes. E o gozo seria o que fomentaria, predominantemente, a repetição, implicando num destino fatídico para o sujeito. (ZAVALA, 2004)

Zuin (2008), em um artigo que pretende estudar ações violentas que são realizadas por estudantes, em específico o *Amok* - síndrome psicopatológica onde o sujeito ataca e mata pessoas de forma descontrolada - faz menção à repetição da narração do mito de Sísifo ao longo da história da civilização ocidental, fazendo uma analogia com a repetição presente em seu próprio enredo. Também afirma que este mito se tornou uma das mais populares imagens de trabalho inútil, e que o ato de desafiar aos deuses no mito corresponderia à expressão do desejo e a pretensão de se tornar imortal.

O autor explica que este mito já foi empregado em interpretações sociológicas, psicológicas e filosóficas, como a realizada por Camus. Exalta o poder metafórico do mito, assegurando que ele pode ser utilizado, não como modelo explicativo, mas como ponto de partida imagético, o que estimularia o desenvolvimento de raciocínios acerca da investigação de alguns fenômenos educacionais, como o investigado em seu artigo. (ZUIN, 2008).

Portanto, o mito de Sísifo foi amplamente utilizado em diversas publicações, e acreditamos que isso acontece porque ele resguarda as potencialidades de mitologia grega, de ser uma fonte rica em saberes, símbolos, modelos e metáforas, que podem auxiliar na construção do saber tanto quando é analisada no seu próprio tempo e contexto, quanto nas vezes em que é transportada para novos momentos e circunstâncias, uma vez que sempre pode produzir novas significações.

Apesar de o mito ter sido utilizado e articulado de diversas maneiras, abordando diversos assuntos, pudemos notar que a maioria dos autores se referiu ao aspecto repetitivo que nele é encontrado. Isto é, a repetição é o elemento que se destaca dentre todos os possíveis de serem percebidos e extraídos deste mito. Porém, pode-se sublinhar que não se trata de uma simples repetição, ou a repetição de um evento uma única vez. Observa-se que o mito está relacionado a uma repetição que insiste em acontecer e que não cessa depois de ocorrida, se mostrando como algo que se assemelha à compulsão à repetição formulada por Freud (1920/2010e). Logo, além de evidenciar que a repetição é o aspecto que se mostra mais destacado neste mito, a análise destas publicações trouxe a confirmação de que é relevante estudar a repetição que insiste em ocorrer, ou seja, a compulsão à repetição, e sua relação com este mito.

4. ALGUMAS CORRELAÇÕES

Produziremos, neste capítulo, correlações entre o mito de Sísifo e o conceito de compulsão à repetição, tendo em vista, em primeiro lugar, que este mito fornece modelos de funcionamento psíquico que esboçam movimentos repetitivos, que por sua vez se dão de maneira próxima àqueles compreendidos como compulsão à repetição na obra freudiana. E, em segundo lugar, que o elemento repetitivo presente no mito foi destacado por inúmeros autores, que também perceberam sua relevância na narrativa mitológica.

Salientamos que nosso objetivo com este capítulo é buscar uma compreensão mais satisfatória e clara deste mecanismo utilizado pelo psíquico. Para tanto, propomos a analogia entre três momentos destacáveis no mito de Sísifo e outros três presentes na dinâmica psíquica relacionada à compulsão à repetição, os quais apresentaremos a seguir.

4.1. PRIMEIRO MOMENTO: transgressões e excessos

Sísifo foi solerte e um esperto vigarista, que criava meios para conseguir aquilo que queria independentemente do que precisasse fazer para tanto; por exemplo, ele enganou a morte duas vezes, sendo que, na primeira, acorrentou-a e trancafiou-a, impedindo que esta o levasse para o mundo inferior. E na segunda vez, como já havia sido levado para este local, criou um meio de fazer o caminho de volta, através de uma estratégia que envolvia sua esposa. Além disso, traiu

Zeus, contando que ele havia raptado uma moça, foi adúltero, deflorou uma jovem e cometeu diversos assassinatos, dentre outros feitos.

Por esta razão, ele tinha conhecimento acerca das arimanhas – que permitiam que enganasse quem fosse preciso para conseguir o que desejava – e dos subterfúgios, que garantiam, através de manobras ou pretextos ardilosos, que se esquivasse de qualquer dificuldade. Apesar de estes saberes lhe promoverem benefícios, se configuravam como manifestações da *hýbris* – relacionada ao descomedimento e ao excesso – que transgrediam o *métron*.

Ainda que o excesso e a transgressão de limites sejam considerados, segundo Leite (2010), como um direito sagrado do herói – que é originário da sua ascendência divina e superioridade (*areté*) – permitindo que ele seja semelhante aos deuses em alguns aspectos, leva-o a acreditar ter o direito de fazer aquilo que deseja de forma plena, no sentido de ter capacidade para tal. Isso geralmente leva à cólera divina, devido à insolência e desconsideração do *métron*, independente do fato de o descomedimento ser motivado por sua própria vontade ou ser fruto de sua natureza superior e proximidade dos deuses.

De acordo com Brandão (1986/1995), a pior manifestação possível da *hýbris* é “[...] aquela em que o herói, sob o impulso de sua *timé* e *areté*, que afinal são outorga de um deus, [...] se lança na competição com o divino ou até mesmo na loucura de desejar ultrapassá-lo” (p.211), assim como Sísifo o fez, a título de exemplo, ao tentar enganar os deuses.

Considerando o contexto da mitologia grega, o conjunto de feitos transgressores e excessivos praticados pelo he-

rói no mundo dos vivos, e até mesmo no mundo dos mortos, culminou na sua punição, que por sua vez é representativa de *némesis*, a justiça distributiva, que defende o equilíbrio e castiga a desmesura. Segundo Brandão (1986), “a função essencial desta divindade é, pois, restabelecer o equilíbrio, quando a justiça deixa de ser equânime, em consequência da *Ûbris* (*hýbris*), de um ‘excesso’, de uma ‘insolência’ praticada” (p. 232). Assim, percebemos que existe no mito desse herói um primeiro momento que diz sobre aquilo que leva à punição, que consiste no seu caso em uma repetição constante e inexorável envolvendo a pedra e a escarpa.

Diante disso, podemos fazer um paralelo entre os primeiros momentos destacáveis neste mito e na compulsão à repetição, pensando naquele primeiro instante presente em ambos que está atrelado ao surgimento ou motivação de um movimento repetitivo irrefreável. O paralelo se torna ainda mais consistente se nos lembrarmos de que nos dois casos o elemento motivador está relacionado ao excesso e à transgressão, que se dá, no caso da compulsão à repetição, por conteúdos que possuem uma quantidade maior de excitação do que aquela suportável pelo psiquismo em determinado momento, transgredindo sua capacidade de continência.

A constatação de que um dos motivos que levaram à punição de Sísifo foi a transgressão do *métron* traz luz para o fato de que, no caso mítico, se tem um parâmetro para julgar o que deve ser punido ou não, apesar de os deuses também imporem suas vontades, havendo exceções.

No psiquismo não existe algo semelhante ao *métron*, mas a moral e os princípios do Superego e seus derivados Ideal do Ego e Ego ideal, norteiam aquilo que é permitido ou não para o sujeito, sendo como que representantes da função

paterna, ou seja, daquele que foi o primeiro a colocar limites e interdições para a criança. Além disso, o Ego utiliza seus mecanismos de defesa frente àquilo que não corresponde às leis do consciente, ou que é da ordem do sexual, do desprazeroso, ou do excessivo. Portanto, também existem certos parâmetros que juntos regem o funcionamento psíquico.

A punição de Sísifo impede que o herói cometa mais transgressões, de maneira que ela lhe impossibilita enganar novamente a morte, encontrar uma forma de voltar ao mundo dos vivos, cometer mais assassinatos, entre outras coisas que poderiam ser feitas. Neste sentido, também podemos cogitar semelhanças entre esta punição presente no mito e a fantasia de castração descrita pela psicanálise, como averiguaremos a seguir.

A fantasia de castração é geralmente associada pelo menino a uma ameaça do pai, em vista de suas atividades e desejos sexuais; e pela menina a algum dano sofrido. Apesar de trazer uma resposta ao enigma da diferença anatômica dos sexos, esta fantasia ocasiona grande angústia para o menino, no sentido de que ele sente seu órgão ameaçado pela figura do pai, aquele que exerce a função interditória e normativa, na dinâmica do complexo de Édipo simples. Já na menina a situação não se encontra tão clara, visto que a ausência do falo já é posta a princípio, porém isso não retira sua relevância, pois evidencia uma ameaça concretizada. (FREUD, 1926/1996n; LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001).

Ainda que a castração seja relacionada ao complexo de Édipo, que acontece no período da infância, ela segue sendo um modelo de interdições e impedimentos ao longo da vida, visto que o Superego, que vem a ser o herdeiro do complexo de Édipo (FREUD, 1923/2011a), se encarrega das

proibições, censuras, julgamentos e obediência às leis. Por este ângulo, a condenação de Sísifo pode ser vista como um modelo da proibição do infantil, pois assinala que o herói não pode mais fazer o que quer, indicando o fim de sua liberdade para fazer tudo o que deseja e que lhe produz prazer, o que a aproxima do papel atribuído à castração na dinâmica psíquica, ao indicar o fim da onipotência da criança e o início da inserção das regras culturais.

Entretanto, mesmo que da angústia atrelada ao medo de castração advenha o recalco do infantil, conforme afirma Freud (1926/1996n), o conteúdo recalco não é extinto. Por causa disso, posteriormente ele pode fazer o movimento de volta, seja por meio de sintomas, sonhos, atos falhos ou compulsão à repetição, dentre outros. Além disso, mesmo com a inserção de regras sociais os sujeitos podem continuar a apresentar tendências narcísicas – que remetem ao investimento libidinal em si mesmo em prejuízo do investimento nos objetos externos – o que reflete em uma forma de se relacionar com a vida que visa sempre fazer aquilo que traz benefícios próprios, em detrimento dos demais objetos, ou então, fazer o que se deseja e produz prazer, não se importando com suas consequências.

Essas tendências se assemelham aos comportamentos apresentados por Sísifo devido ao seu caráter de herói. Na dinâmica psíquica refletem características que estão atreladas ao princípio do prazer e à falta de consideração da realidade, que são comuns ao processo psíquico primário, típico de um funcionamento mais arcaico e atrelado ao inconsciente, que não responde às regras impostas pela realidade ou pelo Superego.

A falta de consideração da realidade também pode estar relacionada aos mecanismos da negação e de recusa da realidade. O primeiro é definido por Laplanche e Pontalis (1982/2001) como o “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença” (p. 293). Já a recusa da realidade, que é um termo distinto da negação dentro da obra freudiana, está mais atrelada à “[...] recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo exterior” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001, p. 293). Justifica-se esta aproximação porque apesar de na mitologia grega ser clara a distinção entre deuses e mortais – salientando que estes últimos não têm liberdade para fazerem tudo o que desejam, pois, isto apenas cabe aos primeiros – notamos um movimento de negar as regras e leis existentes, transgredindo-as sempre que necessário, como se elas nem mesmo existissem.

Na compulsão à repetição, de forma semelhante, constatamos uma desconsideração de certas leis e normas psíquicas, o que levou Freud (1920/2010e) a descrevê-la como estando *além*, quer dizer, funcionando a partir de outras regras, que lhe são próprias e lhe dão maior autonomia. Apesar de a compulsão à repetição fazer parte do psiquismo, o que inevitavelmente obriga-a a se moldar de acordo com as particularidades deste, ela brinda o psiquismo com sua insolência, se fazendo mestra e senhora de parte do movimento psíquico.

Somando-se a isso, a compulsão à repetição também desconsidera a realidade, agindo sobre essa independentemente do que irá causar, desestabilizando o funcionamento normal guiado pelo Ego. A razão disto se encontra nos fatos

de ela se dar de maneira imperativa e lhe faltar o contato com a realidade, pois é pertencente ao Id, o qual apenas conhece seus próprios desejos e inclinações. Porém, essa ação brusca ministrada pelo mecanismo da compulsão à repetição apenas acontece por causa de algo mais perturbador que ela mesma, que requer uma ação incisiva. Estamos nos referindo ao caos despertado pelos excessos e transgressões oriundos das excitações que o psiquismo não é capaz de lidar.

4. 2. SEGUNDO MOMENTO: Repetições compulsivas e inexoráveis

Após os excessos e transgressões, Sísifo é punido pelos deuses. A partir de então, se vê preso ao trabalho de levar a pedra até o cume da escarpa, vê-la cair até o início e retomar a atividade, fazendo tudo da mesma forma, constantemente, pois a pedra sempre escorregará de suas mãos ou alguma força o impedirá de levá-la para o outro lado da escarpa, de maneira que o herói fica restrito a repetição da tentativa, não alcançando sua liberdade.

Pode ser dado como certo que Sísifo cumprirá seu castigo, porque ele não tem outra saída e não existem chances de mudança da realidade em que se encontra devido aos seguintes motivos: a) o castigo se tratar de uma punição ou condenação; b) corresponder a uma atividade que não permite paradas, nem mesmo pausas. O único registro de que Sísifo parou sua tarefa por um momento foi quando ele a interrompeu para escutar a Orfeu que se encontrava no Hades tocando sua lira e cantando para Eurídice, sua amada (BULFINCH, 1855/2002; FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003/2007); c) a inexorabilidade do destino presente no contexto em que

esse herói se encontra, que é a mitologia grega, de forma que não existem possibilidades de escolhas ou de consideração das suas vontades; d) a punição ter sido aplicada pelos deuses, que são aqueles que possuem o poder e o controle, pois “[...] a responsabilidade pelo que lhe ocorre vem dos deuses, que interferem diretamente na vida do herói. Nessa perspectiva, o ser humano passa a ser uma marionete ou um joguete, regido pela vontade dos deuses” (VERSIANI, 2008, p. 24), o que não impede, porém, que seja, punido por suas ações praticadas.

Assim sendo, ao considerarmos a tarefa de Sísifo em si mesma, ignorando o sentido mais amplo que a subjaz, que como veremos na próxima seção diz respeito à redenção, podemos afirmar que seu trabalho nunca é concluído, independente dos esforços realizados. Isso nos permite afirmar que o castigo recebido passa a imagem de impossibilidade de sucesso ou alcance dos objetivos, o que resulta em a sua atividade envolver tanto o levar a pedra para cima, quanto vê-la cair de suas mãos e voltar até o início para, então, levá-la novamente.

O modelo presente neste segundo momento do mito de Sísifo representa, portanto, o movimento repetitivo inexorável em si, visto que o herói é forçado a fazê-lo constantemente e independente de sua vontade, além de ocorrer de forma padronizada. Assim, ele pode ser assemelhado ao tempo em que o sujeito repete compulsivamente sem ter o controle, o que caracteriza a compulsão à repetição propriamente. Este se configura, igualmente, como o segundo momento relacionado à dinâmica deste fenômeno psíquico, porque antes se faz necessário algo que a motive e sempre

existe a possibilidade de ela chegar ao fim, o que denota seu último e terceiro momento.

O caráter impositivo se mostra presente na compulsão à repetição em razão de que ela se coloca em ação mesmo quando ocorrem tentativas organizadas pelo Ego, enquanto instância de gerenciamento, de controlá-la ou impedi-la. Essa imposição encontra sua motivação no elemento pulsional, como foi proposto por Freud (1920/2010e) ao abordar a característica conservadora da pulsão de morte, que procura sempre a diminuição das tensões e excitações, mesmo que para isso sejam necessários meios mais desagradáveis.

Neste sentido, a compulsão à repetição entra em ação como que num ato reacionário frente à estimulação excessiva, que é apresentada pelos conteúdos desligados que não conseguiram fazer o caminho comum aos demais, sendo que eles podem ser advindos de fora ou de dentro do próprio psiquismo. Ela é orquestrada pela tendência de volta ao inanimado, de destruição e de maior desligamento. Mas, ao mesmo tempo, as influências da pulsão de vida se mostram presentes, garantindo a possibilidade de outro fim para essa repetição compulsiva, que está relacionado à ligação e à agregação daquilo que se encontra disperso.

Apesar de o resultado do movimento promovido pela compulsão à repetição poder estar relacionado a uma destinação daquilo que se encontrava desatado no psiquismo, ela ocasiona inevitavelmente a ausência de domínio do sujeito sobre si mesmo, permitindo algumas comparações com os elementos que envolvem a punição sofrida por Sí-sifo.

Outros aspectos que se somam para confirmar e incrementar a falta de controle provocada pela compulsão à repetição estão relacionados, primeiramente, à sua qualidade inconsciente, o que se desdobra em o sujeito não se dar conta de que está repetindo, e, em segundo lugar, ao fato de ela se assemelhar a uma força demoníaca, segundo Freud (1920/2010e), por ser algo imposto e indomesticável, sendo a única forma pela qual determinados conteúdos podem se manifestar no instante em que ela se encontra em ação.

Esse tema da falta de controle sobre si perpassa a psicanálise, mas não apenas por causa deste mecanismo repetitivo que estamos estudando. Ele se mostra principalmente presente por causa do conceito geral de inconsciente, visto que diz respeito àquilo que determina o sujeito, mas que não é governável pelas forças da consciência, até mesmo porque não se deixa conhecer facilmente. Além do mais, possui uma forma específica de funcionamento e leis próprias; por exemplo, nele é destacável o elemento de eternidade e indestrutibilidade dos desejos.

É perfeitamente verídico que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos. Representam caminhos que sempre podem ser percorridos, toda vez que uma quantidade de excitação se serve deles. Na verdade, um aspecto destacado dos processos inconscientes é o fato de eles serem indestrutíveis. No inconsciente, nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido. [...] Tão logo que se roça em sua lembrança, ela ressurge para a vida e se mostra mais uma vez catexizada com uma excitação que encontra descarga motora num ataque (FREUD, 1900/1996c, p. 602).

O que também implica em aquilo que já foi um dia recalçado poder voltar a percorrer caminhos que levam à motilidade através da repetição compulsiva, caso se encontrem em um estado desligado e sejam excessivos.

A discussão sobre este segundo momento destacável no mito de Sísifo invoca igualmente o debate sobre o Superego, uma vez que esta é a instância psíquica descrita na segunda tópica como responsável por coibir os desejos socialmente inaceitáveis, impor limites, administrar punições e autopunições.

As necessidades de autopunição imprimidas pelo Superego e presentes, por exemplo, nos sonhos autopunitivos e na melancolia, refletem uma conduta que foi primeiramente associada, por Freud (1916/2010c), com o sentimento de culpa, advindo da tensão presente no complexo de Édipo, mais especificamente, entre o recalçado e as censuras. Adiante, com a postulação do Superego e com a descoberta da pulsão de morte, o tema da autopunição ganhou uma nova roupagem, sendo atribuída por Freud (1923/2011a) ao predomínio deste tipo de pulsão, que se associa ao Superego e torna essa instância ainda mais severa e cruel.

Segundo Freud (1923/2011a) o Superego é resultado de uma identificação com o pai, com aquele que castra, de forma que esta instância incorpora a autoridade externa. Mas, como ela exige a renúncia a determinados desejos, a criança instaura uma grande quantidade de agressividade frente a ela que, no entanto, não será posta em ação devido ao medo da perda do amor e das possíveis retaliações advindas do outro, o que faz com que a agressividade seja represada pelo sujeito. Nesta lógica, a severidade do Superego e sua conse-

quente necessidade de punir estão atreladas à própria agressividade do sujeito frente a quem o coíbe.

Ainda de acordo com Freud (1923/2011), para haver a identificação formadora do Superego é preciso uma dessexualização, ou sublimação, o que remete a uma desfunção pulsional, que implica em a pulsão de morte poder ficar um pouco mais desvinculada da pulsão de vida em alguns níveis no Superego, sendo capaz de manifestar sua agressividade e destrutividade sobre o sujeito ou sobre o exterior. Alguns dos caminhos que essa pulsão predominantemente desfuncionada encontra para escoar sua agressividade são o sentimento de culpa e a necessidade de punição ou de autopunição, de forma que estes se caracterizam como tratamentos dados a pulsão, estando relacionados ao masoquismo ou ao sadismo, da forma como foram descritos em Freud (1924/2011b).

Mirando agora o edifício teórico da compulsão à repetição, não encontramos nele motivos para compreender este fenômeno psíquico como uma autopunição, uma vez que ele não é produto do Superego e sim do Id; ademais, trata-se apenas de uma reação do psiquismo frente ao excesso que o acomete. O que pode promover semelhanças entre ambas é o tratamento que dão à pulsão desfuncionada, o que se configura como um de seus efeitos colaterais, que permite uma destinação àquilo que se encontrava sob a égide da pulsão de morte.

Também não podemos afirmar que a compulsão à repetição se configure como uma punição que é aplicada por algo exterior ao sujeito de forma intencional, da mesma maneira que observamos no mito de Sísifo através da figura dos deuses, por exemplo. No psiquismo, apesar de seu motivador poder ter origem externa, ele sozinho não possui a

capacidade de suscitar o movimento repetitivo; depende da interação com o psiquismo individual, o que se comprova pelo fato de que nem todos os conteúdos excessivos serem repetidos compulsivamente.

Assim, o aspecto pessoal entra em cena, o que implica em não podermos generalizar ou definir conteúdos que seriam essencialmente e definitivamente motivadores da compulsão à repetição. Além disso, na dinâmica da compulsão à repetição, a força motriz pode ser também interna. Nestes casos, seria como se a força pulsional funcionasse como representante interno daquilo que os deuses, na sua posição de força exterior, representam para Sísifo.

Outro elemento considerável da punição sofrida por Sísifo é a pedra, visto que o herói se vê atrelado a uma pedra, que passa a estar constantemente guiando seu caminho, pois ela é o elemento central de sua atividade, é aquilo que deve ser levado para cima procurando alcançar o outro lado da escarpa, e o que depois cai, fazendo o herói percorrer o caminho de volta até o sopé. Por isso se mostra como um dos elementos mais importantes dentro do simbolismo deste mito. Porém, segundo Crolla (2007), ela é grande e pesada, de maneira que não deveria ser fácil ou prazeroso carregá-la morro acima, ainda mais por se tratar de uma escarpa íngreme.

Considerando o aspecto constitucional, uma pedra é nada mais que um pedaço de rocha que se solta de uma escarpa ou montanha; assim, consiste em algo inanimado e impermeável, que permanece onde está e da forma como está a menos que algo venha a modificá-la, o que imprime a ideia de imobilidade e de paralisação. Sendo que essa ideia também está posta na própria circunstância em que se en-

contra Sísifo, pois, embora ele se movimente para cima e para baixo, a situação em que se encontra não se modifica.

Transpondo esse simbolismo para a dinâmica que encontramos na compulsão à repetição, aquilo que é objeto de sua atividade e que por isso pode ser comparado com o papel exercido pela pedra no mito de Sísifo, é o conteúdo que se repete compulsivamente. Analisando o que encontramos nestes dois contextos, temos que tanto no caso de Sísifo, quanto no da compulsão à repetição, o que observamos é a não modificação, que se exprime num eterno continuar do mesmo.

Sabemos que o conteúdo que é repetido compulsivamente é desligado, por conseguinte não possui sentido ou simbolização, sendo algo ainda estranho ao psiquismo organizado; também é excessivo, impedindo sua metabolização comum, como ocorrem com os demais conteúdos que chegam ao psíquico (FREUD, 1920/2010e). Fazendo uma metáfora, poderíamos dizer que ele é pesado demais, o que torna difícil carregá-lo e levá-lo para o outro lado da escarpa, necessitando de alguma outra forma de enfrentá-lo.

Assim como a pedra, que é imóvel, o conteúdo desligado não procura ligação ou simbolização, faz-se necessário que algo atue sobre ele. Se Sísifo é quem carrega a pedra no mito, na dinâmica psíquica é a compulsão à repetição quem movimenta o conteúdo desligado. Entretanto, da mesma forma que Sísifo não leva a pedra para o outro lado, a compulsão à repetição não promove a ligação psíquica. Por causa disso, a inércia continua, mesmo que haja movimentação.

Antes de ser punido, Sísifo conseguia realizar seus objetivos, era esperto e encontrava meios de chegar onde queria. Por exemplo, ele foi rei de Corinto e conseguiu uma fonte de água para a cidade, apesar de ter tido que traír Zeus para isso; cuidava de rebanhos de gados e conseguiu ficar entre os vivos mesmo havendo duas tentativas dos deuses de levá-lo para o mundo dos mortos, entre outros feitos (GUBERMAN, 2015). Porém, a partir do momento em que é levado para o mundo dos mortos e é punido, o herói perde todas estas suas habilidades, ou pelo menos não pode mais colocá-las em prática, ficando impotente frente a sua pedra e a escarpa.

Não resta outro destino ao herói a não ser fazer sua tarefa, tentar uma e mais uma vez levar a pedra até o outro lado da escarpa, mas sempre sem procurar novas formas ou caminhos, porque isto não lhe era permitido. Ele sempre tinha que ver a pedra cair, para então começar tudo novamente, o que justifica sua fama de executar um trabalho que nunca chega ao fim e que parece ser inútil.

Diante disso, a punição paralisa Sísifo, no sentido de impedir que ele faça outras coisas, deixando-o preso a uma única tarefa, pois, apesar de o herói estar em movimento, ele não sai daquele lugar, nem muda sua forma de cumprir a tarefa. Paralelamente poderíamos visualizar as restrições ou paralisações originadas pela compulsão à repetição nas vidas dos sujeitos que ficam, por vezes, presos a certos destinos, caminhos ou escolhas, sempre repetindo o mesmo, de forma a não trilhar rumos diferentes.

Assim, o destino traçado pela compulsão à repetição pode também parecer inexorável, de maneira a deixar os sujeitos sem chances de tentar algo diferente e novo, além de impedir a historização, visto que se diferencia da recordação,

ao não permitir a costura entre os diversos acontecimentos vividos. Por exemplo, o sujeito pode parar de investir em outros objetos, ficando restrito a um mesmo que não lhe traz retorno, quer dizer, a um objeto com o qual não haverá troca ou fluxo libidinal satisfatório, que causará, na verdade, um esvaziamento da libido, deixando-o mais fragilizado e conseqüentemente paralisado.

Mas, contraditoriamente, ainda existe algum movimento, mesmo que ínfimo, pois apesar de o sujeito ficar restrito à repetição compulsiva do mesmo conteúdo desligado ou recalçado, não fica completamente imóvel. A própria repetição imprime um movimento, da mesma maneira como a punição de Sísifo requer uma movimentação entre o sopé e o cume da escarpa. Assim, há espaço para mudanças e transformações, o que marca o caráter dinâmico do psiquismo, que diz a respeito do conflito entre forças psíquicas, mais especificamente, entre a dualidade pulsional que está diretamente relacionada à compulsão à repetição.

Esse caráter dinâmico evidencia a luta constante existente no psiquismo, motivada por forças que, além de serem diferentes entre si, são constantes, como pode ser percebido no inconsciente, que sempre luta por fazer o caminho rumo à consciência, gerando uma necessidade de constante bloqueio. No que tange à compulsão à repetição, as forças exercidas pela dualidade pulsional evidenciam tendências contrárias, que se resumem a repetir eternamente ou avançar para a ligação.

4. 3. TERCEIRO MOMENTO: redenção e ligação psíquica

Considerando a promessa de Hades a Sísifo, que afirmava que o herói ficaria livre de seu castigo caso conseguisse fazer a pedra cair do outro lado da escarpa (GREENE; SHARMAN-BURKE, 1999/2001), chegar a esse local significaria para Sísifo a sua liberdade e o fim da repetição constante, que lhe causava tanto cansaço e fadiga (HOMERO, *Odisseia*).

No contexto da mitologia grega a transgressão e as manifestações da *hýbris* levam à punição, mas também à redenção. Segundo Leite (2010)

A transgressão do herói é, pois, um movimento típico do sagrado. A transgressão, com toda a impureza que ela suscita, vai ativar a sensação do erro, e esta, por sua vez, motiva a necessidade de catarse e de redenção. O cerne da experiência do sagrado, em todas as religiões, se baseia neste movimento de transgressão, reparação, redenção (p. 10).

Desta forma, a transgressão se mostra como algo necessário dentro da história do herói, que o glorifica ainda mais e permite a redenção. É somente com a reparação, que se torna possível restaurar a ordem das coisas que foi alterada pelas transgressões do herói, de maneira que ela funciona como se fosse uma compensação. Nessa lógica, no caso de Sísifo, teríamos que cumprindo a sua punição, que envolve um trabalho penoso, ele seria transformado de transgressor punido a herói redimido, havendo uma mudança de estado ou de qualificação, embora essa modificação não tenha sido relatada no mito, podendo apenas ser inferida a partir das

afirmações de Greene e Sharman-Burke (1999/2001), acerca da promessa de Hades.

Precisamos ressaltar que estamos fazendo uma suposição, ou construção, fundamentada naquilo que o mito nos oferece. À vista disso, este terceiro momento do mito, por nós proposto, funciona como uma possibilidade de fim para Sísifo, apesar de não ter se concretizado no mito. Por isso, trata-se de algo hipotético e apenas presumível, assim como é a ligação psíquica no contexto da compulsão à repetição.

Se refletirmos sobre o que representa metaforicamente o outro lado da escarpa na dinâmica da compulsão à repetição, chegamos a aquilo que livra o sujeito do sofrimento e do desprazer de se repetir compulsivamente, o que se traduz no alcance do que é necessário para que a pare, ou seja, a ligação psíquica dos conteúdos desligados. Isso se deve à razão de que apenas com ela o material excessivo ganha um ordenamento e direcionamento pelo Ego, passando a ser estruturado e não mais caótico, trazendo a restauração da ordem e do equilíbrio também no campo psíquico.

Entretanto, apesar de ser possível elucubrar a possibilidade de Sísifo levar a pedra para o outro lado da montanha, o destino na mitologia grega é fatídico e não pode ser mudado. Por isso, não existem possibilidades reais do herói alcançar esta meta. Ele está realmente preso à punição que lhe foi atribuída, deverá carregar eternamente a pedra, de maneira que continuará a fazer o mesmo sempre. Por este motivo, podemos notar na punição de Sísifo um movimento constante, que não sai de seu risco original, pois nunca é alterada, trata-se de um eterno refazer que não visa mudanças ou reconstruções.

Este modelo de funcionamento também é encontrado na compulsão à repetição, visto que nela não se repete almejando algum objetivo, alguma mudança de direção, de ação ou de caminho. Não existe um intuito relacionado à ligação psíquica, trata-se apenas de um movimento sem fim de apresentar e reapresentar conteúdos desligados ou recalçados excessivos, impulsionado pelo aspecto compulsivo e pulsional. Assim, caso não ocorram interferências externas, sua atividade repetitiva nunca terá fim, o que implica na confirmação da compulsão à repetição e da ligação psíquica como fenômenos distintos, que não possuem relação de dependência ou constância, mas sim de ocasionalidade.

4. 4. Um cenário mais otimista, porém incerto

Apesar de não ser possível para Sísifo levar a pedra até o outro lado da escarpa, esta chance existe para os sujeitos. Segundo Freud (1914/2010a), “em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo um expediente para lidar com excitações que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico” (p.30). Portanto, os sujeitos podem alterar e reconstruir seus destinos e vivências. É legítima a possibilidade de lidar com aquilo que um dia aconteceu e com as excitações que atingem o aparelho psíquico dando novas significações, mesmo que tenham sido desprazerosos e tenham causado sofrimentos. É neste ponto que a ligação psíquica tem a sua maior importância, visto que é apenas após este enlaçamento do material desligado, tarefa que é realizada pelo Ego, que se torna possível dar uma destinação mais satisfatória e benéfica ao material.

Visto isto, podemos afirmar que é possível a analogia entre o mito de Sísifo e a compulsão à repetição naquele momento em que se repete compulsivamente, sem apresentar mudança alguma e sem alcançar o outro lado da montanha, ou seja, quando não se tem a transformação do estado desligado para o estado ligado. Porém, quando consideramos o psiquismo como um todo, entendendo que ele é múltiplo e diversificado, notamos que muitos processos diferentes entre si podem ocorrer ao mesmo tempo, e não apenas este mecanismo isoladamente. Com isso, percebemos que esta analogia não se torna tão perfeita assim, pois, outros mecanismos podem também entrar em ação, impondo mudanças e colocando um fim na repetição compulsiva.

Essa constatação reforça a afirmação de Migliavacca (2002) de que os mitos oferecem apenas modelos do humano. Isso implica em não haver uma total equivalência entre o fenômeno ou mecanismo psíquico e o mito, pois ele não foi construído para descrever qualquer mecanismo ou para dizer sobre um sujeito que apresentava compulsão à repetição. Da mesma forma, no mito de Édipo podemos destacar diversas outras ocorrências, para além do modelo de complexo de Édipo percebido por Freud.

Os modelos representativos do humano que são passíveis de serem encontrados nos mitos não são dados de maneira pronta ou transparente. Eles são percebidos por alguém, como que numa interação entre o sujeito – com suas particularidades, subjetividade, vivências e conhecimentos anteriores – e o mito. Por conseguinte, trata-se de uma construção.

Desse modo, poderíamos afirmar que, no momento da compulsão à repetição em si, o sujeito se vê preso numa reapresentação compulsiva do mesmo, assim como Sísifo ficou preso à sua tarefa. Mas, a partir do instante em que outros mecanismos, como a ligação entram em cena, se tem uma mudança no cenário que, se obtiver sucesso, liberta o sujeito desta prisão repetitiva, o que nunca será possível para Sísifo. Destarte, a ligação se mostra como o caminho que possibilita a evolução, o passo a frente e a simbolização.

Todavia, como estes dois mecanismos não possuem uma relação direta, existem casos em que a ligação simplesmente não ocorre, apesar de o conteúdo ser apresentado e reapresentado inúmeras vezes, compulsivamente. Diante disto, nos perguntamos: o que acontece quando não é possível ligar, quando a ligação não acontece de forma alguma? O sujeito continua a repetir o conteúdo, numa repetição sem fim, seguindo o modelo proposto pelo mito de Sísifo de uma repetição que é eterna?

Para responder a estas perguntas podemos recorrer novamente ao mito que estamos abordando, em razão de parecer que se trata, aqui também, de algo impeditivo, nos mesmos moldes da punição de Sísifo, que impede, justamente, a realização da ligação. Mas o que poderia ser este algo? Bem, como a ligação psíquica é realizada pelo Ego, se ela não ocorre apesar de o conteúdo desligado estar sendo reapresentado diversas vezes, ou seja, estar dando diversas chances para que a ligação ocorra, a dificuldade pode se encontrar em alguma fragilização do Ego, no sentido de ele não possuir os recursos necessários para promover a ligação.

Freud (1940/1996w) nos diz que “a pré-condição necessária aos estados patológicos [...] só pode ser um enfra-

quecimento relativo ou absoluto do ego, que torna impossível a realização de suas tarefas” (p. 185), indicando que a situação atual do Ego é variável e que ele pode se encontrar mais enfraquecido e conseqüentemente suscetível, o que dificulta a sua organização e manutenção de suas atividades.

As condições subjetivas e objetivas dos sujeitos são determinantes para a constituição psíquica. Fragilidades no âmbito objetivo podem dificultar uma constituição subjetiva consistente, havendo a falta de recursos que ajudem no enfrentamento das realidades que a eles se impõe. Assim como uma pessoa sem recursos e oportunidades pode sofrer restrições no âmbito de social, cultural, educacional, ter diminuída suas oportunidades de trabalho, entre outros fatores; uma pessoa com um psiquismo mais fragilizado pode possuir dificuldades também em criar novas possibilidades de subjetivação, pois não possui os recursos egóicos necessários para lidar com aquilo que se encontra desligado ou não simbolizado, se deparando com dificuldades, por exemplo, em metabolizar traumas psíquicos que tenha sofrido.

O tema fragilidade egóica pode ser associado à fragilidade do bebê, que ainda se encontra em um momento de construção de seu psiquismo e que, por isso, não possui os meios e recursos necessários para fazer o manejo de todas as excitações que o atingem, assim como das exigências concorrentes advindas do Id e da realidade. Estes são seus dois senhores, neste momento, visto que o Superego é uma formação mais tardia de acordo com Freud (1923/2011a), mas que, da mesma forma, trará suas exigências posteriormente.

Pensando nesta ausência de um Ego forte, capaz de controlar e gerenciar as excitações que chegam até o bebê,

podemos nos aproximar também da experiência de desamparo, que está relacionada, na teoria psicanalítica freudiana, à debilidade do bebê em lidar com o excesso de estímulos. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), o desamparo, ou o estado de desamparo corresponde a um “[...] estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna” (p.112). Já para o adulto este estado de desamparo corresponderia, segundo os autores acima citados, ao “[...] protótipo da situação traumática geradora de angústia” (p.112), também por causa do aumento de tensão e da dificuldade de lidar com elas.

Por estes motivos podem ser criados caminhos insuficientes e mancos para suportar o que a vida impõe, pois, apesar de serem insuficientes, permitem que se continue a viver minimamente. Um desses caminhos mancos que o psiquismo pode encontrar para lidar com aquilo que ele não suporta é a repetição compulsiva, porque ela é acionada diante da presença de conteúdos desligados ou reprimidos excessivos que não podem ser metabolizados de outra forma mais sofisticada ou saudável pelo psiquismo.

Desta maneira, apesar de a compulsão à repetição ser um mecanismo inerente ao funcionamento psíquico, ela pode ser entendida como uma maneira mais precária de se lidar com este conteúdo. Inclusive, possui chances de ser prejudicial em alguns casos, chegando ao ponto de corresponder a uma patologia, dado que pode reiterar um desprazer, causando sofrimento. Diante disso, se faz necessário algum trabalho, no sentido de dar os elementos que este Ego precisa, fortalecendo-o, para depois cogitar a realização da ligação.

Outra resposta que pode ser dada a esta pergunta acerca da dificuldade em se realizar a ligação psíquica diz respeito da própria excessividade da excitação que toma conta do psiquismo, como no modelo do trauma. Nesta perspectiva, seria a intensidade ou a quantidade do excesso que determinariam o nível de dificuldade de se superar essa compulsão, visto que, na sua segunda tópica, Freud enfatiza o aspecto econômico do psiquismo.

Segundo Freud (1940/1996w), uma intensidade excessiva da pulsão “[...] pode prejudicar o ego de maneira semelhante a um ‘estímulo’ excessivo proveniente do mundo externo. É verdade que aquela intensidade não pode destruí-lo, mas pode destruir a sua organização dinâmica característica e transformar o ego, novamente, numa parte do id” (p. 211), levando a um recolhimento narcísico, no sentido de um movimento regressivo que busca uma recomposição deste Ego. Então, se retira “[...] de cena a sexualidade, ficando em primeiro plano a retirada do investimento dos objetos e a volta sobre o Eu” (CARVALHO, 2012, p. 493), porque o Ego precisa desta energia para poder investir no desligado, tentando ligá-lo.

O trauma causa, segundo Cidade e Zorning (2016), consequências dolorosas e dessubjetivantes, pois a vivência traumática não possui um sentido em si. Ela desestabiliza momentaneamente as construções psíquicas e pode até mesmo causar, de acordo com os autores supracitados, “[...] um efeito paralisante dos processos de simbolização, impedindo mudanças na vida do sujeito. Um evento traumático pode vir a dificultar as possibilidades de construir narrativas acerca do ocorrido e de si, desafiando sua memória e possibilidades de elaboração psíquica” (p. 30).

Os casos em que há essa dificuldade em se fazer a ligação refletem, portanto, a interação entre duas variáveis: a) o nível de fragilidade do Ego; e b) o nível de excessividade do estímulo. Sendo que, quando isoladas, estas variáveis não possuem relações diretamente proporcionais com a duração da compulsão à repetição ou com as probabilidades de a ligação ocorrer. Isto apenas se apresenta quando se considera a interação entre ambas.

Para que esta afirmação fique mais completa não podemos nos esquecer da constante influência da dualidade pulsional sobre qualquer fenômeno psíquico, a qual poderíamos resumir no nível de fusão ou desfusão da pulsão de vida com a pulsão de morte, o que interfere na inclinação para a ligação ou para o desligamento. Isto implica na adição de mais uma variável àquelas que recém apresentamos.

Ponderando estas hipóteses podemos perceber que encontramos nelas a presença tanto de aspectos quantitativos, quanto qualitativos. Os primeiros ficam claros na preocupação com o nível de excessividade, sendo que a necessidade de considerá-los, quando se investiga sobre o funcionamento psíquico, é confirmada por Freud (1937/1996u; 1940/1996w) ao ressaltar a relação desse fator quantitativo com a causação das doenças e com o fracasso de gerenciamento do Ego. Assim, evidencia-se que “[...] o resultado final depende sempre da força relativa dos agentes psíquicos que estão lutando entre si” (FREUD, 1937/1996u, p. 242), mesmo quando se tem a intervenção analítica.

Já o aspecto qualitativo diz a respeito da existência de características distintivas, particulares e inatas em cada Ego, o que considera que “[...] cada ego está dotado, desde o início, com disposições e tendências individuais, embora seja ver-

dade que não podemos especificar sua natureza ou o que as determine” (FREUD, 1937/1996u, p. 254). Estas características individuais, que podem ser herdadas ou adquiridas, são advindas de experiências acidentais que vão se agregando com o passar dos anos e aos poucos diferenciam cada pessoa, tornando específicas suas formas de lidar com aquilo que a arrebata.

No fim, é a interação entre estes dois aspectos que dirão como se dará o lidar com o excessivo e qual, ou quando, será o fim da compulsão à repetição. Nas palavras de Freud (1940/1996w) “[...] as impressões e experiências externas [e internas] podem fazer exigências de intensidade diferentes a pessoas diferentes e aquilo que é passível de ser manejado pela constituição de uma pessoa pode ser uma tarefa impossível para a de outra”. (p. 195). Diante disso, é relevante que consideremos todas as especificidades de cada psiquismo, sejam elas econômicas, tópicas ou dinâmicas.

4. 4. 1. Ambivalências

Partindo da premissa da condição de herói de Sísifo podemos visualizar uma dualidade e duplicidade que o envolvem, pois, como afirma Brandão (1986/1995), o herói é um ser tanto benfeitor e cheio de glórias quanto monstruoso, violento e maléfico. Ele pode cometer inúmeros delitos e ainda assim ser um bom rei ou fazer grandes feitos que beneficiam toda a *pólis*.

Sísifo, conta-nos Guberman (2015), foi um bom rei para a cidade de Corinto, conseguiu para esta uma fonte de água, chamada Pirene, cuidava dos gados e quando de sua

morte foi enterrado, segundo Graves (1955/1985), como um amuleto de proteção na cidade. O que indica um lado positivo e benfeitor do herói. Entretanto, os autores acima citados também contam sobre outro lado seu, opostamente diferente. Sísifo cometeu diversos assassinatos, era solerte e embusteiro, foi infiel e deflorou um jovem, traiu Zeus, trancafiou a morte e ousou enganá-la, dentre outros feitos, indicando um constante movimento cambiante.

Diante desta dualidade inerente à figura do herói ressaltamos a sua proximidade com as noções psicanalíticas de ambivalência e de dualidade pulsional, ambas noções que remetem a um conflito que envolve dois elementos diversos e contraditórios entre si.

A ambivalência versa sobre uma “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2001, p. 17), retratando uma dupla forma de se relacionar com o objeto, que se dá ao mesmo tempo. Ela está calcada na própria teoria freudiana da dualidade pulsional, que propõe um constante embate entre duas forças diversas entre si, que seriam na primeira teoria pulsional o embate entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, e na segunda teoria pulsional, a luta entre pulsão de vida e pulsão de morte, estando o amor atrelado a primeira e o ódio à segunda. Desta maneira, o grau de ambivalência está diretamente relacionado ao nível de fusão e defusão das pulsões, o que afeta, igualmente, a dinâmica da compulsão à repetição.

Para além da oscilação em relação às atitudes e ações do herói, é perceptível nele movimentos cambiantes do que diz respeito a sua relação com a vida, pois é notável

a luta do herói pela vida, sua insistência em fazer coisas e se adaptar, superando as dificuldades que surgem em seu caminho, como nos casos em que enganou a morte. Isso nos leva a pensar na ação da pulsão de vida, descrita, por Freud (1920/2010e; 1923/2011a; 1933/1996r) como aquela que promove ligações, que coloca inúmeros obstáculos para que a vida não siga seu caminho direto para a morte, que seria o caminho percorrido caso apenas existisse a pulsão de morte.

Por outro lado, os relatos de que Sísifo cometia vários atos agressivos e violentos nos remetem às destinações possíveis da pulsão de morte fora do indivíduo, nas quais a violência e a destruição se sobressaem (FREUD, 1924/2011b). Essa percepção de ambas as pulsões nos modelos de comportamento trazidos pelo mito de Sísifo evidenciam a habilidade dos mitos gregos em abordar o humano em sua completude, sem preferências ou inclinações. Além disso, nos faz refletir sobre a importância de considerarmos as ações de ambas as pulsões na dinâmica da compulsão à repetição, como sendo duas forças responsáveis por manter o curso psíquico.

4. 4. 2. Finalidade e compulsão à repetição

Ao cumprir sua punição Sísifo faz visível o fato de que os mortais são diferentes dos deuses, que eles não devem tentar se igualar a esses últimos, e que caso o tentem, serão punidos. Por este motivo, o cumprimento de sua tarefa ou trabalho não é inútil, como afirmaram Camus (1942/2007) e Salis (2003/2011), pelo contrário, ele funciona como uma forma de Sísifo se redimir pelo que fez e de restaurar a ordem das coisas.

Podemos transpor esta ideia de que para que haja uma transformação seja preciso antes passar por um caminho de reparação, ou ainda, que é preciso um trabalho para que se tenha a transformação, para a dinâmica da compulsão à repetição, porque ao considerarmos a constante repetição como um todo, ao invés de analisar cada repetição em si, perceberemos que este movimento produz possibilidades de o conteúdo desligado ser ligado pelo Ego, mesmo que este não seja seu propósito e que isso ocorra ocasionalmente. Temos desta forma a constatação de que a compulsão à repetição se configura, igualmente, como um trabalho penoso que permite, por vezes, que ocorra certa mudança ou transformação de estado.

Notadamente, essa afirmação pode provocar o entendimento de que existe alguma finalidade na compulsão à repetição, porém, como já abordamos, a repetição compulsiva em si não possui outro fim que não seja o de repetir e trazer o mesmo infinitas vezes, podendo ser destrutiva e comparada ao demoníaco por causa disso. O que podemos reconhecer é que pode existir alguma utilidade ocasional na sua ação, não sendo uma característica intrínseca.

Outra possibilidade seria considerar que a compulsão à repetição é útil quando se ocupa de conteúdos prazerosos, porém, para o mecanismo da compulsão à repetição é indiferente se o conteúdo com que ela está se ocupando é prazeroso ou não para o sujeito, visto que ela desconsidera as regras impostas pelo princípio do prazer (FREUD, 1920/2010e). Portanto, mesmo nos casos em que o prazeroso é repetido compulsivamente, não podemos estabelecer que o seu objetivo fosse produzir prazer. Além do mais, nos questionamos: será que algo que é apresentado infinitas ve-

zes de forma compulsiva e que retira o controle do sujeito pode continuar a ser prazeroso?

Parece-nos que existem grandes chances de a resposta a essa pergunta ser negativa, dado que, como nos diz Freud (1920/2010e), o adulto aprecia a novidade ao invés da rerepresentação do mesmo, como nos casos das piadas, que são engraçadas apenas quando ouvidas pela primeira vez. Ademais, a repetição constante do mesmo pode produzir alguns prejuízos para os sujeitos, como, por exemplo, nas drogas, onde o prazer promovido pelas drogas lícitas ou ilícitas leva a um uso compulsivo e vicioso de alguma substância que pode trazer prejuízos diversos, tanto no campo da saúde, familiar, laboral, social, entre outros.

4. 4. 3. A psicanálise clínica

Diante do sofrimento e desprazer que são geralmente gerados pela compulsão à repetição, é relevante refletir sobre o que impede que ela continue a fazer seu trabalho potencialmente destrutivo. O que se torna ainda mais crucial se considerarmos a premissa de que existem casos em que a ligação psíquica não ocorre, apesar da constante rerepresentação do conteúdo desligado promovida pela compulsão à repetição, nos levando a ponderar formas de auxiliar e viabilizar a sua realização.

A psicanálise clínica, em poder de seu método e conhecimento teórico, se mostra como uma das possíveis vias de auxiliar o sujeito a lidar com a história de vida e com o passado. Isso pode vir a ocorrer ao mudar sua significação ou, simplesmente, ao descobri-lo e resgata-lo através do seu

intuito de promover a transformação daquilo que se encontra inconsciente e desconhecido.

Ao contar sua história na análise o paciente revive-a juntamente do analista, podendo dar novos sentidos àquilo que já viveu, de maneira que o próprio relacionamento do paciente com a sua história é alterado, pois “a partir dessa reconstituição o analisando pode se responsabilizar por suas escolhas e desejos, apropriando-se da sua vida, tornando-se dono de sua ‘história’. Assim, a aventura psicanalítica convoca o sujeito a assumir suas particularidades para si mesmo” (VERSIANI, 2008, p. 38).

Dessa forma, se supõe que transformações podem ser operadas através da eficácia terapêutica da palavra num ambiente seguro promovido pela transferência. Mesmo que o quadro da compulsão à repetição não diga a respeito de um conflito entre os desejos e tendências inconscientes com os preceitos da realidade ou com os mandos do Superego, acreditamos que a psicanálise clínica pode colaborar com o tratamento desta compulsão ao identificá-la, trazendo luz sobre os conteúdos repetidos, que normalmente se comportam como forasteiros enigmáticos que se encontram sempre na penumbra.

Apesar de o conteúdo repetido na dinâmica da compulsão à repetição ser desconhecido, ele é apresentado de forma inconsciente inúmeras vezes pelo sujeito, podendo passar a fazer parte daquilo que o caracteriza. Assim, ocorre da mesma forma que nos casos em que Freud (1920/2010e) intitulou de repetição de destino, nos quais os sujeitos possuem um padrão nítido de relacionamento com os objetos, que acabam se tornando característicos deles.

No contexto do mito de Sísifo também percebemos que a repetição se tornou a característica mais destacada, visto que este herói é lembrado como um dos que recebeu castigos exemplares, juntamente com Prometeu, Tântalo e Tício, e sua punição foi relatada em obras clássicas, como as de Aristóteles (*Poética*), Camões (1595/n.d), Higinio (*Fábulas*) e Homero (*Ilíada; Odisséia*), em livros de mitologia e em outros diversos estudos.

Assim, ele passou a ser caracterizado e definido por sua punição, que é confirmada a cada vez que repete seu caminho com a pedra. Por esta razão, podemos afirmar que a sua punição se transformou na sua verdade (*alétheia*) e que o herói ficou preso à repetição dela, o que nos remete à situação delineada na compulsão à repetição.

A verdade pode ser desprazerosa, terrível e traumática. Lembremos-nos de Édipo, o qual descobriu que matou o pai e desposou a própria mãe. Entretanto, é o seu desnudamento, ou seja, a descoberta da origem do sofrimento do sujeito, o que permite que se lide com ele, que ligações psíquicas sejam feitas. Nesse sentido, o conhecimento da causa do sofrimento, ou seja, do conteúdo que é repetido compulsivamente, se mostra como a solução, ao passo que o desconhecimento se apresenta como uma das razões do constante retorno.

Um dos elementos que podem colaborar com a identificação da compulsão à repetição é o próprio sofrimento do paciente, que por ser algo de ordem alteritária, envolve o outro, seja através do apelo ou do endereçamento de demandas (BIRMAN, 2012). Assim, ele se torna percebido pelo outro e pode ser relatado para o sujeito. Quando o terapeuta se encontra nessa posição do outro, se transforma

numa ferramenta de transferência e contratransferências, que permite a manifestação da compulsão à repetição num ambiente controlado, onde poderá ser identificada, relatada e manejada. Assim, abrem-se chances para que se coloque um fim à paralisia causada pela compulsão à repetição, que represa o sujeito ao mesmo.

A descoberta na análise de que uma repetição compulsiva está ocorrendo auxilia até mesmo no fortalecimento egóico, porque, de acordo com Freud (1940/1996w), a diminuição da ignorância do paciente acerca de si mesmo permite que o Ego domine aquilo que se encontrava fora de sua alçada, o que permitirá que ele aja sobre os conteúdos desligados. Nesta perspectiva “a missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego” (FREUD, 1937/1996u, p. 263).

Podemos considerar que as construções feitas em análises pelos psicanalistas – que se destinam a realização de reconstituições daquilo que ainda se encontra ininteligível para o paciente – e a interpretação, enquanto ferramentas de trabalho disponíveis, podem ser utilizadas para revelar ao sujeito a existência de repetições compulsivas de um mesmo padrão ou conteúdo. Entretanto, o efetivo sucesso dessas ferramentas depende da maneira como são aplicadas na prática do consultório.

A interpretação não pode ser feita de maneira selvagem. Pelo contrário, seu conteúdo precisa já estar fazendo parte do imaginário do sujeito, já estar sendo trabalhada por ele. Por esta razão, se faz necessário um trabalho minucioso do psicanalista, no sentido de não se apressar ou despejar mais informações do que o suportável e metabolizável pelo sujeito num determinado momento. Freud (1940/1996w)

salienta que é importante fazer uma distinção entre o nosso conhecimento, enquanto psicanalista, e o conhecimento do paciente, de maneira que o autor aconselha que se evite

[...] dizer-lhe imediatamente coisas que muitas vezes descobrimos num primeiro estágio, e evitamos dizer-lhe a totalidade do que achamos que descobrimos. Refletirmos cuidadosamente a respeito de quando lhe comunicaremos o conhecimento de uma de nossas construções e esperamos pelo que nos pareça ser o momento apropriado – o que nem sempre é fácil de decidir. Via de regra, adiamos falar-lhe de uma construção ou explicação até que ele próprio tenha chegado tão perto dela que só reste um único passo a ser dado, embora esse passo seja, de fato, a síntese decisiva. Se procedemos doutra maneira e o esmagamos com nossas interpretações antes que esteja preparado para elas, nossa informação ou não produziria efeito algum ou, então, provocaria uma violenta irrupção da *resistência* que tornaria o avanço de nosso trabalho mais difícil ou poderia mesmo ameaçar interrompê-lo por completo (FREUD, 1940/1996w, p. 189-190, grifo do autor).

Apenas após este longo e cuidadoso processo o conhecimento acerca do paciente pode ser compartilhado. Neste sentido, o trabalho do terapeuta se assemelha a alguns trabalhos pequenos e simples do dia-a-dia, como consertar uma roupa ou fazer trabalhos artesanais, que podem parecer inúteis ou simplórios, mas possuem a potencialidade de serem muito proveitosos e recompensadores. A razão disso é que quando se faz algo minuciosamente, se consegue tirar maior proveito e refletir sobre o que está fazendo, da mesma maneira que uma resposta ou um entendimento acerca de si mesmo faz muito mais sentido quando é alcan-

çado através de uma luta e de um trabalho interno, do que quando chega pela voz de algum outro, de forma pronta, acabada e repentina.

Mesmo com o auxílio da psicoterapia a ligação total, que corresponderia à ligação de todo o material desligado presente no psiquismo – o que garantiria a ausência de necessidade de se repetir compulsivamente – se mostra como algo impossível. As causas disso estão atreladas tanto às intempéries do próprio tratamento psicanalítico, quanto à constante chegada ao psiquismo de novos conteúdos desligados, advindos de seu interior ou do exterior.

Desta forma, podemos afirmar que o Ego faz um constante trabalho paliativo e interminável, assim como parecem haver limites para a ligação. Com isso, as implicações geradas são as de ela não poder trazer para o domínio do Ego e do ordenamento tudo aquilo que atinge o psiquismo, da mesma forma como parece haver um constante embate entre a possibilidade e a impossibilidade de ligação.

Ao falarmos de ligação total, então, estamos falando de um objetivo inalcançável, o que remete às tentativas de Sísifo de levar a pedra para o outro lado da escarpa. Bem como, nos aponta para as idealizações frequentes em nossas relações com objetos e ao ideal do Ego, aquela instância psíquica formada pela “[...] convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982/2011, p. 222), que se coloca como um modelo a ser seguido, com o qual o sujeito procura conformar-se.

Essas buscas estão fadadas ao insucesso porque os alvos almejados não se configuram como possíveis. A con-

formação ao ideal do Ego geralmente fracassa, uma vez que ele visa à preciosa perfeição narcísica que foi ostentada na infância (FREUD, 1914/2010a), mas que dificilmente será readquirida diante das novas exigências inerentes a realidade exterior, à atual idade e às novas relações com objetos, que são igualmente falhos e incapazes de restituir aquele padrão de perfeição vivenciado no narcisismo primário. Da mesma maneira, o outro lado da escharpa não existe como uma possibilidade, ela subsiste apenas como idealização ou promessa, que dá um norte para Sísifo, trazendo um sentido para sua tarefa repetitiva infundável.

Nessa perspectiva, é preciso se conformar com a castração inerente ao desenvolvimento humano e se contentar com as parcialidades possíveis, havendo um desencantamento necessário para que se usufrua mais facilmente da vida. Concomitantemente, o conhecimento sobre si e sobre aquilo que nos aflige desponta como essencial, mesmo quando se trata de algo destrutivo, como observamos ao estudar a compulsão à repetição. O conhecimento acerca de si permite mudanças e transformações de cada um consigo mesmo ou em relação a seus conteúdos mentais, no sentido de que o sujeito não ficará mais à mercê do desconhecido e enigmático que pode irromper através de repetições compulsivas.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido nessa dissertação permitiu que conhecessemos o desenvolvimento do conceito de compulsão à repetição na obra freudiana, assim como a forma como ele foi abordado em diversos textos do autor. Com isso, percebemos que o conceito é abordado de diferentes formas se compararmos os textos entre si, sendo que as maiores divergências são encontradas quando comparamos os escritos anteriores e posteriores ao texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010e). A introdução da noção de além do princípio do prazer aumentou notavelmente a extensão do conceito, o mesmo passou a abranger tanto as repetições compulsivas atreladas ao prazer quanto aquelas que não o vislumbram. Assim, foi trazido para a discussão aquilo que era visto como incompreensível e obscuro.

Em seguida, analisamos a existência de visões desconectadas na literatura atual sobre o tema, uma vez que a compulsão à repetição foi abordada por alguns autores atuais como apoiada no conceito de pulsão de morte, já por outros no de dualidade pulsional, e ainda constatamos a presença de leituras que destacaram outros elementos conceituais. Essa pluralidade de visões indicou que existe a possibilidade de diversas leituras do texto freudiano, principalmente quando se desconsidera as menções feitas acerca deste conceito na obra do autor como um todo, formador de um conjunto, para se ponderar uma definição mais completa. Diante disso, pudemos inferir a existência de dificuldades na definição do conceito, que refletem à própria construção do corpo teóri-

co psicanalítico, que compreende mutações e imprecisões, abrindo espaços para compreensões diversas.

Destarte destas disparidades, ao analisar a compulsão à repetição na obra freudiana, chegamos à compreensão de que se trata de um mecanismo mais drástico, que é colocado em ação pela presença do excessivo no psiquismo, quer dizer, daquilo que é nocivo devido ao seu descomedimento, mas que precisa ser tratado de alguma forma. Essas considerações nos levam à assertiva de que os sujeitos não sofrem apenas devido àquilo que um dia já foi recalçado, há também o sofrimento causado pelo que não se consegue lidar, ou mesmo inscrever no psiquismo de forma mais organizada.

O pressuposto básico de nossa dissertação foi o de que os mitos são uma forma de explicação e compreensão do mundo, de maneira que fornecem modelos que ilustram comportamentos, sentimentos fantasias humanas. A partir disso, compreendemos que o mito de Sísifo, em particular, apresenta certas peculiaridades que lhe imprimem o potencial de trazer à tona o tema daquele tipo de repetição inexorável, que parece não ter fim ou saída, se assemelha a um destino fatídico e não exhibe possibilidades de mudança. Assim sendo, o mito de Sísifo pôde se configurar, dentre outras várias possibilidades inerentes à riqueza mitológica, como um modelo para a compreensão da compulsão à repetição descrita por Freud.

Isto posto, estabelecemos algumas analogias entre o conceito e o mito, que se pautaram, resumidamente, na abstração de três momentos convergentes. No mito de Sísifo identificamos um primeiro momento, no qual o herói durante sua vida no mundo dos mortais fez seus feitos e come-

teu transgressões, ultrapassando o *métron*. Um segundo, que diz da sua punição propriamente, no qual é condenado a repetir a tarefa de levar a pedra até o cume da montanha e voltar, repetidas e infinitas vezes, tentando levá-la para o outro lado. E por fim, o terceiro momento que supomos a partir do mito, seria aquele em que o herói conseguiria levar a pedra para o outro lado da escarpa, se livrando de sua condenação. Entretanto, este momento nunca aconteceria, pois a condenação do herói é eterna e implacável, assim como seu destino, de forma que os esforços do herói se mostraram sempre em vão.

Na essência destes momentos do mito localizamos, no primeiro, aquilo que leva à punição; no segundo, a punição em ação, ou seja, a repetição constante, inexorável e coercitiva; e no terceiro, a ideia de uma possível expiação, que se traduziria numa transformação de estado, de culpado e punido para expiado e redimido, o que colocaria um fim no movimento repetitivo protagonizado pelo herói. Assim, encontramos no mito uma dinâmica que consiste em ocasionar a punição, ser punido, e ser expiado. Mas, considerando que esta punição constitui-se em uma repetição, podemos reescrever seu movimento de outro modo, que se reduz em: motivar a repetição, repetir constantemente e parar a repetição.

Desta forma, se apresentaram semelhanças com a dinâmica da compulsão à repetição, visto que pudemos evidenciar três momentos na sua dinâmica psíquica: um inicial, que representa o contato do psiquismo com o que provoca a repetição compulsiva; um segundo que diz da compulsão à repetição em ação; e um terceiro atrelado ao seu fim, advindo da possibilidade de ligação psíquica.

Ressalvamos, no entanto, que nesta discussão não afirmamos que o mecanismo da compulsão à repetição em si é composto por três momentos diferentes, provocando uma divisão no próprio fenômeno, mas que a dinâmica que o envolve pode ser descrita desta forma. A compulsão à repetição possui apenas um tempo, que é o da repetição insistente do desligado ou do reprimido excessivo; mas o que se tem um antes, que diz sobre o que leva a ela, e se tem um depois, visto que a partir do momento em que o conteúdo se torna ligado ela chega ao fim. Por esta razão, a compulsão à repetição se mostra como sendo o meio, aquilo que acontece durante o período existente entre a transformação do conteúdo desligado em ligado, sendo como que um mecanismo arcaico do qual o psiquismo lança mão quando se encontra em situações extremas.

O modo de funcionamento inerente à compulsão à repetição mostrou-se ser distinto no psiquismo, por não seguir as regras impostas pelo princípio do prazer, nem as suas implicações na realidade, provocando um tumulto e desorganização nos processos que envolve. Assim, relembra os momentos mais primitivos do funcionamento psíquico, que segundo Costa (2010) estão atrelados tanto ao funcionamento psíquico do bebê nos seus primeiros meses de vida, quanto ao do homem pré-histórico característico do início do processo civilizatório. Essa aproximação pode ser feita porque neles se tem uma predominância dos processos primários, do pré-simbolismo, da fragmentação, da falta de integração e do caos, dentre outros aspectos. Um caos que renasce a cada vez que o psiquismo se vê despreparado ou incapaz para lidar com aquilo que a realidade externa ou interna excessiva impõe.

Apesar de poder resultar em sofrimento para os sujeitos e causar restrições, vimos que a compulsão à repetição não se configura como uma punição ou autopunição. Essa dimensão ficou restrita ao mito. Na realidade, a compulsão à repetição esta relacionada a uma movimentação deste caos provocado pelos conteúdos desligados, podendo tanto possibilitar o sucesso do psiquismo em metabolizar o excesso – o que se materializaria na realização da ligação psíquica pelo Ego –, quanto a ausência de domínio sobre si mesmo e a inexistência de modificações.

Assim, evidenciamos um duplo aspecto deste mecanismo psíquico, pois nele coexistem oportunidades de mudanças e transformações, juntamente com chances de estagnação e repetição compulsiva constante do mesmo. Os fatores que influenciam a determinação de qual será o seu resultado são variados, abrangendo aqueles quantitativos, atrelados a excessividade da excitação que toma conta do psiquismo, bem como os qualitativos, englobando os recursos possuídos pelo Ego, que apontam a sua força ou fragilidade.

Portanto, a compulsão à repetição continua a se mostrar como algo curioso, que diz de um fenômeno que perpassa a existência do ser humano. Por isso, caracteriza-se como algo que precisa ser mais investigado, seja para procurar desvendar a sua metapsicologia, no que tange à sua relação com as pulsões, por exemplo, seja para investigar suas manifestações clínicas e possibilidades de enfrentamento.

Acreditamos que as investigações se enriqueceriam caso fossem consideradas as mudanças trazidas pelas subjetivações atuais, visto que, segundo Birman (2012), estamos

assistindo a uma aceleração do sujeito na contemporaneidade, trazida pela marca do excesso. Nas palavras do autor, “[...] pode-se dizer que as individualidades seriam marcadas pelo excesso, que as impele inequivocamente para a ação. Isso porque esta seria a melhor forma para se ver livre daquele e poder então eliminá-lo” (p. 82, grifo do autor), evitando o aumento sufocante da angústia.

Assim, vislumbramos atualmente, cada vez mais, um aumento na dificuldade em simbolizar e um despreparo para lidar com as vicissitudes da vida, apesar de haverem maiores possibilidades de simbolização devido à maior abertura para discussão dos mais variados temas, desejos e sofrimentos tocantes ao ser humano. Segundo Birman (2012), é como se o sujeito ficasse diante de algo que ele não possui meios para dar conta, pois ultrapassa seus limiares, levando-o a um cenário de impotência, que se traduz numa preponderância do desligado, do além do princípio do prazer e de patologias que se expressam no psíquico e, principalmente, no somático, devido a uma incapacidade de se metabolizar o excesso através de vias psíquicas saudáveis. Portanto, parece ser de grande relevância investigar as manifestações da compulsão à repetição na atualidade, considerando até mesmo, a possibilidade de uma exacerbação deste quadro diante do cenário atual.

REFERÊNCIAS

APOLODORO. **Biblioteca**. (M. R. Sepúlveda, Trad.). Madrid: Gredos, 1985.

ARISTÓTELES. Poética. In ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética** (pp. 245-285). (4a ed.). (Coleção os pensadores, Vol. 2). São Paulo, SP: Nova Cultural, 1991.

ASLAN, C. M. Panel: Compulsión a la repetición y pulsión de muerte en la cura. In ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA ARGENTINA. **La cura en psicoanálisis**, p. 149-154. Buenos Aires: APA, 1998.

AZEVEDO, A. M. A. Algumas considerações sobre o tempo. **Jornal de psicanálise**, v. 44, n. 81, p. 67-84, 2011.

AZOUBEL NETO, D. O mito de Sísifo (sobre o desejo de imortalidade). **Revista Tavola Online**. 2004. Disponível em: http://nucleotavola.com.br/revista/2_011/02/04/o-mito-de-sisifo-sobre-o-desejo-de-imortalidade/

BALAGUER, R. C. **Sísifo en España**: doscientos años de banca francesa (C.1800 - C.2000). (Tese de doutorado, Asociación española de historia económica, Madrid), 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2871010>

BARBOSA NETO, E.; ROCHA, Z. Um corpo marcado, lugar secreto das palavras. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 35, n. 1, p. 154-167, 2015.

BARCIELA, A. M. AIÓN, KHRÓNOS, ZEITLICHKEIT. ¿Qué tiempo originario?. **Thémata**, v. 41, p. 224-238, 2009.

BARTUCCI, G. Entre a compulsão à repetição e a repetição transferencial, inscreve-se a pulsão de morte: sobre a distinção entre os conceitos de compulsão à repetição e repetição transferencial. In: BARTUCCI, G. **Fragilidade absoluta**: ensaios sobre psicanálise e contemporaneidade (pp. 189-216). São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2006.

BATISTA, E. (2011). Rosa e Colosanti: dois autores, dois momentos, mas o mesmo caminho mítico. In: **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2, p. 1-14. Uberlândia: EDUFU, 2011.

BERLFEIN, E. José y sus hermanos: Del mito al psicoanálisis. In: CZERNIKOWSKI, E.; GASPARI, R.; Matus, S.; MOSCANA, S (comp.). **Entre Hermanos**: Sentido y efectos del vinculo fraterno (pp. 47-78). Buenos Aires: Lugar, 2003.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega** (Vol. 1). Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. (6a ed., Vol. 3). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Original publicado em 1986).

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. (8a ed., Vol. 2). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. (Original publicado em 1986).

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega** (5a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Original publicado em 1991).

BRUNETTO, A. Claudicar não é pecado. **Intermeio 7**: Revista do Mestrado em Educação da UFMS, v. 4, n. 7, p. 12-19, 1998.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula)**: histórias de deuses e heróis (26a ed.). (D. J. Júnior, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2002. (Original publicado em 1855).

CAIMI, C. A natureza fluante da mimese em Platão. **Clássica**, v. 15/16, n. 15/16, p. 99-115, 2002.

CAMÕES, L. V. **Canções e elegias**. [Versão digital], n. d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000161.pdf>. (Original publicado em 1595).

CAMPOS, D. O. **A compulsão à repetição e o sentimento de culpa**. (Dissertação de mestrado, Pós-graduação em psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 2009.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo** (4a ed.). (A. Roitman e P. Watch, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007. (Original publicado em 1942).

CANTE, F. Los limites sociales de la seguridad democrática. **Cuadernos de Economía**, v. 39, p. 204-214, 2003.

CÁRDENAS, G. H. C. (2009). El bicentenario y la reforma del sector público em México. Los afanes de Sísifo. **Convergencia**: Revista de Ciências Sociales, v. 49, p. 347-371.

CARVALHO, M. T. M. Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 3, p. 487-497, 2012.

CECCAGNO, D. **Mito e absurdo no moderno drama francês e em Nelson Rodrigues** (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Ca-

tólica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), 2012. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4249>.

CECCARELLI, P. R. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In: MELO, P. E.; Deusdedit Júnior, M (org.). **Psicologia: diálogos contemporâneos** (pp. 137-146), 2012. Curitiba: CRV.

CIDADE, N. O. P.; ZORNING, A. A-J. Trauma, temporalidade e inscrição psíquica. **Cadernos psicanalíticos**, v. 38, n. 35, p. 29-47, 2016.

CHAIME, M. S. Desarrollo humano, eutopía y viejas palabras. **Culturales**, v. 1, n. 2, p. 112-140, 2005.

COSTA, P. J. **A mente primitiva**: um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), 2010.

CROLLA, A. C. Odiseo - Ulises - Sísifo: "fatti non foste a viver come bruti". **Revista de Culturas y Literaturas Comparadas**, n. 1, p. 136-251, 2007.

CRUZ, G. F. De la culpa ética a la responsabilidad subjetiva: ¿El mito de Sísifo? (Panorámica del concepto y del rol de la culpa en el Derecho Continental y en el Código Civil peruano). **Themis**, v. 50, p. 237-272, 2005.

DOMB, I. C. Reflexionando acerca del concepto de compulsión a la repetición. **Revista Chilena de Psicoanálisis**, v. 28, n. 1, p. 95-103, 2011.

DUJARIER, L. La compulsion de répétition dans l'oeuvre de Freud. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 34, n. 3, p. 359-371, 1970.

EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Histórias de uma antiga relação: uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud. **Revista de Psicologia da UNESP**, 10(1), 24-38, 2011.

FELIPPE, E. F. **A resignação de Sísifo**: tradição, cultura política e história na obra do moderno vetusto Alejo Carpentier (1928-1980) (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), 2013. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30072013-121934/pt-br.php>

FLORIO, R. Integumenta epica: "héroes al revés". **Faventia**, v. 18, n. 2, p. 109-117, 1996.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.

FRANÇA, M. T. B. Contribuição ao estudo da compulsão à repetição: dualidades, demonidades e dimensionalidades. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 4, p. 121-132, 2009.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana (9a ed.). Porto Alegre, RS: L&PM, 2007. (Original publicado em 2003).

FREUD, S. Sra. Emmy Von N. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol 2, pp. 83-137. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996a. (Original publicado em 1895).

FREUD, S. Carta 52 In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol 1, pp. 287-293. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996b. (Original publicado em 1896).

FREUD, S. A psicologia dos processos oníricos [capítulo 7 de A interpretação dos Sonhos]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 5, pp. 539-644. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996c. (Original publicado em 1900).

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol 7, pp. 15-108. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996d. (Original publicado em 1905).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 7, pp. 119-231. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996e. (Original publicado em 1905).

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 9, pp. 133-145. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996f. (Original publicado em 1908).

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol 12, pp. 109-121. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996g. (Original publicado em 1912).

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: **Obras psicológi-**

cas completas de Sigmund Freud: edições standard brasileira. Vol. 12, pp. 173-190. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996h. (Original publicado em 1915).

FREUD, S. O inconsciente. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 14, pp. 165-223. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996i. (Original publicado em 1915).

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 14, pp. 117-145. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996j. (Original publicado em 1915).

FREUD, S. O estranho. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 17, pp. 232-271. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996k. (Original publicado em 1919).

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 18, pp. 243-268. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996l. (Original publicado em 1923).

FREUD, S. Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 19, pp. 125-138. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996m. (Original publicado em 1923).

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 20, pp. 81-173. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996n. (Original publicado em 1926).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 21, pp. 65-152. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996o. (Original publicado em 1930).

FREUD, S. Sexualidade feminina. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 21, pp. 235-257. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996p. (Original publicado em 1931).

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard brasileira. Vol. 22, pp. 13-191. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996q. (Original publicado em 1933).

FREUD, S. Conferência XXXII Ansiedade e Vida Instintual. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edições standard bra-

sileira. Vol. 22, pp. 91-120. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996r. (Original publicado em 1933).

FREUD, S. Conferência XXXIII Feminilidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 22, pp. 121-143. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996s. (Original publicado em 1933).

FREUD, S. Por que a guerra?. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 22, p. 201-220. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996t. (Original publicado em 1933).

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 23, pp. 229-270. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996u. (Original publicado em 1937).

FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo: três ensaios. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 23, pp. 15-144. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996v. (Original publicado em 1939).

FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 23, pp. 151-219. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996w. (Original publicado em 1940).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 1, pp. 341-480. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996y. (Original publicado em 1950).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas**. Vol. 12, pp. 13-50. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010a. (Original publicado em 1914).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. In: **Obras completas**. Vol. 10, pp. 146-158. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010b. (Original publicado em 1914).

FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In: **Obras completas**. Vol. 12, pp. 253-286. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010c. (Original publicado em 1916).

FREUD, S. O inquietante. In: **Obras completas**. Vol. 14, pp. 247-283. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010d. (Original publicado em 1919).

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: **Obras completas**. Vol. 14, pp. 120-178. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010e. (Original publicado em 1920).

FREUD, S. O Eu e o Id. In: **Obras completas**. Vol. 16, pp. 13-74. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011a. (Original publicado em 1923).

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: **Obras completas**. Vol. 16, pp. 184-202. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011b. (Original publicado em 1924).

FREUD, S. Psicanálise. In: **Obras completas**. Vol. 17, pp. 311-321. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014. (Original publicado em 1926).

FUTRE, M. P. (1994). Prece e poesia no Hipólito de Eurípedes. **Hymánitas**, v. 46, p. 63-74.

GAGO, J. F.; YÁÑEZ, J. C. (2014). Cómo se esfuerzan lós alumnos em resolución de problemas matemáticos. **Bolema**, v. 28, n. 48, p. 149-168.

GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa de tipo teórico. **Psicanálise e Universidade**, v. 1, p. 9-32, 1994.

GARCIA-ROZA, L. A. **Sobre as afasias (1891); O projeto de 1895**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004. (Original publicado em 1991).

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2014. (Original publicado em 1986).

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Original publicado em 2005).

GRAVES, R. **Los mitos griegos I**. (L. Echávarri, Trad.). Madrid: Alianza Editorial Madrid, 1985. (Original publicado em 1955).

GREENE, L.; SHARMAN-BURKE, J. **Uma viagem através dos mitos**: o significado dos mitos como um guia para a vida. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2001. (Original publicado em 1999).

GRIMAL, P. **A Mitologia grega**. (C.N. Coutinho, Trad.). São Paulo, SP: Brasiliense, 1982. (Original publicado em 1953).

GUBERMAN, M. B. O mito nos tempos modernos: espaço sagrado para intuir a transcendência. **Logos & Existência**, v. 2, n. 4, p. 111-116, 2015.

GUILLEN, I. C. M. O trabalho de Sísifo: “escravidão por dívida” na indústria extrativa da erva-mate (Mato Grosso, 1890-1945). **Varia História**, v. 23, n. 38, p. 615-636, 2007.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HIGINIO. **Fábulas**. Madrid: Editorial Gredos, 2009.

HOMERO. *Ilíada*. 2009. [Versão digital]. Recuperado de <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>

HOMERO. *Odisseia*. 2009. [Versão digital]. Recuperado de <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>

JOSEPH, B. Um aspecto da compulsão à repetição. In: FELDMAN, M; SPILLIUS, E. B (org.). **Equilíbrio psíquico e mudança psíquica**: artigos selecionados de Betty Joseph, (pp. 30-46). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1992.

KATZ, G. Recordar, repetir e elaborar: uma visão a partir dos procedimentos autocalmantes. **Psicanálise**, v. 11, n. 2, p. 85-95, 2009.

KERNBERG, O. O conceito de pulsão de morte: uma perspectiva clínica. **Livro Anual de Psicanálise**, v. 25, p. 215-227, 2011.

KLEIN, M. **A psicanálise de crianças**. Trad. Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1997. (Original publicado em 1932).

KLEIN, M. **Inveja e gratidão**. In: KLEIN, M. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963) (pp. 305-267). Trad. da 4º ed inglesa. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. (Original publicado em 1957).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de psicanálise**. (4º ed.) . (Trad. P. Tamen). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. (Original publicado em 1982)

LEITE, I. F. S. **Criação, Hýbris e Transgressão na Mitologia Heroica**. 2010 Disponível em: <http://www.ijpr.org.br/doc/monografias/Trabalho%20de%20Isabela%20Fernandes%20-%20Cria%C3%A7%C3%A3o,%20H%C3%BDbris%20e%20Transgress%C3%A3o%20na%20Mitologia%20Her%C3%B3ica.pdf>

MARINONI, B. ΑΜΕΙΛΙΧΟΣ ΑΙΔΗΣ: honras tras una muerte heroica. **AFC**, v. 22, p. 49-73, 2009.

MATOS, O. C. F. Antes da chuva: metamorfoses do círculo. **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 199-207, 2015.

MEZAN, R. Sob o signo de Thánatos. In: MEZAN, R. **Freud**: a trama dos conceitos (pp. 251-336). São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1982.

MEZAN, R. (1993). Que significa pesquisa em psicanálise. In: SILVA, M.E.L. (Coord.). **Investigação e psicanálise** (pp. 49-89). Campinas: Papirus.

MEZAN, R. Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos, reflexões. In: MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise** (pp. 395-435). São Paulo: Companhia das letras, 2002.

MEZAN, R. Pesquisa em Psicanálise: algumas reflexões. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 227-241, 2006.

MIGLIAVACCA, E. M. Dupla face do mito: modelo e função. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 36, n. 2, p. 251-262, 2002.

MIRANDA, O. B.; FAVERET, B. M. S. Compulsão à repetição e adicção. **Psicanálise & Barroco em revista**, v. 9, n. 2, p. 147-160, 2011.

MONZANI, L. R. Conclusão - A espiral e o pêndulo. In: L. R. MONZANI. **Freud**: o movimento de um pensamento, pp. 293-295. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. (Original publicado em 1989).

NAFFAH NETO, A. A pesquisa psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 279-288, 2006.

NARDI, F. T., COSTA, M. R.; FORNO, P. T. (2006). Juizado Especial Cível: superando o mito de Sísifo. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 1, n. 2, p. 22-30.

NASIO, J-D. El concepto de compulsión de repetición. **Revista de Psicoanálisis**, v.6 (número especial internacional), p. 181-96, 1998-1999.

ORTÍ, P. S. El reto de Sísifo e cómo está hecha la Trilogía de Nueva York de Paul Auster. **Trans**, v. 3, p. 1-11, 2007.

OSÓRIO, J. A. “Cessou de alçar Sísifo o grave canto”: os “suplicados dos infernos” na lírica de Camões. In: VÁRZEAS, M; PEREIRA, B. F (Orgs.). **Estudos em homenagem a Ana Paula Quintela**: as artes de Prometeu (pp. 71-82). Porto: Universidade do Porto, 2009.

PACHECO, A. P. **A honra, a glória e a morte na Ilíada e na Odisséia** (Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tdef.../ANTONIO_PADUA_PACHECO.pdf

PACHECO, A. P. Nas profundezas do Caos, sob o véu da Noite. **Revis-ta Leitura Flutuante**, v. 3, n. 3), p. 1-20, 2011.

PAIM FILHO, I. A. Compulsão à repetição: pulsão de morte “trans-in-vestida” de libido. **Revista Brasileira de Psicanálise**, n. 44, v. 3, p. 117-126, 2010.

PEREIRA, D. R.; MIGLIAVACCA, E. M. Compulsão à repetição na me-tapsicologia Freudiana. **Revista de Psicanálise**, v. 22, n. 1, p. 119-139, 2015.

PINTO, A. S. A paz no Médio Oriente: entre a esperança de Fénix e o castigo de Sísifo. **Relações internacionais**, n. 22, p. 1-12, 2009.

PIRES, M. R. G. M. **Recriar-se: arte e lúdico na educação para a saúde** (Relatório de pesquisa de estágio pós-doutoral, Universidade de Brasília, Brasília, DF), 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1270/1/RELATORIO_Pos_doutoradoREVISADO_final_31Ago2011.pdf.

REISNER, G. Revisioning the death-drive: the compulsion to repeat as a death-in-life. **Psychoanalytic Review**, v. 101, n. 1, p. 39-69, 2014.

ROCHA, N. M. F. D.; GÓIS, C. W. L. Trajetórias de jovens no mundo do trabalho a partir da primeira inserção: o caso de Sísifo em Maracanaú. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, 466-475, 2010.

RODRIGUES, N. S. A recepção da cultura grega em Flávio Josefo: Literatura, Mitologia e Religião. **Euphrosyne**, v. 31, p. 237-252, 2003.

ROMANOWSKI, R. Um estudo sobre fenômenos repetitivos e a compulsão à repetição. **Revista de psicanálise da SPPA**, v. 19, n. 1, p. 155-192, 2012.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Repetição, compulsão à. In ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise** (pp. 656-658). (Trad. V. Ribeiro e L. Magalhães). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.

SALAS, D. P.; CINTORA, A. S. Los vecinos de las viviendas sociales de alquiler del Ayuntamiento de Zaragoza y la inserción social por el empleo: el mito de Sísifo. **Acciones e Investigaciones Sociales**, v. 25, p. 79-128, 2008.

SALIS, V. D. Sísifo: o mais astuto dos mortais que tentou enganar a morte. In: SALIS, V. D. **Mitologia viva**: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar (2a ed., pp. 199-200). São Paulo, SP: Nova Alexandria, 2011. (Original publicado em 2003).

SAMPAIO, A. C. F. **O trabalho de Sísifo**: crédito a comerciantes e reprodução do sistema de aviação (1914-1919/1943-1952) (Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA), 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1959>

SAMPAIO, C. P. Algumas ideias sobre pesquisa em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 243-255, 2006.

SANTOS, L. G. **Conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Escuta, 2002.

SANTOS, O. C. O riso transgressor de Sísifo: O absurdo nas novelas de Lúcio Cardoso. **Espéculo**: Revista de Estudos Literários, n. 42, p. 1-15, 2009.

SILVA, C. G. O mito de Sísifo e a repetição. **Revista Entrelinhas**, 1(1), 1-5, 2013.

SILVA, F. M. A função dos anjos na epopeia de Soror Maria de Mesquita Pimental. **Interdisciplinar**, v. 23, ano X, p. 135-146, 2015.

SILVA, G. F. Sobre o nosso temor da morte, de E. Tugendhat. **Intuição**, v. 5, n. 2, p. 86-95, 2012.

SILVA, N. F. Motivação e mudança: de Sísifo a Heráclito. **PsiLogos**, v. 3, n. 2, p. 61-66, 2006.

SILVA, R. I. Da governabilidade do mytos ao esclarecimento do logos: Narciso, Odisseu e os padrões de beleza corporal. **Movimento**, v. 19, n. 4, 141-162, 2013.

SILVA, T. F. **Mito de Sísifo ou a grande transformação?** A experiência brasileira com programas de transferência direta de renda (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP), 2006. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls00041013_2

SOUZA, M. M. Temporalidades comprimidas dentro da poética-musical: diferentes variações de representação sobre a localização do Hades homérico. **Romanitas**: Revista de Estudos Grecolatinos, n. 2, p. 152-173, 2013.

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edições standard brasileira. Vol. 1,

pp. 341-352. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. (Original publicado em 1954).

USTARROZ, D. Lo interminable de la compulsión de repetición. In: ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA ARGENTINA. **Análisis terminable e interminable y el año 2000**: la clínica (pp. 263-268). Buenos Aires : APA, 2000.

VALDIVIESO, J. El mito de Sísifo y su significado en el mundo actual: los mitos en latinoamérica: Bolívar, José Martí y Fidel Castro. Desdén y anemia de los mitos nacionales: Lautaro y la araucana. ATENEA, v. 487, p. 135-143, 2003.

VANEGAS, L. E. C.; TRUJILLO, J.M. (2013). **Narración-mitología, una nuevo metodología**. 2013. (Dissertação de mestrado, Universidad Católica de Manizales, Manizales). Disponível em: <http://repositorio.ucm.edu.co:8080/jspui/handle/10839/569>

VERSIANI, R. **Mito e psicanálise**. (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF), 2008.

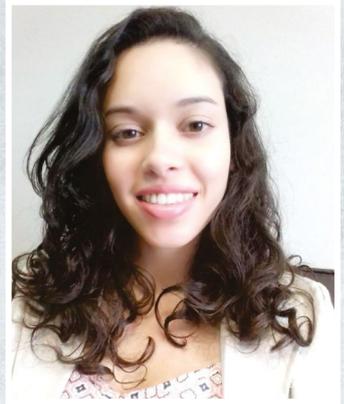
WILSON, A.; MALATESTA, C. Affect and the compulsion to repeat: Freud's repetition compulsion revisited. **Psychoanalysis and Contemporary Thought**, v. 12, p. 265-312, 1989.

ZAVALA, I. M. Sísifo, América y la repetición. **Contexto**, v. 8, n. 10, p. 91-118, 2004.

ZIMERMAN, D. Compulsão à repetição [Freud]. In: ZIMERMAN, D. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise** (pp. 76). Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZIMERMAN, D. A imantação de primitivos traumas e a sua compulsão à repetição no teatro do psiquismo. **Psicanálise em Revista**, v. 7, n. 1, p. 41-52, 2009.

ZUIN, A. A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e amor entre professores e alunos. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 583-606, 2008.



Ana Flávia Cicero Conde é Psicóloga, formada pela Universidade Estadual de Maringá, especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional pelo Centro Universitário Cidade Verde, Mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. É professora universitária e investiga temas relacionados à compulsão à repetição, mitologia grega, psicopatologias atuais e saúde mental e trabalho.

Este livro investiga o complexo conceito de compulsão à repetição na obra freudiana com o auxílio da mitologia grega, ferramenta essa que Freud utilizou em alguns momentos de sua obra.

Assim, são tecidas analogias entre os elementos fornecidos pelo mito e outros que puderam ser identificados no mecanismo da compulsão à repetição, que permitem ao leitor a compreensão de que o mecanismo de compulsão à repetição é arcaico, sendo lançado mão pelo psiquismo nos momentos em que se encontra em situações extremas, estando relacionado ao trauma, ao excessivo e ao conteúdo desligado. Ou seja, ao que é nocivo ao psiquismo por conta do seu descomedimento, porém que necessita ser tratado de alguma maneira.

O leitor também poderá visualizar que esse mecanismo não segue as regras impostas pelo princípio do prazer, ele opera de acordo com os processos primários, o pré-simbolismo, a fragmentação e a falta de integração. Não considera as suas implicações na realidade do indivíduo a quem acomete, podendo incomodar apesar de ser inconsciente, gerar tumultos, mas também a paralisção, apesar da constante movimentação do material desligado, da mesma forma que Sísifo fica paralisado por conta da punição que recebe, estando preso a uma tarefa.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-80055-63-0



9 786580 105630

+55 (44) 3045 9898
Rodovia BR 376, Km 102, nº 1.000
CEP 87.720-140 - Paranavai - PR
www.fatecie.edu.br
edufatecie@fatecie.edu.br